

Ricardo Santa Rita Oliveira

Handwritten mark

Educação, Maternidade e Progresso.
Uma análise sobre a educação das mulheres entre
1870 e 1910.

Dissertação de Mestrado, apresentada
ao Departamento de História do Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas,
sob orientação da Professora Doutora
Luzia Margareth Rago.

Este exemplar corresponde à redação
final da dissertação defendida e
aprovada pela Comissão Julgadora em:

____/____/____.

Banca:

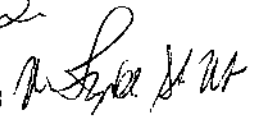
Profa. Dra. Eliane Moura da Silva



Profa. Dra. Leila Mezan Algranti



Profa. Dra. Maria Isilda Santos de Mattos



Prof. Dr. Paulo Celso Miceli

Agosto, 1995.

UNIDADE	FC
N.º DE FOLHAS	71
TÍTULO	OL4e
V.	F
N.º DE D.	25738
PREÇO	433,95
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	8811,00
DATA	29/09/95
N.º CPD	C.M.000.77080-7

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Oliveira, Ricardo Santa Rita

OL4e **Educação, maternidade e progresso: uma análise sobre a educação das mulheres entre 1870 e 1910 / Ricardo Santa Rita Oliveira . - - Campinas, SP: [s.n.], 1995.**

**Orientador: Luzia Margareth Rago.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Educação feminina. 2. Mulheres - Rio de Janeiro (RJ)-
Condições sociais - História - 1870 - 1910. I. Rago, Luzia
Margareth. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.**

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Ricardo Santa Rita Oliveira

Educação, Maternidade e Progresso.

**Uma análise sobre a educação das mulheres entre
1870 e 1910.**

CAMPINAS

1995

Dedico este trabalho a Alcides Motta,
meu avô, que muito me ajudou mas
que, infelizmente, não pode
compartilhar a alegria deste
momento.

Resumo

Esta Dissertação tem como objetivo estudar o processo de constituição da mulher enquanto agente privilegiado na formação dos indivíduos na sociedade brasileira, a partir da análise dos discursos proferidos sobre a educação, entre 1870 e 1910. Este trabalho tem como perspectiva a abordagem desses discursos enquanto uma prática instituidora do real, tomando por base os escritos de Michel Foucault. Alia-se também, aos trabalhos que buscam explorar as possibilidades abertas pela ótica relacional proposta pelos estudos de gênero.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a Deus e a minha família pelo apoio recebido durante todos os anos de estudos que resultaram neste trabalho.

Agradeço também aos amigos com os quais dividi os caminhos da graduação em História da Universidade Federal Fluminense e que viram nascer este trabalho. A Sérgio, Cláudio, Carla e aqueles que ainda hoje compõem o meu círculo de amizade. Um agradecimento especial a três amigos muito especiais. À Patrícia com quem hoje compartilho o interesse pelo estudo da condição feminina, a quem desejo sorte na hora de finalizar o seu trabalho. A Adriano, amigo da primeira turma do curso de graduação. À Dayse que junto comigo encarou o desafio das viagens, semanais, para Campinas em busca de um horizonte novo, que dividiu as “barras” e sempre me incentivou.

Agradeço aos amigos conquistados em Campinas como Flávio e Albertina. À Albertina tenho que agradecer ainda por ter me hospedado em sua casa durante o ano de créditos.

Agradeço aos professores da UFF por terem me transmitido um pouco do seu conhecimento, especialmente à Gladys Sabina Ribeiro que foi a responsável por este trabalho ter dado o seu primeiro passo, sem o seu incentivo inicial, sem o seu apoio para que tentasse o Mestrado na UNICAMP esta

pesquisa, que agora termino, estaria ainda na minha cabeça. Agradeço aos Professores da UNICAMP que através das discussões, nos cursos e nas linhas de pesquisa, em muito contribuíram para que esta Dissertação pudesse concluir-se.

Agradeço às professoras Leila e Eliane que na qualificação, com suas opiniões e críticas, ajudaram a elaborar esta versão do trabalho.

Ao CAPES pela concessão da bolsa de pesquisa sem a qual este trabalho não teria sido concluído.

Agradeço à Margareth Rago pelo apoio, pela orientação e pela competência com que me guiou pelos caminhos da construção de uma Dissertação de Mestrado. Agradeço-lhe pelas horas dedicadas e pelos “toques” que por mais de uma vez me tiraram de encruzilhadas para apontar o melhor rumo.

Por fim, porém com não menos importância, agradeço a Luciana Barbosa Arêas por ter compartilhado não só a luta para a construção deste trabalho, mas também as angústias e as dúvidas. Agradeço a compreensão e o amor que me dedicou nesses dois anos e meio do Mestrado, e nos cinco anos em que nos conhecemos. Que eu possa ter sempre em minha vida, profissional e pessoal, a sua alegria, a sua compreensão e o seu amor.

Sumário

Resumo	pág. IV
Agradecimentos	pág. V
Introdução	Pág. 01
Capítulo 1: A educação das mulheres.	pág. 10
A educação das mulheres na Historiografia	pág. 12
A educação feminina nos ofícios da Inspetoria Geral	pág. 24
Capítulo 2: Uma trama em quatro atos	Pág. 38
Aimé Martin: a formulação de base moral	pág. 44
Tito Lívio de Castro: a formulação científica	pág. 52
Visões e propostas	pág. 58
Capítulo 3: “O que queremos”	Pág. 78
Educação	pág. 84
Educação da mulher	pág. 86
A maternidade e a mãe educadora	pág. 95
Progresso social através da mulher	pág. 102
A emancipação da mulher	pág. 108
A mulher e o trabalho	pág. 120
Conclusão	Pág. 130
Anexo 1	pág. 133
Bibliografia e Fontes	Pág. 159

Introdução

O estudo da condição feminina, na passagem do século XIX para o século XX, tem se transformado, nos últimos anos, em campo fértil para a historiografia. Pode-se afirmar que, nesta época, consolida-se uma visão das mulheres e de seu papel na sociedade que vai dar o tom da maneira pela qual estas serão compreendidas ao longo do século atual.

O período marca também a transformação da sociedade brasileira, adequando-se aos padrões de “modernidade” e “civilização” característicos de uma “nova ordem”. Neste sentido, dentro do conjunto de mudanças que se faziam necessárias, a substituição das formas de vida e trabalho dos agentes sociais, por outro tipo mais adequado a esta “nova ordem”, assumia uma importância muito grande. De várias maneiras tenta-se implantar um tipo de sociedade ideal, que pudesse dar conta deste processo; a modificação do espaço urbano, a repressão à malandragem e às diversas formas populares de jogos, foram faces desse processo. A atuação sobre as mulheres desempenhou um papel fundamental para o êxito de tal empreitada dentro deste contexto.

A mulher e o seu corpo eram vistos ao mesmo tempo como símbolos, vítimas e causas da “sociedade doente” e “degenerada” que se precisava medicar e corrigir de modo que se alcançasse o progresso tão almejado. A sociedade e a cidade eram vistas como “doentes” e em “vias de

degeneralização” e, necessitavam serem tratadas para sobreviver. A metáfora da cirurgia, utilizada pelos historiadores para referirem-se às obras realizadas na cidade é, neste sentido, extremamente apropriada. O estudo, a medicação e a normatização do corpo das mulheres assumiam, então, importância vital. Essa atuação sobre as mulheres enquanto “corpo doente” e “elemento perigoso” vai ser levado a cabo por pessoas que compunham a intelectualidade da época, assim como pelo aparato policial e jurídico. É justamente através da análise dos discursos elaborados por estes médicos, higienistas, juristas e policiais que os trabalhos da historiografia têm enveredado.¹

O grande efeito de todo este desenrolar de acontecimentos é a criação de um modelo de mulher normatizada, “higiênica”, que tem suas virtudes transformadas em “lei” e impostas como única maneira legítima, necessária e aceitável para a sua apresentação. Essa mulher, essencialmente mãe, responsável através de seu corpo sadio pela garantia de gerações saudáveis, circula na mente dos homens que têm a responsabilidade de gerir a sociedade. Desta forma, surgem técnicas disciplinizadoras que visam controlar e impor este tipo de mulher. Os trabalhos de Martha de Abreu Esteves, Meninas perdidas, e Margareth Rago, Do cabaré ao lar, dão boas amostras destas técnicas.²

¹ - Dentre estes trabalhos destacamos os de Magali Engel _ Meretrizes e Doutores. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo, Brasiliense, 1989; Marta de Abreu Esteves _ Meninas perdidas. Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989; Rachel Soihet _ Condição feminina e formas de violência. mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989; Margareth Rago _ Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2ª edição, 1987 & Os prazeres da noite. Prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991; Jurandir Freire Costa _ Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro, Graal, s/d & Rosa Maria B. Araújo de _ A vocação do prazer. A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.

² - Martha de Abreu Esteves, *op. cit.*; Margareth Rago, Do cabaré ao lar..., *op. cit.*

Na bibliografia específica sobre a mulher, citada anteriormente, pode-se antever, indiretamente, na atuação de seus atores sociais uma prática educadora. Acreditamos, porém, que até o momento esta historiografia não abordou, diretamente, um aspecto que julgamos de suma importância: a educação da mulher.

Este tema configura-se em um elemento extremamente importante para que se possa compreender a constituição do ser mulher na sociedade brasileira. A análise do tipo de educação que se propunha para as mulheres, no período proposto, nos permite desvendar as tecnologias de poder que incidiram sobre elas e o processo de normatização que sofreram.

O estudo da constituição das mulheres enquanto agentes privilegiados na formação do indivíduo na sociedade brasileira não pode resumir-se a este caminho apenas. A análise da atuação dos homens sobre as mulheres deve ser feita ao lado de outra, que tenha como objetivo desvendar a posição que as mulheres tinham acerca deste processo em que estavam inseridas. Deste modo, o trabalho realizado por nós parte de uma perspectiva bi-polar para a compreensão do processo de formação do indivíduo em nossa sociedade.

Neste sentido a análise dos discursos sobre a educação feminina, entre 1870 e 1910, proferidos por homens e mulheres, na cidade do Rio de Janeiro, nos permitiu compreender sobre que bases foi estruturado o modelo de mulher que passou a se configurar como norma.

O local escolhido prioritariamente para a pesquisa foi o Rio de Janeiro, pois a sua situação de sede do governo, tanto na época em que era município da Corte quanto, posteriormente, Capital Federal, conferia-lhe uma posição privilegiada como centro político e intelectual do país. Além disto, o Rio de Janeiro funcionava como foco irradiador de idéias, ou seja, o que era dito e feito nesta cidade chegava com mais força nas demais localidades do país. Isto pode ser demonstrado pela transferência de alguns jornais femininos surgidos em

outras cidades e transferidos posteriormente para a cidade do Rio de Janeiro, na intenção de aumentarem a sua penetração.³ Os marcos temporais adotados justificam-se pelo fato de que esses 40 anos marcam, para nós, um período de efervescência da discussão sobre a educação da mulher, o que pode ser percebido pela publicação da tradução do livro de Aimé Martin (Educação das mães de família; ou a civilização do Genero Humano pelas mulheres)⁴ em 1870, que tanto influenciou as falas de homens e mulheres, e também pelo grande número de artigos, livros e jornais que abordaram este tema no período. Tanto no limite da localização quanto no da periodicidade do trabalho, reservamo-nos a liberdade de extrapolá-los quando o material encontrado fora destas especificações mostrou-se importante.

Dentro da análise a que nos propomos alguns pressupostos teóricos de Michel Foucault nos são bastante caros. O primeiro destes pressupostos, para trabalhar os discursos sobre a educação feminina, é a noção de Arquivo. Buscar o Arquivo de uma sociedade é buscar o conjunto dos discursos que o compõem sem, contudo, encadeá-los numa sucessão de outros que lhes são anteriores e dos quais possam ser consequência. O discurso deve ser analisado enquanto "acontecimento" e "coisa", ou seja, a partir do "solo" onde surge e da sua operacionalidade. O que nos interessa é a análise dos discursos enquanto monumento, trabalhando o que ele diz, não partindo para significados

³ - Este assunto será tratado mais detalhadamente no capítulo três. Sobre importância da cidade do Rio de Janeiro no período estudado ver: Jaime Larry Benchimol _ Pereira Passos: um Haussmann Tropical. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de cultura, 1990; Jeffrey D. Needell _ Belle Époque tropical. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo, Cia das Letras, 1993; José Murilo de Carvalho Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo, Cia das Letras, 1991. 3ª edição; Nicolau Sevcenko _ Literatura como Missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 1989. 3ª edição.

⁴ - Louis Aimé Martin _ Educação das mães de família; ou a civilização do Genero Humano pelas mulheres. Porto. Typ. da Livraria Nacional. 1870.

escondidos ou intrínsecos.⁵

Desta forma, analisaremos os discursos sobre a educação no Brasil entre 1870 e 1910 tendo em mente que se tratam de técnicas de poder, trazendo em si uma positividade. Esta significa a criação, através desses discursos, de uma visão de mulher que vai se transformar na maneira como a sociedade passa a entender estas mulheres. Percebemos os discursos elaborados neste período não como reflexo do real, mas enquanto uma prática instituidora deste real. Eles expressam a construção de um saber sobre as mulheres, sobre o qual se estruturam tecnologias de poder que visam normatizar as condutas sociais através dessas mulheres.

É necessário complementar esta definição de poder. Conforme já foi dito por nós, entendemos o poder como uma força positiva dentro da sociedade, no sentido que este institui realidades. Este poder não tem um ponto único de origem no tecido social, todos sofrem a sua atuação, mas todos são também pontos de origem deste poder.⁶

Outro pressuposto foucaultiano importante para nós é o da subjetivação. Quando falamos em subjetivação temos em mente o segundo volume da História da sexualidade e a entrevista que Foucault deu a Hubert Dreyfus e Paul Rabinow.⁷ Nesta entrevista Foucault afirma que a subjetivação comportaria quatro aspectos. O primeiro destes é a determinação da substância ética, ou seja, quais partes do ser e de seu comportamento devem ser o alvo de um julgamento ético; o que deve ser o elemento essencial de uma conduta moral.

⁵ - Michel Foucault _ A Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987. págs. 145 a 151.

⁶ - Michel Foucault _ História da Sexualidade 1. A vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1988, 7ª edição. págs. 88-92.

⁷ - Michel Foucault _ História da sexualidade 2. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Graal, 1988. 5ª edição. & Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. "Sobre a genealogia da ética: uma visão do trabalho em andamento." in: Carlos Henrique Escobar _ Dossier. Rio de Janeiro, Taurus Ed., 1984.

O seguinte, o modo de assujeitamento, está relacionado a maneira pela qual nos sentimos presos a algumas obrigações morais; é a maneira pela qual um código moral tem sua aceitação legitimada. O terceiro é o da elaboração de si, de uma prática de si, como se deve atuar sobre si para que seu comportamento seja conforme a um código moral; a transformação de si mesmo em sujeito da sua conduta moral. Por fim, o que Foucault chama de Teleologia, isto é, que tipo de ser se aspira, o que se pretende alcançar com essas atitudes que se movem em direção a uma conduta moral.

A subjetivação, assim definida, torna-se então extremamente importante dentro do estudo da constituição do sujeito. Foucault, com seus trabalhos sobre o poder e o saber, já indicava para um sujeito que se distanciava do sujeito "natural". Posicionava-se contra a existência de um sujeito com características universais, sobre o qual a única forma de atuação seria a repressão. No volume I da História da Sexualidade,⁸ demonstrava como o sujeito era constituído historicamente através de técnicas de poder-saber.

Nos seus últimos trabalhos, Foucault mostra como estes dois elementos até então estudados não eram suficientes para a compreensão do processo de construção histórica do sujeito. Viria a se juntar com os outros a elaboração que o próprio sujeito faz de si. A subjetivação, contudo, não deve ser encarada como o afloramento de uma verdade do ser preexistente à própria consciência. A subjetivação, a elaboração de si é feita pelo ser a partir do momento, e somente quando, ele se apresenta como ser histórico.

O que pretendemos deixar claro aqui é que o sujeito é constituído pelas relações de poder e de saber em conjunto com a elaboração de si que este faz no seu processo mesmo de vivência. Assim, podemos perceber como se apresenta para Foucault o processo da experiência humana, ela está

⁸ - Michel Foucault História da sexualidade 1... op. cit.

apoiada num tripé composto pelo saber construído em cima da atuação dos indivíduos na sociedade, pelas tecnologias de poder que incidem sobre eles e pela elaboração de si, pela subjetivação, processada pelos indivíduos.

Para completar a análise a que nos propomos, uma outra construção teórica configura-se muito importante. Os estudos sobre as perspectivas de gênero elaborados nos últimos anos. Temos em mente principalmente o artigo de Joan Scott "Gênero: uma categoria útil de análise histórica."⁹

Scott afirma que as feministas passaram a usar a palavra gênero como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos. O conceito de gênero pressupõe o abandono das teses do determinismo biológico na distinção e caracterização dos sexos, conferindo-lhes uma definição calcada sobre aspectos históricos e sociais. Os estudos de gênero trariam não só novos temas para a história, como modificariam a própria relação de importância entre os acontecimentos históricos. Operariam uma redefinição da história como nós conhecemos. Aliado aos conceitos de classe e raça, o gênero comporia o eixo principal das desigualdades de poder.

Segundo a autora, somente no final do século XX o gênero entra em questão nas ciências sociais, que até então não tinham procurado dar conta desta problemática. Ele surge no momento em que as ciências sociais colocam em discussão a forma e o conteúdo das suas produções teóricas.

Na sua definição, gênero é "um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos", e "o

⁹ - Joan Scott _ "Gênero: uma categoria útil de análise histórica." in Educação e Realidade, Porto Alegre, 16(2), jul./dez, 1990. Sobre este tema ver também: Albertina Costa & Cristina Bruschini (orgs.) _ Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1993; Margareth Rago, _ "A categoria do Gênero no Pós-Estruturalismo". Mimeo, 1995; Rachel Soibet _ "Enfoques feministas e a história: desafios e perspectivas." Mimeo, 1995.

primeiro modo de dar significado às relações de poder¹⁰.

Um aspecto dos estudos de gênero foi de grande importância para o nosso trabalho. A necessidade de se perceber a história dentro de uma perspectiva relacional, ou seja, de ter em mente que para alcançar uma visão mais complexa do processo social é necessário analisar o seu objeto de estudo sob uma ótica bi-polar. No estudo da educação feminina, no período proposto, não bastaria analisar as propostas que os homens faziam para a educação destas, era necessário ver as propostas feitas pelas próprias mulheres para a sua educação.

É neste ponto que existe o encontro entre os dois conceitos-chaves para o trabalho desenvolvido. A subjetivação de Foucault converge com o gênero para que se possa perceber a experiência humana na sociedade. Ambos partem de uma perspectiva relacional para se chegar à experiência. No caso da análise das práticas discursivas sobre a educação feminina feita por nós, esses conceitos apontam para a importância da atuação das mulheres na construção das características de seu ser. A mulher que o século XX conheceu, e que ainda reconhece, mais do que o fruto de uma sujeição imposta, é o resultado do embate entre as diferentes propostas levadas a efeito pelos homens e mulheres que desfilam suas idéias pelas páginas desta Dissertação.

A presente Dissertação de Mestrado encontra-se dividida em três capítulos. No primeiro buscaremos fazer uma contextualização do tema da pesquisa e do ambiente no qual ela busca seus frutos. Este capítulo dividir-se-á em duas partes. No primeiro segmento, faremos um balanço da aparição do tema

¹⁰ - Joan Scott, *op. cit.* pág. 14.

da educação das mulheres na historiografia que trata do estudo da condição feminina no Brasil. Buscaremos demonstrar o lugar do tema da nossa pesquisa nesta historiografia. Na segunda parte deste iremos construir um quadro da situação do ensino feminino no período abrangido pela pesquisa. Sendo mais específico, tentaremos demonstrar a situação da instrução pública feminina. Queremos ver aqui como o Estado tratava a questão da instrução da mulher.

No segundo capítulo daremos voz ao discurso masculino sobre a educação feminina. Analisaremos as propostas concretas do que podemos chamar de uma intelectualidade da época (políticos, médicos, escritores dentre outros), sobre como se deveria educar as mulheres para que elas se tornassem fonte de "progresso e civilização". Dentro da perspectiva da elaboração de um trabalho que visa uma bi-polaridade na análise do processo histórico, o capítulo dois nos introduz no primeiro pólo: a visão masculina. Buscaremos quais são as idéias e propostas que estes homens defendem para a educação das mulheres, e que definição do ser mulher estava presente em suas obras.

Nosso último capítulo aborda o discurso feminino sobre a questão da educação da mulher. A segunda ponta da análise bi-polar a que nos propomos. Este capítulo trata da análise de dois jornais femininos, editados no Brasil no período estudado, que tinham como principal interesse a luta pela melhoria da situação da educação feminina. O nosso objetivo é buscar as opiniões, e mesmo os projetos de educação, que aí estavam expressos. Esses jornais são "O sexo feminino", e "A família". Também analisaremos dois livros que tratam da situação da mulher. É neste capítulo que identificaremos um processo de subjetivação das mulheres, uma auto-elaboração enquanto sujeito do processo histórico em que estão inseridas.

A educação das mulheres

Nos últimos anos os estudos sobre a condição feminina no Brasil apareceram com uma certa força no cenário da historiografia nacional. Fruto das lutas pelos direitos das mulheres, que tomaram maior impulso a partir dos anos setenta deste século, este movimento historiográfico teve o seu maior florescimento no desenrolar da década de oitenta. Surgiram trabalhos sobre os mais variados aspectos da condição feminina. Teses que geraram livros sobre a situação da mulher no mercado de trabalho, sobre as lutas pelo direito ao voto das mulheres, sobre a presença das mulheres nas obras literárias, sobre a participação das mulheres nas lutas dos trabalhadores, sobre o papel desempenhado por elas na estrutura social e sobre muitos outros temas. Na maioria destes estudos foi privilegiado o período que abrange as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX.

Estes trabalhos procuram demonstrar como as mulheres foram o alvo das preocupações e das ações das classes dominantes no sentido de controlar as classes populares e os seus próprios destinos. Através deles pode-se ter uma boa visão das condições de existência e sobrevivência das mulheres daquele período.

O que nós pretendemos neste capítulo é fazer uma abordagem de alguns destes livros e teses que tratam a questão feminina, e que em algum

momento tocam no tema da educação das mulheres, nosso objeto de pesquisa, direta ou indiretamente. Os limites de tempo na confecção da Dissertação não nos permitiram abordar a totalidade dos trabalhos existentes nesta condição, contudo, buscaremos indicar os que são de nosso conhecimento e procedermos à análise de alguns deles mediante uma classificação desenvolvida por nós.

Em primeiro lugar analisaremos os trabalhos sobre a condição feminina no Brasil que tocam na questão da educação das mulheres (direta ou indiretamente). Estes trabalhos não têm a educação como o tema principal, mas lhe dedicam alguma atenção. Após isto trataremos dos trabalhos que abordam a imprensa feminina e que tocam na questão da educação. Estas análises são importantes, pois discutem a questão da educação feminina através das falas das próprias mulheres. Por fim, faremos uma análise de trabalhos mais recentes que abordam a questão dos estudos sobre a educação feminina sob uma perspectiva de gênero.

Este capítulo não será composto unicamente por este conteúdo. Ao lado deste panorama historiográfico, buscaremos demonstrar a situação do ensino destinado às mulheres no período estudado. A melhor maneira para executar esta tarefa é uma análise do sistema oficial de ensino, tendo em vista a dificuldade para obtenção de dados referentes às escolas particulares. Este trabalho será baseado nas informações retiradas dos ofícios da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária da Corte e depois Capital Federal, coletadas por nós no Arquivo Nacional, abrangendo um período de treze anos, de 1880 a 1892.

A partir desses ofícios demonstraremos como se estruturava o ensino para as mulheres, quais eram as suas características e quais os objetivos desta iniciativa, ou seja, que tipo de mulher pretendia-se formar a partir deste ensino.

A educação das mulheres na historiografia

Dentre os trabalhos que abordam a condição feminina, dentro de uma perspectiva histórica, acreditamos que os de Heleieth Saffioti, Jurandir Freire Costa, Ingrid Stein, Margareth Rago, Martha de Abreu Esteves, Magali Engel e Rachel Soihet¹ trazem no seu conteúdo abordagens que nos permitem perceber as características do tipo de educação que se propunha para as mulheres. Mesmos nos casos em que o tema da educação feminina não é referido diretamente, pode-se perceber através dos objetos desses autores, qual o modelo de educação presente. Para efeito de detalhe trabalharemos diretamente com três deles.

Em A mulher na Sociedade de Classes, Heleieth Saffioti pretende estudar como o fator sexo atua na sociedade classista, de modo a excluir do mercado de trabalho grande parte do contingente feminino. Rejeita a hipótese de que a mulher teria sido lançada no mercado de trabalho pelo sistema capitalista de produção. A análise da situação da mulher na sociedade classista é feita a partir da comparação entre os centros hegemônicos e os periféricos, para que se possa perceber as “determinações essenciais” do sistema, e as “invariâncias” do fator sexo nas elaborações sociais.²

A tese que a autora tenta demonstrar é que o sistema capitalista tem como um de seus elementos vitais a exclusão das mulheres do mercado de trabalho. Como o capitalismo é incapaz de absorver toda a mão de obra apta ao

¹ - Heleieth Saffioti _ A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. São Paulo, Quatro Artes, 1969; Jurandir Freire Costa _ Ordem médica e norma familiar... *op. cit.*; Ingrid Stein _ Figuras femininas em Machado de Assis. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984; Margareth Rago _ Do cabaré ao lar... *op. cit.*; Marta de Abreu Esteves _ Meninas perdidas... *op. cit.*; Magali Engel _ Meretrizes e Doutoras... *op. cit.*; Rachel Soihet _ Condição feminina e formas de violência... *op. cit.*

² - Heleieth Saffioti, *op. cit.*, págs. 15-16.

mercado de trabalho, ele cria mecanismos de exclusão de grande parte desse contingente, sem que sejam expostas as suas contradições internas. A marginalização sexual das mulheres enquadra-se neste contexto. À mulher não caberia o mercado de trabalho, mas sim, a reprodução e a socialização das novas gerações. Ao invés de lançar a mulher no mercado de trabalho, o capitalismo seria o sistema que mais limitou as atividades econômicas das mulheres.

Na segunda parte de seu livro, onde aborda o caso do Brasil, Saffioti dedica três itens à análise da situação da educação das mulheres. Esta estaria organizada de forma a direcionar a mulher para as atividades ligadas ao lar e ao casamento. Analisando os períodos da Colônia, Império e República, constata que as iniciativas educacionais visavam a marginalização da mulher, mesmo quando aparentemente lhe direcionavam ao mercado de trabalho.

“(...) a própria profissionalização feminina no setor do magistério primário não chegava ser o fruto das tendências liberais que se formavam no seio da sociedade brasileira. Significavam mais a solução do problema da mão de obra nas escolas primárias femininas dentro dos princípios da segregação sexual, que norteavam a moral da religião católica e a moral social vigente. Nestes termos, a aceitação social do exercício do magistério primário por parte das mulheres não implicava em compromissos futuros quanto à qualificação da força de trabalho feminina no sentido da profissionalização. Quando do aparecimento das primeiras escolas normais, fundadas especificamente para formar profissionais para o ensino elementar, a sociedade reagiria negativamente ao recrutamento de mulheres, sendo as primeiras normalistas tidas mesmo como pessoas sem moral.”³

³ - *Idem*. pág. 200.

As análises sobre a educação feminina feitas por Saffioti, neste trabalho, tornam-se limitadas devido ao fato de que as mulheres são sempre colocadas como vítimas da ação marginalizadora do sistema. No caso mesmo do magistério primário, se procurarmos perceber a visão que as mulheres do período tinham acerca deste, veremos que ele se configurou em uma bandeira de luta para as ativistas dos direitos femininos. ⁴ A preocupação com a explicação dos grandes movimentos do sistema capitalista fez com que a análise da situação da educação das mulheres ficasse restrita às “determinações” do sistema.

Jurandir Freire Costa⁵ nos apresenta uma outra proposta de análise, direcionada para o estudo de um caso particular: a redefinição da estrutura familiar no Brasil através da atuação dos médicos higienistas no século XIX. Não mais uma análise sistêmica, mas um estudo de caso.

Segundo o autor a atuação dos médicos higienistas foi fundamental para que se rompesse com a estrutura da família patriarcal, que se configurava no principal obstáculo para a formação do Estado nacional. Na estratégia utilizada para esta transformação a “norma” foi o agente privilegiado do poder⁶ no século XIX para a solução de urgências políticas. A estratégia da lei mostrava-se ineficiente na transformação da família em aliada do Estado. A lei controlava o exterior, mas não tocava na intimidade da família que permanecia impenetrável. A higiene surgiu como o meio mais eficaz na reestruturação do núcleo familiar, transformando-o em aliado do Estado. Este se

4 - No capítulo três desta Dissertação quando analisamos o discurso feminino, esta posição das mulheres em relação ao magistério primário fica bastante evidente.

5 - Jurandir Freire Costa. Ordem Médica e Norma Familiar... op. cit.

6 - O conceito de poder utilizado pelo autor é o de Michel Foucault. “Segundo Foucault, o século XIX assistiu à invasão progressiva do espaço da lei pela tecnologia da norma. O Estado moderno procurou implantar seus interesses servindo-se, predominantemente, dos equipamentos de normalização, que são sempre inventados para solucionar urgências políticas.” Jurandir Freire Costa. Ordem Médica e Norma Familiar... op. cit. pág. 50-51.

apresentava como tendo algo a oferecer à família, e por este caminho penetravam as estratégias normativas.

“Ao conjunto dessas exigências, a medicina respondeu com a higiene. Idealmente, a família projetada pelos higienistas deixar-se-ia manipular acreditando-se respeitada; abandonaria antigos privilégios em troca de novos benefícios, auto-regular-se-ia, tornando cada um de seus membros, num agente da saúde individual e estatal.

Desenvolvendo uma nova moral da vida e do corpo, a medicina contornou as vicissitudes da lei, classificando as condutas lesa-Estado como antinaturais e anormais. Todo o trabalho de persuasão higiênica desenvolvido no século XIX vai ser montado sobre a idéia de que a saúde e a prosperidade da família dependem de sua sujeição ao Estado.”⁷

A normatização possui uma força produtiva que extrapola as possibilidades da forma legal. Não só denunciava e punia o erro como apontava uma correção. Esta também servia à formação de uma nova estrutura para a família, redefinindo os seus papéis. Ao valorizar a infância e a adolescência, colocava em evidência os “novos” e a mulher, minando assim o poder patriarcal, empecilho à formação do Estado nacional.

Na família colonial de tipo patriarcal o pai era a figura central da família e os filhos eram secundários, só tendo valor enquanto a serviço do pai. A criança enquanto uma criatura frágil e merecedora da atenção total das famílias é uma criação do século XIX. Até este período a criança era vista como o “filho-incapaz” (aquele que não poderia ser útil na manutenção da propriedade), ou como o “anjinho” (que não necessitava cuidados pois tinha a

⁷ - *Idem*, pág. 63.

salvação da alma garantida), isto é, configurava-se na alteridade total do adulto e não era vista como uma etapa biológico-moral na formação deste.

Para este processo, segundo Jurandir Freire, era muito importante a mudança de postura da mulher perante os filhos. Os higienistas passam então a defender a educação das mulheres para que estas pudessem se enquadrar nesta nova estrutura montada para a família, onde caberia a ela educar os seus filhos.

O livro de Jurandir Freire Costa não aborda diretamente a questão da educação da mulher, embora na sua caracterização da atuação dos higienistas fique patente que este projeto tinha como um de seus elementos a transformação da mulher na mãe educadora através da educação. Apenas em alguns breves momentos o autor faz referência a este fato. A sua análise sobre o modelo de educação que os higienistas propunham apresenta um caráter assexuado, onde não fica claro se este destinava-se somente aos homens ou também às mulheres. E se o ensino destinado às mulheres tinha especificidades, quais eram elas.

Apesar disto, o trabalho deste autor é extremamente importante para qualquer estudo que vise abordar a situação da mulher no Brasil do século XIX, ou que procure trabalhar com temas ligados à família.⁸

Em Do cabaré ao lar,⁹ Margareth Rago faz a ligação entre o processo de industrialização no Brasil e a constituição de uma “empresa de moralização” entre 1890 e 1930. Demonstra que a elaboração de mecanismos de controle e vigilância constituídos pela burguesia industrial tem na redefinição da família um ponto chave.

A atuação da mulher dentro do lar torna-a um sujeito

⁸ - Outro trabalho bastante útil para se analisar a situação da família neste período é o de Rosa Maria B. Araújo de A vocação do prazer... op. cit.

⁹ - Margareth Rago Do cabaré ao lar..., *op. cit.*

privilegiado deste empreendimento. A mulher como agente normatizador, e a criança objeto da atenção e de cuidados “especiais”, são pontos importantes neste projeto de “domesticação” da classe trabalhadora.

No segundo capítulo de seu livro, “A colonização da mulher”, Margareth aborda a atuação do poder disciplinar sobre as mulheres, e demonstra como a educação foi um dos elementos utilizados como técnica de assujeitamento, incidindo sobre a mulher.

O elemento principal da atuação sobre o operariado fora da fábrica, segundo a autora, era a eliminação da diferença, a normatização do outro. Isto se daria através da imposição de um modelo de família criado pela burguesia, onde a figura feminina se mostrava muito importante. A redefinição do papel da mulher era entendida tendo em vista o modelo da esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, olhar e agente desta estrutura de poder.

Para a autora a preocupação com a educação da mulher visava apenas a prepará-la para o casamento.

“(…) a preocupação com sua educação visa prepará-la não para a vida profissional, mais sim para exercer sua função essencial: a carreira doméstica. Os conhecimentos que adquirisse deveriam, portanto, auxiliar a dissipar os antigos preconceitos que povoavam sua mente fraca e torná-la uma companhia mais agradável e interessante ao homem.”¹⁰

O Discurso médico-sanitarista do século XIX, segundo a autora, constituiu a base científica para as práticas normativas que incidiram sobre a mulher. As teses defendidas por esses médicos apontavam para a “vocação

¹⁰ - *Idem.* pág. 63.

natural” da mulher como reprodutora e circunscreviam a sua atuação ao lar. A argumentação destes estava baseada na defesa da existência de um instinto natural e no sentimento de responsabilidade procriadora que deveria ser despertado na mulher pela educação. O papel feminino difundido pelo saber médico baseava-se na maternidade como norma, e no amor materno e educação das crianças como vocações “naturais”.

Dos três livros analisados, o de Margareth Rago é o que aborda mais detalhadamente o tipo de educação que estava sendo “proposto” às mulheres. É também o que mais se aproxima do tipo de abordagem que buscamos dar a este tema no nosso trabalho. Também pode-se depreender deste comentário bibliográfico que o tema da educação feminina ainda não sofreu o tipo de análise a que nos propomos, e que será levada a efeito nos capítulos seguintes.

O tema da educação das mulheres aparece também nos trabalhos que abordam a atuação da imprensa feminina no final do século XIX e início do século XX. Este fato é bastante compreensível, pois a educação era uma das principais preocupações das mulheres que escreviam para esses jornais.¹¹ Dentre esses trabalhos, podemos citar o de Maria Thereza C. C. Bernardes, Maria Fernanda B. Bicalho, Dulcília Buitoni e o de June Hahner.¹² Analisaremos aqui o primeiro dos livros citados.

O livro de Maria Thereza Bernardes está presente neste trabalho desde o seu início. Foi através dele que tomamos contato, pela primeira vez, com

11 - Ver capítulo três dessa Dissertação.

12 - Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes Mulheres de ontem?... op. cit.; Maria Fernanda B. Bicalho O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social apresentada ao Museu Nacional - UFRJ em 1988; Dulcília S. Buitoni Mulher de papel, representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo, Loyola, 1981; June Hahner A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas 1850-1937. São Paulo, Brasiliense, 1981.

os jornais femininos que hoje são uma fonte importante para o trabalho. Em seu livro a autora dá ênfase à questão da educação da mulher. O seu principal objetivo é demonstrar que a tão falada passividade do sexo feminino, no período, não condiz com a realidade. Através, principalmente, dos jornais femininos, esta recupera uma postura ativa dessas mulheres em relação ao mundo que lhes cerca. Dividiu o trabalho em duas partes. A primeira aborda a visão dos homens sobre a mulher. Na segunda parte para a análise dos jornais femininos.

À primeira vista pode-se pensar que o livro de Maria Thereza Bernardes viria de encontro a esta Dissertação. Contudo isto não é uma realidade. Primeiro a autora trabalha com as falas masculinas e femininas enquanto reflexo do real e como partes isoladas. Ou seja, no livro citado não há a perspectiva de uma análise como a que propomos na Introdução. Uma segunda diferença está no fato de que na análise que faz das fontes a autora se mostra mais preocupada em mostrar que as mulheres do século XIX não eram tão submissas como se supunha.

Neste sentido sua análise fica prejudicada tanto quando aborda as falas masculinas, pois não percebe a positividade que estes discursos trazem, e a sua importância para a definição do que é ser mulher feita a partir de então, como quando aborda os jornais femininos, pois acaba por perceber uma conscientização, em termos de luta feminista, que acreditamos extrapolar as possibilidades das fontes.

Não queremos dizer que não havia uma consciência das mulheres de que estavam envolvidas numa luta pelos seus direitos. O que criticamos é o fato da autora afirmar que a valorização da maternidade nos jornais femininos configurava uma "estratégia feminina para convencer um mundo masculino" da necessidade da concessão de seus direitos. Estratégia consciente, como se pode perceber da análise que ela faz de um texto que defende a atuação da mulher enquanto educadora dos filhos.

“A incumbência de educar os filhos foi repetidamente ressaltada pelas jornalistas como uma das mais importantes tarefas femininas, para cujo desempenho foram sugeridas melhores condições educacionais. No entanto, a persistência de afirmações mais extremadas quanto a esse ponto, por parte de jornalistas com idéias mais amplas sobre o papel da mulher, de acordo com outras afirmações alhures, despertaram algumas conjecturas particulares. A educação dos filhos, para justificar a promoção educacional das mulheres, parece ter sido, por vezes, uma tábua de salvação para as que aspiravam elevar-se intelectualmente. Cabe perguntar se isso não teria sido um nobre pretexto para disfarçar um legítima fome de instrução, e que, de outra forma, não seria aceita pela sociedade.”¹³

O que a autora não consegue aceitar é que mulheres conscientes dos seus direitos na sociedade defendam e valorizem o seu papel de mãe de família. A negação da maternidade como elemento ligado à vida da mulher é um componente do discurso feminista recente e, pelo menos nos jornais analisados, im procedente. A subjetivação que estas autoras estão fazendo do seu papel na sociedade implicava maior liberdade e direitos, mas não excluía o seu papel de mãe, como demonstraremos no terceiro capítulo desta dissertação.

A autora, em nossa opinião, também exagera do uso da descrição. O texto do livro é basicamente composto de citações sem que haja uma análise mais profunda das implicações dos textos citados.

Após estas considerações sobre o trabalho de Maria Thereza C. C. Bernardes, abordaremos o último aspecto seleccionado por nós para demonstrar a presença do tema da educação na historiografia sobre as mulheres.

¹³ - Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes Mulheres de ontem?... *op. cit.*, pág. 161.

Nos últimos anos esta historiografia viu crescer em importância, para os seus estudos, as teorizações acerca das questões de gênero. Muitos textos estão sendo produzidos para tentar dar conta da operacionalização dessa categoria. Dois desses textos têm especial relevância para o tema que estamos tratando aqui, pois abordam justamente a possibilidade de utilização dos estudos de gênero na história da educação.

“Pensar categorias em história da educação e gênero” de Eliane Marta Teixeira Lopes¹⁴ é o primeiro desses textos. Nele a autora começa por afirmar a sua visão sobre a história. Para ela o trabalho do historiador é o de construção do passado, de representação deste passado, e não a recuperação do que realmente aconteceu.

Eliane defende que o próprio trabalho do historiador lhe fornecerá as categorias com as quais ele comporá a sua análise do objeto de estudo. A autora afirma a necessidade de se categorizar a produção do conhecimento histórico, e faz uma diferenciação entre categorias históricas e categorias da história.

“Categorizar, atrevo-me a uma definição, é a tarefa de organizar o material coletado, a partir de perguntas, para dar inteligibilidade ao problema posto. As categorias têm, pois, uma especificidade: servem a problemas e a pesquisadores específicos, em realidades e tempos sociais determinados. É a isto que Perelman chama de categorias históricas, diferentes de categorias da história, em uso na história. Exemplifico: se trabalho com história da educação (dentro de espectro de temáticas muito amplo) três categorias da história se impõem à partida: gênero, classe social e raça. O objeto escolhido, sua problematização, a escanção feita desse problema, as fontes

¹⁴ - Eliane Marta Teixeira Lopes _ “Pensar categorias em história da educação e Gênero” in Projeto História, São Paulo, (11), novembro, 1994.

escolhidas e os documentos coletados e a clareza da inserção social e cultural do pesquisador “oferecerão” as categorias históricas.”¹⁵

Sobre a questão do gênero, defende que este é uma categoria analítica que tematiza a diferenciação sexual como fruto das relações sociais, negando a causalidade de um determinismo biológico. O gênero não excluiria a necessidade de outras categorias como classe social e raça por exemplo, para a análise dos temas sociais.

Segundo a autora a utilização da categoria gênero é muito vantajosa pois “permite ampliar a capacidade de relacionar, porque traz virtualmente, mas obrigatoriamente, essa qualidade.”¹⁶ O gênero é uma categoria relacional porque exige necessariamente um cruzamento com outras categorias, porque supõe também o estudo dos homens. Não mais uma história das mulheres (ou uma história universal onde as mulheres estão ocultas), mas uma história de homens e mulheres. Por fim, o gênero se constitui tendo em vista o outro, homem e mulher são categorias que se definem mutuamente.

A autora conclui o seu artigo apontando para as possibilidades do uso da categoria de gênero na história da educação. A análise da educação proposta nos colégios para meninos e meninas, junto a uma análise do seu desempenho e características, é uma delas.

“Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero” de Guacira Lopes Louro¹⁷ é o segundo artigo ao qual nos referimos. Tomando por base Joan Scott, a autora afirma que o gênero deve ser entendido

15 - Idem. pág. 21.

16 - Idem. pág. 25.

17 - Guacira Lopes Louro _ “Uma Leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero” in Projeto História, São Paulo, (11), novembro, 1994.

como elemento constitutivo das relações sociais, expresso nas práticas normativas que compõem uma cultura dada e como o modo mais imediato de expressão das relações de poder.

Segundo a autora existem dois caminhos para se trabalhar a história da educação sob uma perspectiva de gênero. O primeiro deles é privilegiar as pesquisas que tratam do processo de socialização e educação de meninos e meninas, tentando perceber a construção de uma feminilidade e de uma masculinidade. Como segundo caminho uma leitura de gênero da história, ou seja, uma observação da construção dos gêneros. No primeiro uma abordagem do cotidiano, no segundo uma visão mais abrangente da questão, através de uma análise mais processual da formação dos gêneros.

O gênero expressa, para a autora, uma grande pluralidade. Podem haver várias construções de gênero numa mesma sociedade tendo-se em mente categorias como classe, raça e religião. Constitui-se em uma categoria dinâmica, em constante transformação, onde seus elementos não são impostos unilateralmente pela sociedade, comportando a atuação dos sujeitos como determinantes e determinados.

A autora afirma que se deve ter em mente que na constituição dos gêneros estão presentes também características biológicas. A negação disto, segundo ela, implicaria em uma vulnerabilização da análise das perspectivas de gênero.

“Penso portanto que só podemos avançar em nossa leitura da história (e da história da educação) sob a perspectiva de gênero, na medida que efetivamente aceitamos que essa categoria é, ao mesmo tempo, social (portanto histórica) e biológica. Ao minimizarmos (às vezes até ignoramos) a dimensão biológica presente no gênero, ficamos, no meu entender, extremamente vulneráveis às críticas e de certo modo acabamos por favorecer aqueles que pretendem ver nas distinções

físicas a explicação final para as distinções sociais. Se, inversamente, enquanto historiadores(as), formos capaz de considerar e integrar o biológico à história, poderemos demonstrar que o próprio corpo é “lido” histórica e socialmente, ou seja, que também as concepções sobre o biológico dão-se num contexto sócio-histórico.(...)”¹⁸

A educação dos homens e mulheres teria no seu conteúdo uma construção social e corporal, transmissão e aprendizagem de valores e conhecimentos, mas também a internalização de gestos e posturas.

Guacira Lopes Louro conclui afirmando que na análise dos processos educacionais é necessário perceber as diversidades sociais e a sua própria complexidade, tendo em vista as determinações de gênero, classe e raça.

Após esta amostragem sobre a presença do tema da educação feminina na historiografia, faz-se necessário demonstrar, conforme o dito no início do capítulo, qual era a situação do ensino feminino no período abrangido por esta Dissertação, para que possamos perceber o ambiente no qual surgem as propostas para este ensino e que serão analisadas por nós nos capítulos posteriores.

A educação feminina nos escritórios da Inspeção Geral

Os trabalhos que visam estudar a situação da educação no final do Império e início da República são, na sua maioria estudos originários da área de educação. Os livros são bastante descritivos. A pouca análise existente geralmente é feita na forma de uma comparação entre a forma institucional da instrução e a demonstração do caráter elitista desta. Dentro deste quadro

¹⁸ - *Idem*, pág. 40.

podemos citar o livro de José Antônio Tobias, História da educação brasileira e o de Jorge Nagle Educação e sociedade na primeira República.¹⁹ Os estudos existentes sobre a educação feminina normalmente abordam temporalidades atuais, como o livro organizado por Fulvia Rosemberg, A educação da mulher no Brasil,²⁰ que localiza o foco dos artigos na década de setenta e início da de oitenta desse século.

Devido a este fato, e como não é nossa intenção um estudo detalhado sobre os mecanismos de funcionamento do ensino no período, trataremos aqui de tentar construir um quadro demonstrativo da situação do ensino, na época estudada por nós. Para que fosse possível este objetivo pesquisamos nos Ofícios da Inspetoria Geral da Instrução primária e secundária.

A documentação escolhida trata do ensino promovido pelo poder público. Este era ministrado em escolas localizadas muitas vezes nas casas dos próprios professores, e destinava-se, na maioria dos casos, à população mais pobre. A adoção dos ofícios, e do ensino público, como fontes principais para a demonstração da situação da educação no período deve-se ao fato desta fonte ser mais acessível, pois seria muito difícil a localização de documentos referentes às iniciativas particulares, já que na sua maioria o ensino feminino era ministrado, mesmo no caso de particulares, com uma estrutura como a descrita acima. Os colégios que existiam eram muito poucos e na sua maioria destinavam-se às filhas da elite do período, muitas vezes de cunho religioso, mantendo-se à margem das propostas educacionais discutidas nesta Dissertação.²¹

Os ofícios eram de certa forma correspondências da Inspetoria Geral da Instrução pública, órgão ligado à administração imperial e depois

19 - José Antônio Tobias - História da educação brasileira. São Paulo, Ibrasa, 1986; Jorge Nagle Educação e sociedade na primeira República. São Paulo, EDUSP, 1974.

20 - Fulvia Rosemberg, et alii - A educação da mulher no Brasil. São Paulo, Global, 1982.

21 - Ver Jeffrey D. Needell - Belle Époque Tropical... *op. cit.*, págs. 81-86.

federal que controlou o ensino na cidade até 1893, quando esta responsabilidade passou para o município. O caráter desta correspondência era múltiplo, tratava tanto de assuntos internos da Inspetoria como de temas ligados aos professores(as) e à relação deste órgão com os que lhe eram superiores. Sua importância, além dos assuntos tratados, está na sua forma. Os ofícios tinham em sua maioria uma organização semelhante a de um processo. Citando um exemplo, quando uma professora pedia gratificação por tempo de serviço o ofício continha o pedido da professora, o parecer da Inspetoria encaminhando ao ministério e a resposta do órgão competente ao mesmo.

Foram pesquisados 13 anos (1880 a 1892) dos ofícios da Inspetoria, fazendo um total de 3.869 ofícios. Desses, 482 referem-se especificamente a temas sobre mulheres (ver quadro 1), fazendo um percentual de 12,46%. Apesar deste número poder parecer pouco significativo, ele assume uma importância muito grande pois revela-nos alguns dados realmente relevantes sobre a dinâmica do ensino feminino oficial, tais como regulamentos para o funcionamento das escolas, relatórios que continham o número de escolas funcionando e o número de matriculados (descriminados por sexo), dentre outros.

A primeira coisa a dizer sobre a questão de como se dava o ensino feminino é que as escolas funcionavam sob a responsabilidade de um professor(a) e não nos moldes de colégios. Um professor(a), numa casa sustentada pelo Estado, recebia um número de 50 alunos para ensinar de acordo com um programa determinado pela Inspetoria Geral da Instrução. A partir do aumento da frequência dessa escola o professor(a) teria direito a um ou mais adjuntos, como nos mostra o ofício nº 258 de 19/07/1880, onde Josephina Joana Adelaide Ribeiro é nomeada professora adjunta na 4ª escola pública de meninas da freguesia de São Cristóvão, devido ao fato desta escola contar, na data do ofício, com oitenta e cinco alunas. Neste ofício é citado o decreto nº 6479 de 18

Relatório dos temas abordados nos ofícios da Inspeção Geral
(Relacionados a mulheres)

	1880	1881	1882	1883	1884	1885	1886	1887	1888	1889	1890	1891	1892
Sobre professores	2	1		1									
Nomeação de professora (1)	9	8	15	11	10	5	8	5	2	1	2	1	
Mudança de nome de professora (2)	6	7	4	7	6	4	3	5	6	3	8	11	
Pedido de Nomeação	5	1									4		
Mudança da localização da escola	20	13	18	15	8	4	3	1	11	4	3	5	8
Comissão para exames	1												
Obras nas escolas	3	4	1										
Pedido de dispensa de exames	1	4	4	8	9						2		
Denúncia contra professora	4		3			1							
Adoção de livros	1	1											
Cobrança de aluguel		1										1	
Pedido de licença		8	12	10							3		
Subvenção para alunos pobres		1											
Subvenção para escola particular		10	8	11	1						3		
Gratificação por tempo de serviço		2	12	4							1		
Ensino religioso		1											
Exoneração de professora (3)		1	3	5	2			1			2		
Escolas mistas		1											
Promoção de professora		1	3	1									
Permuta de escolas entre professoras		1	2	1								1	
Solicitação de transferência		1	1										
Falecimento de professora			1	1	3	3	3				1		
Relatório de atividades da Inspeção								1	1	1			
Assuntos gerais (4)		2	6	2	2	1	2	3	1	3	1	3	3
Total	52	67	89	81	41	18	20	16	22	13	29	23	11

(1) - As nomeações podem ser para Titular, Adjunta efetiva, adjunta interina ou para substituta.

(2) - A mudança de nome era por motivo de casamento.

(3) - Inclui exoneração voluntária.

(4) - Em 1888 o ofício se refere a possibilidade de um curso noturno para mulheres.

de janeiro de 1877, que no artigo sete trata da nomeação de professores adjuntos.

“Toda escola de 1º grau será regida por um professor ou professora, cathedaticos. Si o numero de alumnos, que frequentam regularmente a escola, exceder de 50, haverá tambem um professor ou professora adjuntos; si exceder de 100, haverá dois adjuntos ou adjuntas, e si exceder de 150 haverá tres.”²²

Sobre as professoras podemos ainda fazer algumas considerações baseadas no conteúdos dos officios. Podemos afirmar que muitas delas ingressavam no magistério ainda muito novas, como comprova o officio nº 23 de 23/01/1883 que trata de uma proposta para que a Inspetoria Geral pagasse as passagens para as acompanhantes das adjuntas muito “moças”. O pedido foi recusado sob alegação de falta de recursos. Sobre a sua moradia, é lícito dizer que muitas moravam com suas famílias, na mesma casa onde desempenhavam o seu trabalho como professoras. Vários officios tratam da questão do aluguel que deveria ser cobrado das professoras que ali residiam, como o de nº162 de 12/08/1887, onde o Inspetor Geral ordena que se passe a cobrar o aluguel de uma professora.

Uma última consideração a respeito das professoras, que se pode tirar da documentação, diz respeito a sua qualificação. As professoras eram contratadas através de seleção feita por meio de provas de conhecimento, ou por solicitação que poderia ser feita até mesmo pela própria postulante. Era necessário também que ela comprovasse habilitação. Contudo, essa

²² - Inspetoria Geral da Instrução primária e secundária da Corte. Officios do Inspetor Geral, nº 258 de 19/07/1880.

comprovação nem sempre significava conclusão do curso da Escola Normal, como se pode perceber através do ofício nº 05 de 05/01/1882, onde a nomeação de uma professora é apoiada apenas em cartas de recomendação de alguns de seus professores.

As casas onde estavam localizadas as escolas geralmente encontravam-se em situação muito precária. Algumas em condições tão ruins que ocasionavam a mudança da escola para outra localização. O quadro 1 mostra que durante o período visto por nós o número de mudanças foi muito alto, chegando ao montante de 113 mudanças, sem levarmos em conta os oito ofícios referentes a obras realizadas nas escolas. Nem todas as mudanças de localização das escolas são decorrentes das más condições, mas podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que compõem a esmagadora maioria. Se levarmos em conta que o número de escolas femininas sempre oscilou em torno de cinqüenta²³, isto configura-se em um fato grave.

Heleieth Saffioti e Rosa Maria Barbosa de Araújo²⁴ afirmam que o número de escolas primárias femininas foi sempre inferior ao número das masculinas durante o Império e que o número de educandas foi, igualmente, inferior. No caso de Rosa Araújo a afirmação é específica sobre o município da Corte. Esta informação não é confirmada pelos dados contidos nos ofícios da Inspeção Geral da Instrução. Em 1880, segundo o ofício nº 01 de 05/01/1880, o número de escolas masculinas de primeiro grau era de 44 contra 46 de escolas femininas. Em 1882, segundo o ofício nº 381 de 04/10/1882, o número de escolas masculinas de primeiro grau era de 48 contra 46 de escolas femininas. E pelos dados extraídos do Relatório da Inspeção Geral de Instrução de 1886

²³ - Em 1880 era de 46, número que se manteve em 1882, e sobe para 47 em 1885. Inspeção Geral da Instrução primária e secundária da Corte. Ofícios do Inspetor Geral, nº 01 de 05/01/1880; nº 381 de 04/10/1882 e sem número de 31 /03/1886.

²⁴ - Heleieth Saffioti, *op. cit.*, pág. 197; Rosa Maria B. de Araújo A vocação do prazer... *op. cit.*, pág. 70.

(referente ao ano de 1885) pode-se ver que o número de escolas para o sexo masculino, e para o sexo feminino, é rigorosamente igual: 47.

O número de alunos que freqüentavam as escolas também não comprovam a afirmação das autoras citadas. A partir dos mesmos officios citados acima, vemos que em 1880 para 2463 alunos que realmente freqüentaram as escolas masculinas, temos 2846 alunas nas escolas femininas. Em 1885²⁵ o número de alunos nas escolas masculinas era de 3231, contra 4316 nas escolas para meninas. No Relatório da Inspeção Geral de Instrução de 1887 (referente ao ano de 1886), encontra-se um quadro comparativo da freqüência dos alunos nas escolas primárias da Corte que também aponta nesta direção.

Alunos	Trimestres			
	1º	2º	3º	4º
Masculinos	3282	3611	4072	4040
Femininos	3223	3730	4142	4132
Somma	6505	7341	8214	8172

Sobre essa questão é necessário fazer-se duas considerações. Primeiro, acreditamos que estes dados são verdadeiros, pois os officios eram uma documentação interna da administração pública onde não haveria a necessidade de falsear os dados para a opinião pública. Segundo, a diferença entre o ensino ministrado aos homens e às mulheres não está numa suposta marginalização destas últimas no que tange ao seu acesso ao ensino. A diferença está no conteúdo do que era ensinado e no tipo de ser que se procurava formar.

Antes de tocarmos nestas duas questões, que dizem respeito ao conteúdo do que era ensinado, gostaríamos de continuar com algumas teses da

²⁵ - Não há dados deste tipo para o ano de 1882.

historiografia sobre as mulheres que os dados contidos nos ofícios levam-nos a relativizar.

Uma afirmação bastante comum na historiografia sobre mulheres é que o trabalho era uma alternativa aceitável apenas para as mulheres que não conseguissem um bom casamento. Os trabalhos de Marta Esteves e Rachel Soihet²⁶ mostram-nos como nas camadas populares essa norma do casamento não era a regra, e que muitas mulheres trabalhavam para o seu sustento. Os dados contidos nos ofícios permitem-nos afirmar que o trabalho feminino era aceitável não só nos setores mais baixos da população, mas também era reconhecido pelo próprio governo.

Tomando por base os dados contidos no quadro 1, podemos perceber um alto número de mudança de nome das professoras. Esta dava-se por motivo de casamento. Levando-se em conta que o ofício de 05 de janeiro de 1880 nos informa um número de professoras igual a 93; que o ofício de 04 de outubro de 1882 nos fornece um número de 117 professoras e que o número de nomeações para todo os 13 anos é de 77, o número de 70 pedidos de mudança de nome é significativo. Somando-se os números de 1882 com o de nomeações, temos um percentual de 36,08% das professoras que mudaram de nome por motivo de casamento. Isto é bastante significativo, principalmente, porque estas professoras continuavam a trabalhar após o casamento. Os ofícios de mudança de nome tinham geralmente a forma de um comunicado à tesouraria para que esta pudesse fazer o pagamento à professora.

O outro fato que os ofícios nos ajudam a relativizar é o da dependência das mulheres no que trata das questões econômicas. É certo que a legislação do período estabelecia para o homem a supremacia nas decisões

²⁶ - Marta de Abreu Esteves _ Meninas perdidas... *op. cit.*; Rachel Soihet _ Condição feminina e formas de violência... *op. cit.*

econômicas.²⁷ Contudo, muitas mulheres não limitavam a sua atuação por esse motivo como Maria Thomazia de Oliveira e Silva, que toma a iniciativa de contratar a obra e comprar o material para a execução da mesma em sua escola. Assim nos mostra o ofício nº 118 de 22/03/1880.

“Peço a V. Ex.^a a expedição das ordens necessárias para que se pague a Professora da 2ª escola pública de meninas da freguesia do Engenho Velho, D. Maria Thomazia de Oliveira e Silva, a quantia de cento e vinte mil reis (120||000), importancia proveniente da aquisição de cento e sessenta kilos de cano de chumbo e respectivo, collocados para introduzir água no Próprio Nacional em que funcionam as escolas públicas, 1ª de meninos e 2ª de meninas da mesma freguesia do Engenho Velho, conforme consta do recibo incluso.”²⁸

Remetido ao Ministério de Negócios do Império, recebe parecer favorável e o pagamento é feito. Devido à necessidade o governo reconhece como legítima a iniciativa econômica de uma mulher.

Conforme dito anteriormente deve-se buscar a diferença do ensino destinado a homens e mulheres no seu conteúdo e no tipo de indivíduo que se pretendia formar. No caso do conteúdo do ensino que era ministrado, percebe-se claramente que para os responsáveis pela instrução neste período a escola deveria preparar a mulher para desempenhar tarefas ligadas ao lar. Embora nos programas e regimentos internos das escolas a maioria das matérias fossem as mesmas para meninos e meninas, a exclusividade dos “trabalhos de Agulha” para o sexo feminino demonstra bem isso.

²⁷ - Rosa Maria B. de Araújo _ *A vocação do prazer... op. cit.*, pág. 65.

²⁸ - Inspeção Geral da Instrução primária e secundária da Corte. Ofícios do Inspector Geral, nº 118 de 22/03/1880

No programa para as escolas primárias contido no officio nº 273 de 03/08/82 as matérias são as seguintes: instrução moral e religiosa, leitura, escrita, noções de coisas, noções essenciais de gramática, princípios elementares de aritmética, sistema legal de pesos e medidas, noções de história e geografia do Brasil, elementos de desenho linear, rudimentos de música com exercícios de solfejo e canto, ginástica e costura simples. As matérias incluídas entre noções de história e ginástica eram consideradas matérias facultativas.

O regimento interno para as escolas do primeiro grau do Distrito Federal, aprovado pelo Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos em 1891²⁹, difere muito pouco do mostrado acima. No programa das escolas primárias, sai a instrução moral e religiosa para entrar a instrução moral e cívica. Aparece também neste programa a disciplina de trabalho manual para os meninos.

No seu vigésimo artigo afirma que os meninos de até oito anos de idade poderão freqüentar as escolas primárias de primeiro grau do sexo feminino. Isto não era uma novidade, pois na reforma Leôncio de Carvalho de 1879 a criação de escolas mistas já estava prevista³⁰ e existiam no período Imperial escolas mistas sustentadas pela Inspeção, como demonstra o officio nº 76 de 22/03/88 onde das dezesseis escolas de meninas subvencionadas pelo governo, quinze tinham entre os seus freqüentadores crianças dos dois sexos.

Sobre o tipo de mulher que se pretendia formar, o officio nº 376 de 11/10/80 revela-nos dados interessantes. Os officios, como dissemos no início do item, e como já ficou claro nos analisados por nós, tinham a forma parecida com a de um processo. No caso deste último isto fica ainda mais evidente. O assunto do qual trata diz respeito à adoção, por parte da Inspeção Geral, de um

²⁹ - Inspeção Geral da Instrução primária e secundária da Capital Federal. Officios do Inspector Geral, nº 219 de 10/06/1891.

³⁰ - José Antônio Tobias História da educação brasileira... *op. cit.*, capítulo dois

livro voltado para o ensino das meninas. O Reitor do externato do Colégio Pedro II compra em um vendedor ambulante um livro, sem autor declarado, que, segundo ele, seria muito útil para a educação das meninas, nas escolas públicas, por conter conselhos higiênicos sobre a vida da mulher e ser escrito de forma simples e direta.

“(...) o livrinho que ora offereço á consideração de V. Ex.^a. É como V. Ex.^a verá, um livrinho despretensioso, modesto, que encerra preceitos e conselhos de hygiene, expostos methodicamente, em linguagem natural, claro, e em estylo que a mim se me affigura, ao menos até certo ponto, ameno. (...)”³¹

O Reitor envia o exemplar do livro ao Inspetor Geral, junto com a recomendação, e este inicia o processo para a sua adoção. O livro é considerado bom para ser adotado nas escolas públicas de meninas, porém isto não chega a acontecer, pois não foi encontrado mais nenhum exemplar no mercado. Muito mais importante do que a sua efetiva adoção, ou não, é o fato de que o livro tenha sido aceito como representativo das idéias que se pretendiam para as mulheres. Importante é também o fato de que no officio pesquisado estava anexado este único exemplar citado.

O livro chamava-se A alegria da casa. Ou raios de luz sobre a vida familiar.³² Não havia declaração de autoria, contudo, há a indicação de que o autor era do sexo feminino, visto que na dedicatória do livro assina: a autora.

³¹ - Inspeção Geral da Instrução primária e secundária da Corte. Offícios do Inspetor Geral, nº 376 de 11/10/1880.

³² - A alegria da casa. Ou raios de luz sobre a vida familiar. Rio de Janeiro, Typographia Universal de E. & H. Laemmert, 1875. 2ª edição.

Como o título pode sugerir, este era um manual destinado a ensinar as mulheres a melhor governarem a casa dentro dos preceitos higiênicos elaborados no período³³, o que se pode depreender dos títulos dos capítulos.

Eram dez capítulos com os seguintes títulos: “Acerca da cozinha”, “Acerca do quarto de dormir”, “Acerca das salas”, “Acerca das janelas e exterior da casa”, “Acerca das despesas da casa”, “Acerca do asseio do corpo”, “Acerca do vestuário”, “Acerca do tratamento de doentes”, “Acerca do tratamento dos filhos”, “Acerca de marido e mulher”.

Acreditamos que o livro destinava-se às mulheres das camadas populares, visto que todos os trabalhos da casa deveriam ser executados diretamente pela dona da casa, e por não haver um capítulo sobre como tratar com empregados. A própria indicação para uso nas escolas públicas também aponta nesta direção.

Em “Acerca do tratamentos dos filhos”, a autora começa pelos cuidados que se deve ter para com os recém-nascidos. A mãe deveria manter a criança sempre limpa e vestida de maneira simples, com roupas folgadas e adequadas ao clima. Desde cedo deveria buscar impor o respeito pela sua autoridade à criança para que ela a obedecesse sempre prontamente. À mulher deveria caber a responsabilidade pela educação dos filhos e, em nenhum momento a autora fala na obrigação do pai neste processo. A educação deveria ser feita principalmente através do exemplo e da formação de hábitos, o que estava totalmente de acordo com os discursos que analisamos em nosso trabalho.

“Finalmente, nunca deveis esquecer que é pelo vosso exemplo, mais do que pelas vossas palavras, que estais

³³ - Ver Magali Engel _ Meretrizes e Doutores... op. cit., e Jurandir Freire Costa. Ordem Médica e Norma Familiar... op. cit.

educando os filhos. A vossa vida quotidiana é a sua instrução diária. (...)”³⁴

O modelo de mulher que este livro constrói vincula categoricamente a atuação da mulher aos seus afazeres domésticos, e ao cuidado dos filhos e do marido. Coloca-a, também, como a principal responsável pela penetração de uma tecnologia de poder, baseada na higiene, dentro dos lares das camadas populares. Fica evidente que as mulheres deveriam ser os agentes da conversão da sociedade vigente em outra baseada na disciplina.

Após todas essas considerações sobre a situação do ensino feminino, acreditamos que uma boa maneira de encerrar este item do capítulo, e o próprio capítulo, é dar voz a uma professora primária, para que através de suas críticas possamos ver os limites daquela estrutura de ensino.

O ofício nº 138 de 24/04/1882, que trata do pedido de gratificação de 25 anos de serviço da professora Amália Justa dos Passos Coelho e Silva, traz em seu volume uma carta desta onde responde a uma solicitação da Inspeção para que comprove que tem direito a esta reivindicação. Revolta-se com este fato e faz duras críticas ao sistema de ensino.

“(…)

Qualquer escola particular tem um director, um professor para cada matéria, substitutos, inspectores, porteiros etc. Mas a escola publica destinada aos filhos das classes mais pobres, e por conseguinte mais ignorantes e desenvoltos; por isso mais difficil à ordem e o trabalho do ensino: são estas que contam com um só professor para dirigir e lecionar todas as matérias, vigiar os alumnos, estudal-os, attender todas as reclamações, fazer a escripturação e finalmente substituir o porteiro e guardar

³⁴ - *A alegria da casa... op. cit.,* pág. 38.

a porta, para salvar a moralidade tão necessária n'uma escola de meninas.

Isto é impossível! O impossível Ex^{mo} Senn^o, pode ser ordenado, mas nunca executado.³⁵

Amália pede um aumento de pessoal nas escolas, pois, segundo ela, é impossível dar conta de ensinar todas as matérias e ainda os trabalhos de agulha. Os professores teriam vantagem, pois sua obrigação era de ensinar somente as matérias.

O alto índice de reprovação é apontado como consequência do esgotamento do professor e da impossibilidade dele dar atenção a todos os seus alunos. O ensino primário necessitaria de mais pessoas trabalhando, pois as crianças mais novas têm necessidade de maior atenção, o que é muito difícil nas condições em que se encontrava. Reclama ainda a professora que apesar de contar com setenta alunos em sua escola não tinha conseguido ainda a nomeação de nenhuma adjunta. No caso de escolas de meninas, como a sua, considera a situação mais grave pois as meninas deixavam a escola muito cedo para ajudarem nos trabalhos domésticos de sua família. Acreditamos que a professora se refere a uma situação diária, e não ao abandono da escola.

“É mais indispensável redobrar o pessoal das escolas de meninas, pois seu ensino deve ser rápido e não se pode perder um só minuto, pois as meninas pobres deixam a escola muito cedo para ajudarem suas famílias nos trabalhos domésticos.”³⁶

35 - Inspeção Geral da Instrução primária e secundária da Corte. Offícios do Inspector Geral, nº 138 de 24/04/1882. Em negrito no original.

36 - *Idem*.

Amália Silva pede a formação de professoras especializadas em costura, para que o trabalho seja dividido. Argumenta que, sendo a mulher quem guia os primeiros passos do homem, não se deve fazer economia com as suas escolas.

Feito este panorama das questões que englobam o estudo da educação da mulher, seja em relação à historiografia, seja referente à situação do ensino feminino no período, podemos seguir adiante tendo a certeza de que a análise discursiva que se pretende está mais embasada. Nos próximos capítulos dessa Dissertação buscaremos analisar as falas de homens e mulheres acerca da educação feminina, para que possamos perceber as suas visões e as suas propostas.

Uma Trama em quatro atos

O objetivo central da pesquisa efetuada no mestrado é estudar as propostas e práticas educacionais para o ensino das mulheres, no Rio de Janeiro entre 1870 e 1910. A análise da constituição das mulheres como agente privilegiado na formação dos indivíduos (homens e mulheres), que sustentaram e sustentam as estruturas de poder.

Neste capítulo pretendemos dar voz a alguns autores que escreveram sobre as mulheres, seu papel e importância para a sociedade de então e para as gerações futuras. É importante neste momento delimitar o tipo de mulher a quem estes autores se dirigiam. Podemos afirmar sem sombra de dúvida que a mulher de elite e a da classe média formavam o público alvo da maioria destes autores, tendo em vista que estas tinham maior acesso à leitura e, também, possuíam as condições materiais para esta prática. Contudo, não podemos desprezar o alcance destas idéias em direção às camadas populares. Iniciativas como a das “Conferências Populares”, que se destinavam, como bem sugere o seu nome, a levar o tema da educação até o povo, demonstram que havia uma preocupação em passar estas idéias ao maior número de pessoas possível.¹

¹ - A partir desta iniciativa chegou-se a elaborar uma revista de mesmo nome, que foi organizada em 1876 com a finalidade de transcrever as conferências realizadas no salão dos edifícios das escolas públicas da freguesia da Glória, iniciadas em 1873, sob a direção do Conselheiro Manoel Francisco Correia.

Deve-se também ter em mente que estes livros destinavam-se também à leitura dos homens.

O texto aqui apresentado baseia-se quase que exclusivamente em livros e artigos publicados dentro do período estudado, contudo, tomamos a liberdade de extrapolar este limite quando se fez necessário, mediante o surgimento de fontes importantes.

A relevância da documentação utilizada, como base para esta parte do trabalho, se dá na possibilidade de, através dela, perceber-se a visão que estes homens tinham então sobre as mulheres e a sua função na sociedade, permitindo-nos recompor os caminhos da idealização da figura feminina, empreendida nesse período, e com ecos ainda relevantes na sociedade atual. Temas importantes surgem desses textos, como a função das mulheres na sociedade, o casamento, o “espírito feminino”, o progresso da civilização através da educação das mulheres, a educação intelectual das mulheres, a emancipação das mulheres, a maternidade e a educação das crianças. Temas que aparecerão com maior ou menor destaque no texto por nós, produzido em proporção direta à importância dada a eles, nos textos estudados.

Quanto às formas de se trabalhar com esta documentação para a confecção deste trabalho, havia duas possibilidades. A primeira seria a apresentação dos documentos pelo seu autor, quer dizer, tomaríamos cada livro ou artigo e os analisaríamos enquanto uma unidade. A segunda possibilidade seria a divisão temática, introduzindo os textos de acordo com a sua inserção no tema estudado. Fizemos a opção pelo segundo método, contudo, julgamos necessário abrir duas exceções. Dois livros que, pela sua importância, devemos analisar isoladamente: Educação das Mães de Família de Louis Aimé Martin, publicado em 1834 (1870 edição portuguesa) e A mulher e a Sociogenia de Tito

Lívio de Castro, publicado em 1893.²

O livro de Aimé Martin foi importante para a formação das opiniões sobre as mulheres no período. Não só para a visão masculina, mas também para a visão feminina sobre a mulher. Um bom exemplo disto se encontra na leitura dos periódicos *O Sexo Feminino* e *A Família*, que serão analisados mais detalhadamente no capítulo 3 da dissertação. Fundado em 1888, em São Paulo, (transferido para a cidade do Rio de Janeiro em 1889) por Josephina Alvares Azevedo, *A Família* tinha como intuito original guiar a mulher para o caminho da boa esposa e mãe.³ Era comum aparecerem no corpo do jornal citações de Aimé Martin. Nos editoriais escritos pela proprietária em defesa da educação das mulheres este autor era sempre citado como fonte de ensinamentos para a vida da mulher.

"A mulher de hoje, deve considerar como objecto de primeira necessidade, a leitura; deve procurar entreter o seu espirito em Aimé Martin, Monsenhor Landriot, fenelon, só assim o seu espirito se esclarecerá, e então conhecerá a verdade, e se tornará uma boa mãe de Família!..."⁴

Já *O Sexo Feminino*, de propriedade de Francisca Senhorina da Motta Diniz, trazia como epígrafe, que perdurou durante todo o período de sua existência, a seguinte frase de Aimé Martin:

² - Louis Aimé Martin *Educação das mães de família... op. cit.*; Tito Lívio de Castro *A mulher e a Sociogenia*. Rio de Janeiro. F. Alves. 1893.

³ - Maria Thereza Cauby C. Bernardes *op. cit.* pág. 110.

⁴ - *A Família*, 12 de janeiro de 1889.

“É pelo intermédio da mulher que a natureza escreve no coração do homem.”⁵

O depoimento de A. E. Zaluar na Polianteia Comemorativa da Inauguração das aulas para o Sexo Feminino no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, também atesta essa importância. Esta obra foi organizada para marcar a inauguração das aulas de música e desenho, para o sexo feminino, no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Com o objetivo de reunir depoimentos de membros da intelectualidade do período sobre a iniciativa, esta obra acaba por se mostrar muito importante. As pessoas convidadas a dar depoimentos sobre a inauguração destas aulas, ao invés disso, passam a discorrer sobre a questão do ensino feminino, sua importância e necessidade. Este documento será mostrado no Anexo 1 desta Dissertação.

“O Lyceo e as aulas para a propagação da educação das mulheres, vem realizar hoje no Brazil, a consoladora e utilíssima idea, a que Aimé Martin, consagrou há quarenta annos, o seu bello livro: A Educação das Mães de Família. Já era tempo.”⁶

Outro fato que comprova a importância do livro de Aimé Martin é a quantidade de volumes existentes na Biblioteca Nacional. Existem além do exemplar citado, mais quatro volumes da obra em francês, idioma comum no

⁵ - *O Sexo Feminino*, 07 de setembro de 1873.

⁶ - *Polyanteia Comemorativa da inauguração das aulas para o Sexo Feminino do Imperial Lycêo de Artes e Offícios*. Rio de Janeiro. 1881.

período. Existem também exemplares de mais três obras do Autor.

Quanto ao livro de Tito Livio, podemos afirmar que o seu estudo é de extrema importância, devido à forte repercussão alcançada no período. Apesar de somente ter sido editado em forma de livro após a sua morte(1893), esta obra tinha sido publicada em várias partes no periódico A Semana, entre o final de 1887 e o início de 1888. Esta revista de propriedade de Valentim Magalhães, com periodicidade semanal, tinha como objetivo o resumo dos acontecimentos importantes da semana e a abertura de espaço para novos autores.⁷

Podemos avaliar a penetração desta obra de Tito Lívio de Castro a partir do obituário publicado em A Família, escrito por Analia Franco, uma das principais colaboradoras deste jornal.

“(…)

O meu unico fito é tão somente prestar à sua memória as homenagens de minha admiração e a expressão do meu reconhecimento pelo seu criterioso estudo sobre a «mulher e a sociogenia» incerto nas columnas de A Semana.

Este trabalho primorosamente urdido com uma serenidade de justiça e de critica em que demonstra á evidencia, a necessidade de igualar a mulher ao homem collocando-a no mesmo nivel intellectual para a selecção da familia e o aperfeiçoamento moral da sociedade, revela um nobre coração aberto a todos os sentimentos generosos.

Para nós pobres ilotas é-nos santamente consolador quando por entre o egoísmo e desdem supremos de tantos, se levante deante dos nosso olhos de tempos a tempos umas dessas existencias dedicadas ao estudo, ao dever e que inspiradas por um sentimento de bondade e justiça vibra a sua voz impregnada de unclousa philosophia christã, em favor dos fracos, dos

⁷ - Este periódico foi publicado entre 1885 e 1895, e se encontra microfilmado no setor de obras raras da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro.

oprimidos, dos párias.

O seu espirito liberal e potente, educado no moderno evangelho destinado a aperfeiçoar a humanidade, reflete-se n'estas paginas escriptas com critério lucido e profundo em que a uma vasta cultura allia-se a indulgencia inexgotavel do coração.

A impressão nobre e profundamente consoladora que deixou-me este bello estudo, tão proprio para ampliar e desenvolver em nós o poder da sympathia, suggeriu-me estas despreziosas linhas, nas quais tentei rapidamente dar uma ideia incompletissima a muitos respeitos, da minha profunda veneração, á memoria do illustre e pranteado morto."⁸

Esta obra também serviu de base para parte do discurso feminista, como nos informa Margareth Rago.⁹ A autora coloca Tito Livio como o principal expoente do evolucionismo Spenceriano no Brasil. Aponta que, apesar de algumas colocações avançadas para a sua época, Tito Livio apresentava contradições graves. A afirmação da inferioridade fisica da mulher baseada na antropometria era uma delas.¹⁰

Outra autora que aborda A mulher e a sociogenia é Rachel Soihet.¹¹ Em seu livro considera o autor e sua obra como a mais avançada contribuição para a mulher no período, pois colocava a educação como o principal fator da inferioridade feminina. Lamenta que suas idéias não tivessem tido muita penetração nos seus contemporâneos.¹²

Essa diferença de opiniões entre as autoras citadas justifica-se plenamente nas contradições presentes na obra de Tito Livio. Isto por si só já

8 - *A Família*, 21 de junho de 1890.

9 - Margareth Rago - Os prazeres da noite... *op. cit.*, pág. 153.

10 - *Idem*. pág. 154.

11 - Rachel Soihet. - Condição feminina e formas de violência... *op. cit.*

12 - *Idem*. pág. 137.

serve para demonstrar a necessidade de uma análise detalhada da mesma.

Além dos fatores citados, os dois livros expressam duas características do pensamento do período, uma que embasava a sua formulação em valores morais e outra que se baseava em formulações científicas para a construção dos seus valores. É importante dizer que em ambas se nota a perspectiva da evolução da sociedade através das mulheres e da importância das mulheres para este processo.

Podemos afirmar, também, que se pode perceber nessas duas correntes uma influência do Positivismo e do Evolucionismo. Contudo, como se poderá perceber na segunda parte do capítulo, essas idéias surgem misturadas nos textos dos autores trabalhados. A definição das mulheres como essencialmente mãe e a divisão do espaço social cabendo o interior do lar para as mulheres e o exterior para o homem, tão caras ao Positivismo, aparecem ao lado da idéia da degeneração da espécie e da evolução através da educação, próprias do Evolucionismo. Uns mais para a primeira, outros mais para a segunda.

Aimé Martin: a formulação de base moral

Logo na introdução de seu livro, Aimé Martin deixa claro o que pretende: pensar o problema da valorização do ensino intelectual, em detrimento da valorização do desenvolvimento da alma. Situação em que ele percebe a França de seu tempo e que seria a fonte das convulsões sociais e políticas vividas nesse país. Para ele, a educação voltada simplesmente para o engrandecimento do intelecto, através da aquisição de conhecimentos, não levaria o homem e a sociedade a superar os seus problemas, pelo contrário, agravava-os. Para que se pudesse superar essa situação, era necessário o desenvolvimento da alma nos indivíduos, através dos bons preceitos da religião. Neste desenvolvimento teria a mulher um importante papel.

"Foi então que eu reconheci a razão, porque o desenvolvimento isolado da intelligencia tinha augmentado o mal, em logar de o destruir. Que espetaculo mais terrivel do que o de um povo activo e vigoroso, debatendo-se, sem esperanças, nos muros de bronze da falsa glória, da personalidade e do egoismo! Este espetaculo damol-o nós ao mundo; porque o pensamento religioso nos falta; e falta-nos o pensamento religioso; porque nossas mães se esqueceram de nol-o depositar no berço, quando meninos."¹³

Buscando as origens da situação que critica, identifica na obra de Descartes a fonte da entronização da razão, como guia das ações individuais e modelo de sociedade. A destituição da teologia, como regra de verdade da sociedade, leva a uma individualização das verdades e a uma situação de caos, base da discordância e falta de ordem que ele vê na sociedade. É necessário, então, que se busque novamente a verdade da religião como fonte de união, para que, aliada aos conhecimentos da razão, se possa construir uma nova geração, já que esta, para ele, encontra-se perdida.

Assim como vê em Descartes o início do caos, Aimé Martin percebe em Rousseau, que classifica como o único pensador com algo a dizer no século XVIII sobre a construção de uma sociedade realmente livre, um elemento que pode ser a base para as mudanças que defende e a solução para a situação em que o autor vive: a valorização da família. Segundo ele, Rousseau nos dá a grande contribuição de recuperar a família e, dentro dela, a mãe como fonte de uma geração saudável. A mulher enquanto mãe e esposa transforma seus filhos em cidadãos e trabalha para a regeneração universal. Quanto às críticas feitas a

¹³ - Louis Aimé Martin. *op. cit.*, pág. 25

Rousseau, acerca da contradição entre a valorização, que este faz da mãe e da família, e a figura do diretor ideal, que afastaria a criança do seio da família, Martin as rebate, afirmando que Rousseau escreve sobre uma época em que se presencia a destruição dos valores e da família. Este diretor ideal seria portanto "apenas um meio transitório para chegar à mãe de famílias."¹⁴

A consequência lógica dessa argumentação que Aimé Martin desenvolve é a valorização da mãe enquanto educadora dos filhos em detrimento dos colégios. Somente ela com o seu amor e paciência pode suprir as necessidades da criança e compreendê-la. Somente a mulher com seu "espírito frívolo", com sua "vocação para o prazer", e com o seu "gosto do maravilhoso" pode desenvolver uma relação harmoniosa com a criança

"O director, por excellencia, é aquelle que reclamam as nossas inclinações: é preciso que o discipulo comprehenda o mestre: tudo nas suas relações, deve ser conveniência, ternura e proporção: é assim que a natureza combina a mãe com o filho, vêde com que cuidado ella os approxima da belleza, pela graça, pela mocidade, pela volubidade de espirito, e sobretudo, pela sensibilidade. Aqui a paciencia responde a curiosidade, e a brandura ao arrojo; a ignorancia d'um nunca é desanimada pelo pedantismo da outra: dir-se-ia que as duas razões crescem juntas - tão flexivel se torna a superioridade da mãe com o amor do filho: enfim este espirito frívolo, esta inclinação para o prazer, este gosto do maravilhoso, que censuramos com tão pouca reflexão nas mulheres, é mais uma harmonia entre mãe e filho; tudo os aproxima, as sua consonancias, como seus contrastes; e na partilha que a natureza fez da doçura, da paciencia, e da vigilancia, indica-nos viva e amorosamente a quem pretende confiar a nossa fraqueza."

¹⁴ - Idem, pág. 39.

São as características "próprias" da "alma" feminina o que lhe capacita para educadora de seus filhos, na medida em que serve de ponto de aproximação entre eles. Cita um "exemplo histórico" para reforçar as suas afirmações. Segundo ele, dos 69 monarcas franceses somente três amaram o povo (S. Luis, Luis XII e Henrique IV), todos eles educados pelas suas mães. A criança quando educada pela sua mãe através do exemplo, recebe uma educação melhor do que a dada pelos diretores nos colégios.

"O que é uma criança para um preceptor? É um ignorante, que se tracta d'instruir. O que é uma criança para a sua mãe? É uma alma, que se tracta de reformar. Os bons professores fazem os bons estudantes: só as mães fazem homens: d'aqui resulta que o cuidado de educar as crianças pertence à mãe e só a ela: e que, se os homens o tem usurpado, é porque teem confundido a educação e a instrução, cousas essencialmente diferentes, e que é muito importante distinguir, porque a instrucção pode interromper-se e passar sem perigo d'uma para outra mão; a educação porém deve ser inteiça: quem a interrompe não a consegue; quem a abandona, depois de a ter começado, verá perecer o seu filho nas divagações do erro, ou, o que é mais deplorável, na indiferença da verdade."¹⁵

É preciso marcar aqui um ponto importante na visão que Aimé Martin faz da mãe-educadora. Esta não precisa ser versada em "estudos pedantescos", seus requisitos são a virtude e o amor, é com estas duas qualidades que a mulher capacita-se como redentora e garantidora da "ordem das famílias". A educação que as mulheres deveriam receber teria em vista a formação da virtude calcada nos ensinamentos de cunho moral e na preservação das suas

¹⁵ - *Idem*, págs. 48-49.

características inatas.

O local de atuação da mulher é o lar. Mesmo quando sua influência extrapola os limites do interior, é lá que ela a exerce. A importância do matrimônio é realçada, pois define o outro papel legítimo para a mulher, esposa. Trabalha sobre a existência de uma "lei de reciprocidade" em que os próprios homens sofrem o que fazem às mulheres, pois são elas a base da educação na família. Numa comparação da sociedade ocidental com a oriental, aponta a impossibilidade de uma civilização florescer no oriente devido à situação de opressão e humilhação em que vivem as mulheres; que geração poderiam essas mulheres criar, se pergunta o autor. Como a base da civilização é a família, onde o amor se exerce através do respeito e divisão de tarefas, o casamento, onde a mulher é chamada a exercer o seu papel intelectual e moral, é a única possibilidade de civilização.

Quando começa a tecer considerações mais diretas sobre a educação das mulheres, Aimé Martin reconhece ter recebido influência dos escritos do Abade Fleury e de Fenelon. Sobre Fenelon, reconhece-o como um importante reformador, capaz, com as suas propostas, de propiciar o desenvolvimento da razão nas mulheres; contudo, denuncia neste o recuo político devido às conseqüências das propostas. Segundo ele, o século XIX está aquém das propostas de Fenelon. Parece ser de Fenelon que Aimé Martin busca a "Lei da Reciprocidade".

"Trabalhar na sua educação é pois trabalhar na nossa; dar-lhes nobres e elevados pensamentos é matar, por uma só vez, as nossas mesquinhas paixões e ambições: tanto mais valeremos, quanto melhores ellas forem; e, pela sua parte, ellas não nos tornarão melhores sem serem mais felizes."¹⁶

¹⁶ - Idem, pág. 73.

Classifica a educação recebida pelas mulheres de seu tempo como efêmera, vazia, no sentido de que não enriquece o interior e o intelecto das mulheres; educação calcada pela vaidade, de dizer e fazer poesias, de bem tocar o piano, "educação de saráos". Para reforçar a crítica, aponta que mesmo o ensino de lições, baseadas em alguns pensadores, ou o ensino da história ou geografia, se faz de modo recitativo; não para o engrandecimento da razão mas "como o verniz que faz brilhar um móvel."¹⁷

Segundo ele, a educação das moças é voltada para a construção de um ideal de beleza e atratividade que facilite um casamento proveitoso. Por esta forma de educação, o casamento tem como única finalidade a satisfação das paixões carnis. Para Aimé Martin, o casamento para que o homem possa usufruir da beleza da mulher é algo muito negativo, que leva à degradação da mulher, posto que a posição privilegiada que ela parece desfrutar, é baseada em efemeridades. Quando ela não mais tiver a beleza e não mais provocar a "idolatria" do marido será relegada à posição de mais um empregado da casa. O desprezo a leva ao adultério e à degradação. Essa educação que as mulheres recebem dos maridos deve ser modificada através de uma mudança na educação das meninas, pois os homens mudarão como consequência. Não é o matrimônio que é ruim, e sim a educação; se modificarmos a segunda, reabilitaremos o primeiro. As mulheres devem ser educadas de maneira que saibam fazer a escolha correta quando do casamento. Condena a educação que se cala sobre o verdadeiro amor e não instrui. Igualmente ataca o sistema de escolha dos pais, que geralmente se baseia em interesses financeiros, sem a preocupação com a felicidade ou desgraça da família.

¹⁷ - *Idem*, pág. 78.

Neste momento, em que critica a estrutura do casamento, ao condenar a união baseada em interesses financeiros, e a falta de preparo de homens e mulheres para a criação e educação dos filhos, Aimé Martin trabalha com idéias muito caras aos médicos higienistas brasileiros. Conforme nos mostra Jurandir Freire Costa¹⁸, o discurso desses médicos sobre o casamento condenava as uniões mercenárias e colocava como preocupação primeira do casal a boa formação dos filhos.

“No casamento idealmente concebido pela higiene o casal olhava o futuro e não o passado. Seu compromisso era com os filhos e não com os pais. A escolha do cônjuge estava manietada a esta proposição. O cuidado com a prole converteu-se, por esta via, no grande paradigma da união conjugal. A partir dele, processou-se a corrosão do matrimônio colonial.(...)”¹⁹

“No casamento higiênico, a hereditariedade como que substituiu a herança. O dinheiro e o *status* social herdados só mereciam relevância quando aliados a uma boa saúde física e a uma boa constituição moral. A nobreza do nome e a opulência dos bolsos minguariam num invólucro físico e mental debilitado. O corpo, o sexo e a moral sobrepunham-se às estirpes e linhagens.(...)”²⁰

Esta aproximação de idéias pode servir, também, para explicar a penetração do trabalho de Aimé Martin no período por nós estudado. Tendo em vista que os higienistas se configuraram como importantes formadores de opiniões.

¹⁸ - Jurandir freire Costa _ *op. cit.*

¹⁹ - *Idem*, pág. 219.

²⁰ - *Idem*, pág. 222.

Voltando ao texto, Aimé Martin afirma que a mulher deve se preocupar com o que pode inspirar no filho, em como pode torná-lo virtuoso.

"Eis o ponto principal, ou para melhor dizer, o resumo da educação das mães de famílias: trata-se com efeito de fazer sahir as mulheres do circulo acanhado, em que a sociedade as encerra, e de estender os seus conhecimentos a todos os objetos, que nos podem tornar melhores e mais felizes."²¹

Ou seja, o foco da atuação das mulheres é o homem e através deles o progresso social.

Para o autor, o pai não pode ser colocado como figura central na educação dos filhos, pois, devido à divisão do trabalho na sociedade, cabe a ele "ganhar" a vida, zelar pelo sustento da família e não tem portanto tempo para assumir integralmente a educação dos filhos. O pai é o exterior, o representante da sociedade no lar, o mensageiro das informações que entram no espaço da família. O pai ensina os filhos(as) pelo exemplo de seu comportamento em relação ao mundo e à esposa e, por extensão, à família.

Segundo Aimé Martin, a educação do homem se divide em três: física, moral e intelectual. É do equilíbrio destas que sai o homem perfeito, completo. A liberdade ilimitada que se pretendia nas escolas deveria ser combatida; o Estado deveria impor certa disciplina e ordem, para que nas escolas não se formassem pessoas que contra as leis e a moral lutassem.

O poder do Estado seria contrabalançado pela família e vice-versa. Quando o Estado assume formas tirânicas, é na família que, através de uma educação baseada na moral, se formam "almas livres" que o contestam e

²¹ - Louis Aimé Martin. *op. cit.*, pág. 96

derrubam. Ao Estado cabe não permitir que uma família licenciosa forme indivíduos desvairados e ignorantes dos interesses da pátria. Não é numa lei que se deveria buscar a solução para este problema, "o remédio está na fusão das duas educações doméstica e publica."²² É nesta junção, que ele classifica como escola mista, que se encontra a solução. A educação ideal é a externa, não a interna. Nesse sistema desperta-se a inteligência e preserva-se a alma, pois a criança estará toda a noite no seio da família, sob os cuidados da mãe e poderá se guiar pelos exemplos. Nesse sistema é reforçada a importância da mulher.

"D'est'arte tudo se resume na educação das mulheres. Não deixamos aos collegios, se não o ensino clássico e quasi mecanico da intelligencia, neutralizando os vícios d'este ensino, pela mais agradável, penetrante e duradoura de todas as influencias - a das mães."²³

Tito Livio de Castro: a formulação científica

Tito Livio era mestiço e foi criado por um protetor. Formado pela escola de medicina em 1889, defendeu tese de doutoramento em psiquiatria. Morreu de tuberculose, em 15 de maio de 1890. O seu livro A mulher e Sociogenia visa a estudar a relação entre a mulher e o progresso sociogênico da sociedade. Utilizamos os capítulos VI a IX, que tratam mais diretamente da questão da importância da educação da mulher, como fica claro logo na abertura do primeiro capítulo estudado, onde o autor deixa evidente o seu pensamento sobre a importância da educação e a sua relação com a hereditariedade.

²² - Idem. pág. 132

²³ - Idem.

"O estudo da condição da criança do sexo feminino na sociedade actual deve seguir-se como complemento ao estudo da condição social da mulher. É preciso ver como se educa a menina para ter-se clara compreensão do que é a mulher, porque o passado representado pela hereditariedade não é o único factor da psicologia feminina. O presente é, por intermédio da educação, um elemento que concorre poderosamente para a psychogenia da mulher contemporanea e para a mulher do futuro. O que hoje é educação será hereditariedade no futuro, como a hereditariedade de hoje foi um dia educação."²⁴

Antes de dar prosseguimento à análise do livro de Tito Livio, é importante frisar que esta idéia da experiência social passando para a reprodução física é muito importante para o período estudado. Na maioria dos textos estudados, mesmo se a idéia não aparece explicitamente, podemos sentir a sua presença. Dentro do grande projeto disciplinador que se busca desenvolver neste período, principalmente entre os médicos,²⁵ esta é uma idéia chave.

Voltando ao texto, Tito Livio pretende um estudo da situação do ensino no país para demonstrar o que afirma. Faz duras críticas ao governo, que, segundo ele, não tem interesse pelas questões realmente importantes para o bem-estar do povo. Não há esperanças no governo, pois o governo reflete o povo mal instruído. O governo do Brasil é um governo "sem olhos", não se preocupa com a estatística e a demografia, únicas formas de conhecer os problemas do povo. Segundo o autor, o seu estudo sobre a educação feminina teria sido muito prejudicado pela falta de dados estatísticos sobre o tema.

24 - Tito Livio de Castro. *op. cit.*, pág. 189.

25 - Ver Magali Engel Meretrizes e Doutores... *op. cit.*

Para ilustrar a importância da estatística para o conhecimento de um povo, cita como exemplo, dentre outros, a situação da família no Brasil. Segundo os dados que cita, 68% da população é composta por solteiros, sendo o número de casados de 27,16%. Identifica as causas dessa situação nas dificuldades criadas pela indissolubilidade do casamento, que afasta a maioria das pessoas dele. A partir desses dados, segundo ele, pode-se concluir que "o casamento clandestino é a lei" e que a família "não é uma instituição pública, é uma imoralidade". Denuncia que o governo está voltado para os interesses de burocratas e alguns poucos privilegiados, como se pode notar pela atenção que é dada à questão da imigração num país que pouco conhece o seu próprio povo.²⁶

Quando entra na avaliação da situação do ensino no Brasil, o tom da sua crítica torna-se mais severo ainda. A falta de instrução nas mulheres é acompanhada por uma falta de instrução dos homens, gerando uma situação inadmissível de "ignorância popular". Tito Livio toma, como base para suas críticas, os dados do "Relatório Oficial de 1877" que aborda o período de 1872 a 1877.²⁷ Analisando a situação das pessoas que sabem ler, contrasta a situação da Corte, que não considera muito ruim (onde 53% dos homens e 43% das mulheres possuem a habilidade), com a situação das províncias onde esses números entram numa curva decrescente, chegando a 18%, em Minas, para a população masculina e a 7%, no Ceará, para a população feminina.²⁸ A consequência desta situação é que pais pouco instruídos não têm como valorizar e auxiliar a escola na instrução de seus filhos; aliando-se a isto o descaso das autoridades do governo com o ensino, que se reflete na fiscalização deficiente do ensino particular, teríamos as causas do estado em que se encontrava o ensino elementar no Brasil. Diante desse quadro, conclui que o ensino secundário e

²⁶ - Tito Livio de castro, *op. cit.*, págs. 203 a 205.

²⁷ - *Idem.* pág. 218.

²⁸ - *Idem.* págs. 219-220.

superior só poderia ser insignificante como era. A única solução para esta situação seria uma reforma radical, pois somente assim seria possível resolver os problemas do país. Reformas parciais só piorariam a situação.

Passando para a abordagem da questão da gênese e da hereditariedade, reconhecendo as influências de Spencer e Haeckel, afirma que a segunda está sempre presente na primeira. Reteria deste pressuposto a idéia de que toda a herança transmitida sofre a influência dos dois progenitores, não havendo como identificar a origem específica de cada caráter herdado. Contudo, a mulher e o homem possuem tipos sociogênicos diferentes; o masculino estaria ligado à dinâmica, ao movimento, a uma grande capacidade de "ideação" e a uma psicologia madura; o feminino, ao contrário, estaria ligado ao atraso, a uma psicologia infantil, a pouca capacidade para "ideação". O homem traria em si uma capacidade criadora e uma outra conservadora, enquanto que a mulher traria apenas a segunda. Como conseqüência disto, é a mulher que traz para o somatório das características hereditárias a tendência ao atraso e atua como freio à civilização. Nestas condições, Tito Livio considera uma temeridade a defesa do papel da mãe como educadora.

Para que a mulher possa exercer o seu papel de educadora, ela deve ser instruída, pois só assim ela poderá desenvolver-se. A mulher apresenta um cérebro inferior, segundo Tito Livio, porque as funções que se exigiam dele não favoreciam o seu desenvolvimento. A função determina a estrutura do órgão e a hereditariedade o forma para as condições próprias para esta função. Afirma, ainda, que antes mesmo da hereditariedade mudar o tipo feminino, este, através da educação, alcançará um nível superior ao que se encontra, pois a mulher usa menos que a capacidade total de seu cérebro. Os resultados da educação seriam, portanto, em parte, imediatos. A educação traria o aumento do volume cerebral nas mulheres(mais inteligência), como, historicamente, já fez nos homens.

Para Tito Livio, o desinteresse pela educação e a conseqüente

evolução das mulheres demonstrado pelos homens, esconde, na verdade, um interesse de se manter a mulher na situação em que se encontrava. Segundo ele, existia uma tendência secular de colocar a mulher como incapaz dos trabalhos considerados mais "dignos", tendência que reflete a ação inconsciente do homem de colocar-se como "senhor, o superior, o unico factor da evolução".²⁹ Como em sua época o trabalho intelectual era considerado o mais digno, era a mulher considerada incapaz para ele. Dois argumentos seriam usados pelos homens contra a educação das mulheres. O primeiro é que a educação da mulher dissolveria a família e dissolvendo a família provocaria o desmoronamento da sociedade. A união conjugal vista desse modo, implicaria na inferioridade de um de seus membros e se assemelharia à escravidão, baseando-se na exploração do menos capaz; se a família era isto, que se abolisse então. Para Tito Livio a educação da mulher não dissolve a família, pelo contrário, traz utilidades para ela:

“Não há perfeição actualmente no contracto matrimonial porque não há evolução na mentalidade dos contractantes, porque um deles quase não evolui em relação ao outro. Hoje não há ainda noção de «responsabilidade procreadora». Da responsabilidade genética. As futilidades da educação materna que fazem da mãe tão creança como os organismos a que deu o ser, são mais que bastante para mostrar o quanto ella está longe de saber o que é, o que vale e o que deve valer.”³⁰

A evolução mental da mulher não poderia destruir a família e sim beneficiá-la. Acerca da sociedade, diz que a destruição da família não teria

²⁹ - *Idem*, pág. 318.

³⁰ - *Idem*, pág. 325.

como consequência o seu desmoronamento, pois a sociedade é anterior à família; não é a família a base da sociedade, sua base são as classes e os indivíduos que a compõem.

O segundo argumento é o que diz que o lugar da mulher é na família e não na sociedade; seus esforços devem estar voltados para a procriação e não para a evolução de sua mentalidade. Tito Livio começa a sua argumentação rejeitando a colocação do homem na sociedade e da mulher na família, para ele a mulher e o homem têm a sua função tanto na família como na sociedade. "A sociedade é uma determinação da evolução mental e não da evolução testicular; a família é uma determinação da evolução mental e não da evolução ovárica."³¹ Sobre a segunda parte da objeção levantada, defende que se a mulher não deve ser educada por ser procriadora, a educação do homem também não se justifica, pois o homem é tão importante para a procriação como a mulher.³² A educação da mulher é necessária, porque se ela for mantida no patamar que está, indefinidamente, acabará por provocar um retrocesso no estágio em que o homem se encontra; no cruzamento a baixa capacidade da mulher ao ser mediada com a do homem, a diminuirá. "Eduquemos a mulher, porque a sua educação é necessária ao homem."³³

Por fim é necessário dizer que para Tito Livio de Castro a função de mãe está indissociavelmente ligada à função de educadora, a mulher que não exerce a segunda, não pode exercer a primeira.

31 - *Idem*, págs. 337-338.

32 - *Idem*, pág. 340 e seguintes. Tito Livio combate aqui a idéia na qual os gastos de reserva nutritiva feitos com a educação mental, nas mulheres, seriam prejudiciais à procriação pois debilitariam o organismo feminino.

33 - *Idem*, pág. 348.

"É preciso que a mulher eduque, e ella só poderá educar depois de ser educada. A espécie humana sahiu dos mais humildes organismos vivos, mas não é inferior a espécie alguma. O papel da mulher na espécie não pode ser inferior, nem mesmo igual ao sexo feminino nas espécies inferiores. A civilização exige a sua educação e o seu preparo para educadora. A mulher que não educa os filhos é uma mulher que não tem filhos."³⁴

Visões e propostas

No início deste capítulo, quando definíamos o método que seria utilizado por nós na análise dos livros e artigos que compõem as suas fontes, afirmávamos que após a abordagem dos livros de Aimé Martin e Tito Livio, passaríamos a analisar as demais fontes, através dos temas, ligados à educação feminina, que elas nos sugerem. Antes porém, cabe uma tentativa de caracterização desses discursos.

A historiografia recente sobre a mulher, no final do século XIX, tem nos revelado a fala de algumas categorias, tais como os médicos e os juristas, só para citar alguns. No caso específico da nossa pesquisa, acreditamos ser um pouco difícil uma caracterização nestes moldes. Esta dificuldade vem da própria conjuntura do período estudado, onde não havia uma categoria constituída de pedagogos, como havia, por exemplo de médicos. Assim sendo, os escritos sobre educação e sobre educação feminina eram produzidos, pelo que podemos chamar de uma intelectualidade plural. Esta intelectualidade plural era composta por homens letrados, políticos, médicos, juristas, ou seja, por todos aqueles que tivessem um nível de instrução que permitisse tal empreitada. Os autores abordados por nós nesta segunda parte do capítulo comprovam esta

³⁴ - Idem. pág. 339

teoria (vide a caracterização que procuramos fazer de cada um conforme os introduzimos).

A Polianteia comemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, documento citado por nós no início deste capítulo, e que comporá o conteúdo do anexo 1, também serve de comprovação disto. Para falar sobre uma iniciativa educacional, os organizadores desta polianteia apelam para os “mais distintos homens de letras da nossa sociedade”³⁵, que englobava uma pluralidade de categorias profissionais.

Nos textos pesquisados, para a confecção deste capítulo, aparece uma imagem feminina claramente identificada a uma perspectiva funcional. As mulheres não são percebidas enquanto seres dotados de uma individualidade. São vistas e identificadas como seres possuidores de uma função. Basicamente, para esses autores, as mulheres e as suas vidas se resumem a sua atuação dentro do lar. Elas deveriam se enquadrar enquanto filha, esposa, mãe e dona de casa. As três últimas formando o padrão da mulher ideal, “Rainha em trono no Lar” conforme a imagem utilizada por Alfredo Campos no seu livro A missão da mulher de 1890.³⁶ A partir deste ponto ao analisarmos as visões e propostas desses autores acerca da figura feminina, podemos dizer que eles escrevem uma trama em quatro atos.

Filha: o aprendizado das obrigações

Os primeiros deveres que se devem impor à mulher enquanto filha são os da instrução. Segundo Alfredo Campos, ela deve dedicar-se para aprender o que lhe é ensinado e o pai deve proporcionar-lhe a oportunidade, não

³⁵ - Polyanthea Commemorativa..., *op. cit.* pág. 01.

³⁶ - Alfredo Campos A missão da mulher. Bibliotheca do povo e das escolas, vol. 179. Rio de Janeiro. Cia. Nacional Editora. 1890.

negligenciando esse dever. A menina em sua casa deve ir aprendendo os trabalhos domésticos, ajudando a mãe a cuidar dos irmãos mais novos e de alguns dos afazeres da casa. Quando os pais forem envelhecendo deve ir assumindo os trabalhos da casa, cabe a ela o cuidado dos pais quando estes ficarem velhos.

Sendo rica ou pobre, deve procurar se aprimorar nos trabalhos de costura e bordados, mais o trato de piano para as que têm condições. Dentre todas as escolas é o "lar", a melhor que uma mulher pode ter. Ali terá pelo exemplo os ensinamentos necessários para a vida futura que terá como esposa e mãe.

Esse é um período também de grande perigo, pois assim como os bons exemplos e a boa educação podem formar a mulher idealizada, entronizada, uma má educação, neste momento, pode botar tudo a perder e transformar o destino dessa mulher em algo terrível.

"E pode ainda, finalmente, entregar-se á indolencia, fechando aos seus olhos o grande livro da familia, d'onde resultará mais tarde o ver-se tropeçar, desequilibrar-se e cair, arrastando na sua queda a família que, por ventura, haja creado, afastando-se, por este modo, de toda a realidade sublime da sua missão, e alienando portanto de si a estima, o respeito, a veneração e amor que, em outras condições, seriam a sua maior e mais brilhante gloria." ³⁷

A importância da educação da mulher, como forma de transformá-la em elemento importante para o desenvolvimento social, aparece em quatro autores, que foram analisados por nós. O primeiro deles, Nicolau

³⁷ Idem. pág. 13.

Joaquim Moreira, era médico e membro do Conselho do Imperador, nascido na Corte em 10 de Janeiro de 1824. Foi Subdiretor do Museu Nacional e Presidente da Intendência Municipal da Capital Federal.³⁸

Em Duas palavras sobre a educação moral da mulher,³⁹ publicado em 1868, defende que a cultura e o desenvolvimento de um povo tem sempre o seu ponto de apoio nas famílias, que através das gerações transmitem as noções morais e práticas. Nesse sentido a importância da mulher é fundamental, porque é ela que cria os filhos e influencia os homens. A mulher deve, portanto, ser instruída para que possa fortalecer-se e em seqüência os seus filhos e a família. Para Joaquim Moreira, a educação que as moças recebem é muito superficial, a partir do momento que visa apenas a enriquecer os dotes artísticos e domésticos, qualidades que não são suficientes para transformá-las em "verdadeiras mães de família". A mulher deve ser educada desde a infância, sua alma formada através dos ensinamentos da religião e sua razão desenvolvida para que possa resistir às seduções e transformar-se na boa esposa e mãe de família.

"É necessário, pois, que a mulher destinada a ser esposa e mãe receba uma educação sólida moral e cristã, e que seu coração cultivado e sua razão esclarecida a habilitem a cumprir os sagrados deveres da união conjugal e a incarnar em seus filhos os primeiros elementos de uma felicidade futura." ⁴⁰

³⁸ - Augusto Victorino Alves Sacramento Blake _ Diccionario Bibliographico Brasileiro. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1900. Volume VI.

³⁹ - Nicolau Joaquim Moreira _ Duas palavras sobre a educação moral da mulher. Discurso pronunciado perante Sua Magestade o Imperador na sessão solene da Academia Imperial da Medicina em 30 de junho de 1868. Rio de Janeiro. Typ. Progresso. 1868.

⁴⁰ - Idem. pág. 6.

O segundo autor, o maçom Alvaro Remigio de Oliveira, em A educação da mulher e a Maçonaria, publicado em 1907,⁴¹ coloca a educação da mulher como um elemento chave para a vitória dos ideais maçônicos e o conseqüente progresso social. A mulher ignorante se tornaria um alvo fácil para os "hipocritas das religiões" que assim se tornariam seus guias e controlariam seus pensamentos e palavras. A igreja é vista pelo autor como principal inimigo da Maçonaria, sendo a mulher a principal arma nas mãos dos padres para que estes possam exercer o seu domínio sobre a sociedade. A mulher, como esposa, e, principalmente, como mãe, é considerada capaz de influenciar o homem e até mesmo controlar as suas decisões, daí, para o autor, a importância e o perigo da influência que os padres têm sobre elas. De nada adiantaria educar as crianças em escolas maçônicas, se em casa a mulher, enquanto mãe, pode desviar-lhes para o "fanatismo religioso". Ao homem, cabe educar sua esposa e filhas, dentro de sua própria casa, a respeito dos propósitos maçons. Deve doutriná-las para que estas se transformem em aliadas contra a ignorância religiosa, principalmente, como educadoras de seus filhos.

"Educai a mulher para que não se deixe esperar muito a hora do triunfo, para que a somma de energia despendida na grande obra da regeneração seja menor, sobjando portanto para outras questões de não menor monta." ⁴²

⁴¹ - Alvaro Remigio de Oliveira - A educação da mulher e a Maçonaria. Bahia. 1907. "Trabalho lido pelo pharmaceutico Álvaro Remigio de Oliveira, na sessão de posse da loja. Udo Schleusner, aos 28 de junho de 1907."

⁴² - *Idem*. pág. 28.

O terceiro autor é Alfredo Campos, citado por nós no início deste sub-item. A importância da educação para a preparação da mulher já ficou demonstrada. Aqui, buscamos mostrar que, para o autor, a mulher educada através da instrução e da educação moral, além de se tornar a boa esposa e mãe, tem a obrigação de ser a redentora da sociedade, combatendo o vício e a degeneração, características do mundo fora da família, onde a mulher deve evitar atuar, sem contudo excluir-se dele. Como formadora de homens através da maternidade, ela exerce forte influência sobre o indivíduo, que se refletirá na sociedade como um todo, seja esta influência boa ou má. Assim, ela deve nortear a sua formação nos caminhos da virtude e da moral, pois, o que enobrece a mulher, não é a sua riqueza, nem a sua condição social, nem mesmo a sua inteligência ou capacidade intelectual, o que a torna tal é o fato dela ter desempenhado bem o seu papel de mãe de família, garantindo as gerações futuras.

"Trabalhe a mulher, pois, pela regeneração das gerações futuras; ponha n'esse augusto e sagrado mister a sua alma, a sua vida, o seu coração, o seu amor, os seus esforços supremos todos e constantemente, - e o futuro (creia-o bem) erguer-lhe-há o mais glorioso dos monumentos, com os mais fervorosos dos cultos, porque unisonamente a proclamará transformadora sublime da sociedade, e fonte inexaurível de supremas felicidades." ⁴³

O último de nossos autores é José Liberato Barroso, advogado, nascido em Aracaty, no Ceará em 21 de setembro de 1830. Formado pela Faculdade do Recife, era membro do Conselho do Imperador e professor da

⁴³ - Alfredo Campos. *op. cit.*, pág. 51.

Faculdade Livre de Ciências Sociais e Jurídicas. Foi também Ministro do Império no gabinete de 31 de agosto de 1864.⁴⁴

Em "A educação da mulher II", segunda conferência sua na iniciativa "Conferências populares"⁴⁵, em 1876, identifica a mulher moderna como aquela que tem responsabilidades na família e na pátria. Estas responsabilidades a mulher cumpriria através das funções de filha, esposa, mãe e cidadã. Reconhece como justa as aspirações das mulheres a direitos políticos, pondera entretanto, que no momento atual da civilização, esta é uma discussão prematura. A mulher deve ser educada, habilitada, para preparar a geração do futuro que exercerá a plenitude dos seus direitos. Psicologicamente homem e mulher são iguais, as suas almas não diferem. É no equilíbrio de suas "faculdades", que está a diferença, sendo o homem mais razão e a mulher mais sensibilidade e imaginação. Assim, ao homem é destinado a "gloria exterior" e à mulher a "gloria interior", contudo essa separação não é total, tanto o homem quanto a mulher não devem isolar-se no seu espaço.

Esposa e dona de casa: o casamento e o lar como únicas possibilidades da mulher.

O casamento é o ponto mais importante na vida da mulher e base de toda a sociedade, já que proporciona a união das "faculdades" e a possibilidade de uma melhor geração no futuro. Para José Liberato, contudo, no seu tempo o casamento ainda não representava corretamente esta função, pois as mulheres não estavam preparadas para esse tipo de união, devido a não terem a educação intelectual necessária para serem boas esposas e mães educadoras de seus filhos. Além deste, um outro motivo era o fato dos casamentos não

44 - Augusto Victorino Alves Sacramento Blake. *op. cit.*, volume V.

45 - José Liberato Barroso - "A educação da mulher II" in Conferências populares. Maio - nº 5 - 1876. Rio de Janeiro. J. Villeneuve & Cia. 1876.

obedecerem às regras da boa união - conhecimento prévio e identificação das almas - , estando transformado apenas numa "operação de câmbio". Contra esse quadro, aconselha às mulheres que somente "uma boa educação intellectual vos pode premunir: é a que deveis dar às vossas filhas, que eu vos desejo formosas e puras como anjos, filhas de uniões felicissimas."⁴⁶

Outro autor, que faz a crítica da situação a que se acha relegada a instituição do casamento, é Nicolau Joaquim Moreira.⁴⁷ O casamento não seria nem a "união sagrada", nem a união higiênica, estaria apenas baseado em interesses egoístas. A mulher buscaria no matrimônio uma fuga da casa paterna e o ingresso numa vida social onde ela pudesse demonstrar seus dotes naturais e o "brilho de um nome illustre". Quanto aos pais, buscariam apenas a ascensão social, ou a manutenção do seu status, transformando os matrimônios em meras "transacções financeiras". O casamento deveria ser direcionado para a constituição da família como formadora do bom cidadão. E as mulheres preparadas para exercerem o papel de educadora.

Foco de críticas e propostas para a sua melhoria, é o casamento a única boa opção, na visão desses autores, para a vida da mulher quando esta chega à idade adulta. É como esposa que ela deve superar a fase de filha.

Em Alfredo Campos ⁴⁸, tem-se uma boa visão do que se espera da mulher enquanto esposa. A mulher deve entrar no casamento preparada para exercer as obrigações e responsabilidades de uma boa esposa; a falta de preparo da mulher pode levar o casamento à ruína. Ela deve estar preparada para ser o piloto na "nau da casa". O autor transfere para a mulher toda a responsabilidade pelo bom funcionamento da casa e do casamento; dentro do espaço físico da casa, é ela a peça principal da engrenagem. Ao homem, compete o provento, a

⁴⁶ - *Idem*, pág. 120

⁴⁷ - Nicolau Joaquim Moreira. *op. cit.*, págs. 9-10.

⁴⁸ - Alfredo Campos. *op. cit.*, pág. 16.

aquisição das condições materiais da existência; o exterior. À mulher cabe a organização do que o marido traz para dentro de casa; cabe-lhe o interior, reinar sobre a casa.

"Elle é o braço, o trabalho, o mineiro que extrai da mina de suas próprias forças, pela applicação da sua actividade, os meios que ella proverá economicamente, sensatamente, sabiamente, as necessidades da vida.

Regulará tudo, ordenará tudo, vigiará, fiscalizará tudo, auxiliará tudo, por forma que, da sua justa intervenção, brote a ordem no lar, a economia, o bem-estar, e não só o seu próprio, mas o do marido e de quantos os rodeiam."⁴⁹

A mulher deve ditar as suas ações como reações aos estímulos do seu marido. Se ele está contrariado, ela deve consolá-lo; se está feliz, ela deve alegrar-se, "resuma a sua vida na vida de seu esposo, na prosperidade do seu lar."⁵⁰ A mulher até pode ter relações exteriores ao lar, mas estas, devem ter em vista a "honra", a "gloria" e a "felicidade" do marido e da família. Mas estas serão sempre relações secundárias na vida da mulher. O seu domínio principal é o lar.

Na identificação da esposa que fazem estes autores, fica evidente que a mulher no lar deveria transparecer uma triplíce função: a dona de casa, que trata de suprir as necessidades familiares; a mulher virtuosa, que deveria a todo custo manter a sua honradez, como bastião da moral familiar; a mãe, que teria a obrigação de cuidar e educar a prole de acordo com os métodos mais eficazes. É esta ultima figura feminina que buscaremos, agora, analisar.

49 - Idem.

50 - Idem. pág. 17.

Mãe: a redentora da sociedade desde que educada para tal

Nicolau Joaquim Moreira baliza sua fala sobre a figura materna, entre uma crítica e uma exaltação.⁵¹ O autor critica o fato de mulheres de posses buscarem o aleitamento mercenário como forma de manterem a beleza corporal. A mulher, que se utiliza desta prática, se rebaixa a um nível inferior ao dos animais, visto que, as fêmeas não se negam ao dever da nutrição dos seus filhotes. O aleitamento mercenário, herdado por nós dos portugueses, teria a sua origem na instituição da escravidão e refletia uma situação de imoralidade (as escravas tinham seu direito natural negado) e falta de sentimentos maternos. A forma de se sair desta situação é educar a mulher, para que se possa gerar o sentimento da maternidade, pois este é o principal caminho para a civilização e o progresso. A exaltação está justamente aí. A mulher exercendo, plenamente e com convicção, a sua função de mãe garante o futuro do homem e por extensão de toda a sociedade. Dirigindo os passos do indivíduo desde a infância, a atuação da mãe interessa muito ao Estado, pois lhe garante a formação de cidadãos "honestos" e "virtuosos".

Alfredo Campos⁵² concorda com Joaquim Moreira, na necessidade de educar-se a mulher para a maternidade. Acusa que a mulher não está preparada para tal função, contudo, o seu instinto e o seu "amor providente" guiam-lhe para o desempenho das suas obrigações. Aparece aqui uma contradição, pois, se a mulher naturalmente adquire os conhecimentos para a maternidade, não haveria necessidade de educá-la para tal. Tudo indica que Alfredo Campos ao falar do "amor providente" quer apenas fazer uma exaltação à figura feminina, que segundo ele foi dotada por Deus com o amor; a mulher "nasce do amor, vive para o amor, e deve morrer amando."⁵³

⁵¹ - Nicolau Joaquim Moreira. *op. cit.*, págs. 11-12.

⁵² - Alfredo Campos _ *op. cit.*, págs. 22 a 24.

⁵³ - *Idem.* pág. 33.

Defende o aleitamento pela própria mãe como forma de garantir a saúde física da criança. Combate, também, a entrega dos filhos às amas; é a mãe e, somente, a mãe, que deve ser responsável pela criação e educação dos seus filhos. Juntamente com o pai forma na família a unidade ideal para a geração e a criação adequada dos filhos.

A educação das crianças é um tema muito presente nos livros e arquivos, usados por nós como fonte para esse trabalho. Este fato não deve causar nenhum estranhamento, pois, como já foi mostrado, através dos textos analisados, se buscava nesse período a construção da mulher, enquanto agente do progresso e da civilização, normatizada e normatizadora. A educação dos filhos, portanto, era uma função essencial para a formação da mulher moderna, cumpridora dos seus deveres com a sociedade.

A necessidade de se manter a criança sob um olhar disciplinador é ressaltada por Manuel Francisco Correia em "A educação na família e na escola"⁵⁴, conferência realizada em 4 de junho de 1876. Advogado nascido em Paranaguá, na época província de São Paulo e depois Paraná, em primeiro de novembro de 1831. Ocupou vários cargos na província do Paraná tais como: Presidente de Província, Deputado e Senador. Desempenhou funções importantes também na administração do Império. Foi Ministro de Negócios Estrangeiros do gabinete de 7 de março de 1871. Como chefe da Diretoria Geral de Estatística executou o primeiro recenseamento da população do Império. Fundou, também, a primeira Escola Normal da Corte em 25 de março de 1874.⁵⁵

A primeira regra da educação doméstica, segundo ele, consistiria numa observação criteriosa que os pais deveriam fazer dos atos dos filhos. A finalidade desta observação seria identificar as "más qualidades" e os

⁵⁴ - Manoel Francisco Correia _ "A educação na família e na escola". in Conferencias Populares. Junho - nº 6 - 1876. Rio de Janeiro. J. Villeneuve & Cia. 1876. pág. 6

⁵⁵ - Augusto Victorino Alves Sacramento Blake. *op. cit.*, volume VI.

"sentimentos menos dignos", para que se pudesse combatê-los de modo que a criança se tornasse ordeira e obediente. A família, e a mãe dentro dela, facilitaria o trabalho do Estado, pois quando chegasse o momento do ingresso na escola, "primeira sociedade que o menino encontra ao deixar o lar doméstico", este já teria um comportamento de fácil trato.

Uma boa visão sobre a educação que se pretendia para as crianças, pode ser tirado do guia para as mães escrito por Americo Werneck,⁵⁶ em 1895. A Arte de educar os filhos é um livro escrito em forma epistolar; através da correspondência entre Hermengarda, mulher que acabara de dar à luz, e o Dr. Valério Silva, seu preceptor, o autor passa as suas idéias acerca da educação que as crianças deveriam ter e mostra-nos a imagem que faz da mulher enquanto mãe.

Americo Werneck era engenheiro civil nascido em Paraíba do Sul - RJ em 18 de março de 1855. Escreveu diversos romances e artigos em jornais de Minas Gerais e Rio de Janeiro, ocupando também vários cargos na administração pública desses Estados. Foi Secretário de obras públicas e agricultura de Minas Gerais em 1898, Deputado Estadual, Federal e Consultor técnico de obras públicas, comércio e indústria do Estado do Rio de Janeiro entre 1904 e 1908.⁵⁷

O autor informa que seu trabalho está em consonância com outras três obras. Contudo, afirma que só fez esta comparação após o término do mesmo, não tendo sido influenciado por elas. As obras são: o Emilio de Rousseau, Educação intelectual, moral e física de Herbert Spencer e Conselhos a meu filho e a minha filha de Mme. Lambert.

Uma análise dos nomes da mãe, Hermengarda, e do filho,

⁵⁶ - Americo Werneck. Arte de educar os filhos. (As jovens mãis). Rio de Janeiro. Typ. do Jornal do Commercio. 1895.

⁵⁷ - J. F. Velho Sobrinho Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro. Volume I. Rio de Janeiro. 1937.

Mario, já nos indica a direção que o livro tomará. Hermengarda, nome de origem alemã, significa: "a protetora, bastão de Deus, protegida de Deus". Mario, também de origem alemã, significa: "homem por excelência másculo".⁵⁸

Americo Werneck via a sociedade com olhos pessimistas. O homem seria caracterizado por uma influência muito grande dos instintos naturais, apesar de todo o progresso, propenso portanto a atos comandados pelas paixões, que o aproximariam das feras. Somente uma educação moral e física poderia mantê-lo no caminho da civilização. A mulher seria responsável pelo destino da humanidade através do seu papel de mãe e sua função de educadora. À mulher caberia este papel, porque durante o processo evolutivo da espécie humana, ela desenvolveu o sentimento em detrimento do raciocínio, devido ao seu papel secular de esposa e mãe.

A fase mais importante para a educação da criança é a da primeira infância, é aí que se deve procurar impor as noções de obediência e disciplina. Segundo o autor, pessoas bem formadas falham na educação dos filhos porque "não lhes inculcam a menor idéia de sujeição."⁵⁹ Não é na propensão natural que se deve buscar as razões para uma má índole, e sim na negligência com a educação nos primeiros anos. As variações de influências, trazidas pela natureza de cada um, não impedem a educação como força formadora da moral e do caráter. O que estas variações implicam são escalas no rigor com que se deveria impor a autoridade, indo da repreensão ao castigo físico. O desenvolvimento da inteligência está diretamente ligado ao desenvolvimento de um sentimento moral e este desenvolvimento só poderia ser feito através da educação.

O autor cita "alguns conselhos higiênicos" que deveriam ser

58 - Camile Vieira da Costa. Dicionário de nomes próprios. São Paulo. Traço Editora. 1988.

59 - Americo Werneck. *op. cit.*, pág. 16.

seguidos para que a criança tivesse saúde física e não desenvolvesse maus hábitos. Resumidamente são esses os conselhos: ⁶⁰

- 1- Deitar a criança ora de um lado, ora de outro (nunca de bruços para não sufocar no vomito); se a cabeça tem maior volume de um lado, deitá-lo mais deste lado.
- 2- Banhos mornos rápidos, longe das correntes de ar. Diminuir a temperatura da água de 15 em 15 dias até a água fria.
- 3- Usar roupas simples e leves de acordo com o nosso clima.
- 4- Não expor ao sol, mas dar abundância de luz; principalmente pela manhã.
- 5- Amamentar a criança na hora de repousar.
- 6- Não criar hábitos nocivos como o acalanto, gerador de manhas futuras.
- 7- Examinar regularmente a criança como forma de prevenção de doenças.
- 8- A mãe deve se alimentar bem e descansar, não incentivar os hábitos noturnos (mamar à noite, embalar o berço) da criança, pois deve se cuidar para manter alta a qualidade do leite que produz.
- 9- Manter o asseio da habitação para impedir a formação de miasmas.

Estes preceitos devem ser seguidos até os 10 meses da vida da criança quando começa a educação mais voltada para a moral e a inteligência.

Para esta fase, fica claro que Americo Werneck defende a superioridade do social sobre o hereditário. É o hábito da moral e dos bons costumes que civiliza o indivíduo, não uma herança genética. Compara a criança à cera, que é facilmente maleável. A criança aceita tudo que lhe é transmitido e, quando adulta, segue os caminhos traçados por estas influências. Os pais e, principalmente, a mãe devem manter a criança sob forte vigilância, para protegê-la. A falta de razão e do sentimento do perigo, segundo o autor, torna a criança vítima dos seus próprios atos e reforça a necessidade do olhar constante da mãe.

Os sentimentos de obediência e disciplina devem ser incutidos na criança desde cedo pois, segundo o autor, são as bases de toda a ordem social.

⁶⁰ - Idem. págs. 24 a 28.

"Eis a base de toda a educação individual, eis o alicerce de a ordem social.

Não se consegue dirigir o espirito de um criança e conforma-la ás decisões de um juízo experimentado, sem exercer sobre o seu animo tímido a pressão moral de uma vontade superior.

A creatura nasce para obedecer (...)" ⁶¹

É importante frisar que, em Americo Werneck, percebe-se claramente a necessidade de uma educação disciplinar promovida pelos pais e, principalmente, pela mãe, para criar o bom cidadão obediente às leis e mantenedor das estruturas sociais. Embora poucas vezes o autor utilize a palavra disciplina, preferindo o termo "hábito".

"Aos pais compete a organização do espirito infantil, a innoculação dos sentimentos puros, a repressão dos instinctos ferozes, o ensino prático das virtudes humanas, e a *submissão de sua vontade ao ascendente da autoridade*, e a constituição moral de sua intelligencia, que é a sua alma, que é a sua consciencia, que é finalmente o foco de todos os sentimentos e acções." ⁶²

Essa educação se dá prioritariamente na fase da infância, que o autor marca até os nove anos. É nesta fase que se pode mudar, ou melhor, moldar o individuo. A instrução não forma o ser moral, ela apenas aprimora o que este já é. Portanto, se este não teve uma educação para a disciplina e para a

⁶¹ - *Idem.* pág. 45.

⁶² - *Idem.* pág. 47. grifos nossos.

obediência, o uso, que ele fará da instrução, dos conhecimentos científicos que adquiriu, será sempre voltado para a satisfação de seus vícios e da sua moral pervertida.

É a educação ministrada pela mãe, principalmente, a força capaz de civilizar a sociedade. A instrução intelectual e o progresso científico, sozinhos, não o podem; a potencialidade do papel da mulher, como elemento civilizador, como força motora da sociedade é realçada, desde que exerça o papel de mãe. A mulher-mãe aparece em Americo Werneck como força disciplinadora, geradora da ordem moral e social do indivíduo e da espécie humana.

Afirma, o autor, que a mãe, mais do que ninguém, deveria estar atenta à educação do filho neste período, por ser ela quem mais tem contato com a criança; ela deve ser firme na aplicação dos princípios de obediência, pois, "o homem é o produto da primeira infância." ⁶³

Além do "hábito", os bons exemplos prestados pelos pais são um forte aliado na educação da criança, assim como os exemplos maus, adquiridos pelo convívio da criança com outras influências, que possam desvirtuá-la, deveriam ser evitados, posto que são maléficos. A criança, até os dez anos quando sua alma está feita, deve ser mantida, criada, longe das influências externas. Até mesmo outras crianças podem ser prejudiciais. Somente após os dez anos deve a criança desfrutar da "sociedade infantil".

Em relação às meninas, defende que elas devem ter a mesma educação rigorosa que é dada aos meninos. Esse rigor é ainda mais importante na mulher, pois além de estar vulnerável aos mesmos perigos que o homem, a mulher tem contra si o limitado horizonte social que não permite que, uma vez prejudicada a alternativa da família e da maternidade, ela possa se sobressair em outras áreas.

⁶³ - Idem. pág. 52.

Quando trata da educação da menina, existe uma diferença que é importante destacar. No caso da educação do menino, não foi dado nenhum conselho específico acerca de cuidados com a sua sexualidade. Já no caso da menina, Americo Werneck dedica um parágrafo aos cuidados com esta sexualidade. Fica a constatação de que está na mulher o foco de tal questão e que somente sobre ela incidem as responsabilidades sobre tal.

"Ella deve usar calças, quer durante o dia, quer durante a noite, e quando atingir a idade de cinco annos, dá-lhe um aposento a parte, embora feito ligeiramente de biombos. A promiscuidade dos sexos não traz utilidade alguma. Aos oito annos a menina deve considerar o aposento alheio defeso as suas vistas, assim como o seu quarto como um asylo sagrado e inviolável, onde nenhum adulto deve penetrar, exceto o pai, e este mesmo com prévia licença. Esse costume desperta no menino o sentimento de respeito, que o leva a não invadir o quarto de uma moça, e na menina o sentimento da castidade inacessível, que deve protegê-la constantemente como um escudo impenetravel ás sugestões da leviandade."⁶⁴

Finalizando, acerca da educação das meninas, o autor critica o tipo de educação voltada para a formação de damas de salão, moças que só se preocupam com as aparências e modas, com os galanteios de homens frívolos e se esquecem dos moralmente virtuosos. A vaidade da mulher é o ponto inicial da corrupção; deve ser combatida, pois a mulher que à vaidade se entrega é o oposto da mulher virtuosa. É muito mais fácil, segundo Americo Werneck, guiar uma filha criada na doutrina da submissão e do trabalho para um bom casamento, do que o contrário. A mulher vaidosa tende a guiar-se pela fortuna do

⁶⁴ - Idem. pág. 79.

pretendente, não se preocupando com o caráter do mesmo. Um homem que apesar de rico e instruído, não tenha sido um bom filho, obediente e disciplinado, jamais poderá ser um bom marido e pai.

A educação da menina, portanto, deve se basear no recato, na simplicidade e na obediência e essa educação deve vir desde cedo.

Dentro da perspectiva funcionalista desses autores, a vida da mulher estaria resumida nestes quatro momentos da sua existência. Não havia, para eles, a possibilidade das mulheres se realizarem em uma existência longe do casamento e da maternidade. No trato da casa e dos filhos se resumia plenamente a mulher. A consequência mais lógica disto, era a recusa da emancipação feminina, quando esta significasse a saída da mulher para o espaço público, com pleno gozo de direitos sociais.

Entre os autores analisados por nós, para esta segunda parte do capítulo, dois tratam a questão da emancipação, caminhando nesta mesma direção. Alfredo Campos⁶⁵ dedica o capítulo IX de seu livro a falar da emancipação da mulher. Começa por afirmar que a mulher deve ser emancipada da figura de escrava do homem, mas rejeita a hipótese da emancipação total, social e política. A mulher deve emancipar-se, no sentido de sua melhor formação enquanto esposa e, principalmente, mãe. A emancipação, para Alfredo Campos, representa a "liberdade" da mulher para uma evolução na sua atuação dentro da família. A missão da mulher e do homem são diferentes. Os seus papéis diferentes. Ao homem cabe a luta exterior, à mulher cabe a luta interior, a mudança, ou inversão desses papéis, só poderá levar à anarquia e à perdição. A verdadeira emancipação, que nobilita a rica e a pobre, é aquela que qualifica a mulher a sua gloriosa missão. É a que confere à mulher o papel de anjo do lar e mãe dedicada.

⁶⁵ - Alfredo Campos. *op. cit.*, pág. 52.

Americo Werneck,⁶⁶ quando fala da educação das filhas, descarta qualquer possibilidade de emancipação. Critica duramente a proposta de emancipação política da mulher e o seu ingresso na vida pública. Cabe aos homens as lutas do exterior, à mulher cabe o governo da casa e da família, onde ela se acha protegida das lutas exteriores pelo homem, e onde prepara a nova geração de combatentes.

A mulher, engrenagem central da família, organizadora da vida doméstica, educadora e principal responsável pela saúde e grandeza das gerações futuras, aparece como a figura central dentro da estrutura de pensamento dos homens desse período. O seu duplo papel de objeto de normatização e irradiador do mesmo processo reforça a sua importância e lhe confere uma situação estratégica na implantação das relações de poder da sociedade que este escritores tinham em seu horizonte.

Nestes discursos, além da definição da função da mulher na sociedade, está explícita, também, a visão que estes homens tinham de si mesmos. Eles seriam a parte ativa dessa mesma sociedade, o motor que a faria andar, embora legassem à mulher a maior responsabilidade na sua reprodução. O fato destes terem produzido semelhantes obras, que tinham como claro objetivo a conscientização de homens e mulheres para a necessidade de se reformular as suas formas de atuação, já demonstra o papel ativo que eles se atribuíam.

À mulher restaria aceitar a sua grande missão redentora e empunhar o cetro do poder doméstico. Rainha do lar, anjo da família, este era o destino que estes homens a elas tinham reservado. A se pensar a história das

⁶⁶ - Americo Werneck. *op. cit.*, pág. 78.

relações familiares e da posição que a mulher tradicionalmente ocupou em nossa sociedade, sofreríamos a tentação de afirmar que ela capitulou a este destino, aceitando passivamente as propostas aqui estudadas.

Entretanto, acreditamos que não foi deste modo que a história seguiu seu percurso. As mulheres tinham suas próprias idéias de como deveria ser o seu trajeto na sociedade. Faz-se necessário buscar as suas falas, para que ao confrontá-las com as masculinas possamos ter uma compreensão mais próxima do desenrolar dos acontecimentos.

Dentro do nosso objetivo principal nesta pesquisa, qual seja, analisar a constituição do indivíduo na nossa sociedade através da figura da mulher, esse método se configura extremamente importante. A ele daremos prosseguimento através dos jornais femininos que por nós serão analisados no capítulo seguinte.

“O que queremos”

Neste capítulo pretendemos analisar os discursos proferidos pelas mulheres, entre 1870 e 1910, para que possamos perceber quais as suas posições e idéias a respeito da educação que era destinada à elas. Feita a análise das falas masculinas no capítulo anterior, aqui buscaremos analisar os discursos proferidos por mulheres que se lançaram na luta pelo que achavam constituir as suas prerrogativas. Para que possamos executar o trabalho a que nos propomos, utilizamos como fontes dois jornais femininos: *O Sexo Feminino* e *A Família*, que se dedicaram à propaganda pela educação das mulheres e pela sua emancipação. Foram usados também, dois livros, que tratam do assunto, escritos por Julia Lopes de Almeida e Mlle. Marie Rennotte.¹

Dentro desta perspectiva, fizemos um levantamento dos temas mais presentes, nas fontes por nós utilizadas, para que fosse possível dar voz a estas mulheres. O método por nós utilizado, foi o de dividir esses discursos por temas centrais, tais como, os direitos das mulheres, a educação das mulheres, a emancipação das mulheres, o progresso social pelas mulheres, dentre outros. Dizemos temas centrais, pelo fato de a educação da mulher estar presente,

¹ - Julia Lopes de Almeida _ Livro das Donas e das Donzellas. Rio de Janeiro. Alves. 1906. & Marie Rennotte _ Influencia da mulher sobre a medicina social. Tese apresentada à Faculdade de Medicina e Pharmacia do Rio de Janeiro, em 26 de março de 1895.

perpassando praticamente todos os demais.

Duas questões carecem de esclarecimento antes que passemos à análise das fontes citadas. A primeira delas diz respeito ao porquê de uma abordagem deste tipo. Acreditamos que as falas femininas expressam muito mais do que uma mera repetição ou uma assimilação pura e simples das falas masculinas sobre as mulheres. Essas falas expressam, para nós, a contribuição feminina para a construção dos valores elaborados, neste período, e que terão uma enorme importância para a definição do ser mulher que se passou a fazer depois. Assim sendo, somente através desta perspectiva relacional poderemos chegar a conclusões mais abalizadas sobre este processo que procuramos analisar.

Ainda neste primeiro ponto, uma tal abordagem se justifica, visto que temos em mente o pressuposto foucaultiano da subjetivação, tal como descrito no segundo volume da *História da Sexualidade*.² A subjetivação seria uma elaboração de si que o sujeito faz em contraposição às tecnologias de poder-saber que incidem sobre ele. Assim, o estudo da experiência humana deveria levar em conta esta relação entre poder-saber e subjetivação. No caso específico da nossa pesquisa, este pressuposto de Foucault nos permite analisar os discursos femininos, enquanto uma elaboração que estas mulheres fazem de si mesmas, em relação às tecnologias de poder-saber que sobre elas se tentava impor. As falas femininas passam a constituir um elemento vital para a compreensão do papel desempenhado pelas mulheres na construção do indivíduo em nossa sociedade.

O segundo ponto que merece um esclarecimento é o do público alvo desses discursos femininos. Podemos afirmar que no caso dos livros, se visava principalmente as mulheres e, também, os homens da elite e das camadas

² - Michel Foucault _ *História da sexualidade 2, op. cit.*

intermediárias. Contudo, pode-se afirmar, principalmente no caso dos jornais, que as mulheres das camadas mais baixas compunham o principal horizonte destas escritoras. A visão, que se tinha da função dos jornais na sociedade, está expressa em um artigo de Analia Franco em *A Família*.

“Se o jornal como se diz, nasceu para levar o recreio e a instrução ao albergue do pobre, e para substituir o livro que as classes menos favorecidas de fortuna não podem comprar, a melhor e mais proficua recomendação de uma empresa jornalística é apresentar ao publico escriptos uteis e amenos, que alarguem a esphera dos nossos conhecimentos e nos encaminhem ao bem.”³

No caso específico de *A Família*, podemos afirmar que o jornal tinha como meta alcançar as mulheres sem condições de adquirirem os livros necessários para a sua educação, de modo a se preparar para a função de boa esposa e mãe. Isto fica evidente no editorial de Josephina Alvares de Azevedo publicado no número que marca a transferência do *Jornal* para o Rio de Janeiro.

“A collecção dos diversos pareceres sobre a educação, buscamos nos livros dos mais eruditos pensadores, que para alguém seria de muita dificuldade pecuniaria, é por nós facilitada, acompanhando-a sempre os nosso fracos comentarios, que julgamos deverão não ser desprezados, porque preside a elles uma incansavel boa vontade de acompanharmos o progresso sendo seguidas bem de perto por todas as nossas patricias, a quem tem faltado o preciso estímulo para se educarem, para prepararem um futuro para seus filhos, o bem estar do seu lar, a alegria, a benevolência de seus esposos.

³ - *A Família*, 19/01/1889.

(...)

Nem todos podem obter livros, como dissemos, enquanto que em um jornal fundado para este fim, encontrarão os elementos precisos para atingirem o seu desideratum.”⁴

É óbvio que as mulheres de elite e das camadas intermediárias também compunham o horizonte destes jornais.

Acreditamos que uma explicação, para esta opção por um público formado por pessoas das camadas populares, está no fato de que as duas proprietárias e redatoras desses jornais terem como profissão o magistério. Isto fazia com que elas tivessem uma relação mais estreita com essas pessoas, visto que Josephina era professora primária, e Francisca Senhorina da Motta Diniz, proprietária de *O Sexo Feminino*, era professora da escola normal na cidade da Campanha.

Antes que passemos à análise dos temas a que nos propomos, cabe aqui um breve resumo informativo sobre os dois jornais que são a base principal deste capítulo.

O Sexo Feminino surgiu em 1873 na cidade da Campanha na província de Minas Gerais (transferido para a Corte em 1875), de periodicidade semanal, fundado pela professora da Escola Normal Francisca Senhorina da Motta Diniz. O jornal durou até o ano de 1876, quando teve a sua publicação interrompida, devido à doença de sua proprietária, sendo retomada no ano de 1889. Após a proclamação da República passa a se chamar *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, tendo sua publicação cessado pouco depois.

Os seus principais objetivos eram a defesa dos direitos da mulher e a luta pela sua emancipação. Para Francisca Diniz estes dois objetivos

⁴ - *A Família*, 18/05/1889.

passavam necessariamente pela defesa de uma melhor educação, como ficará claro mais adiante. É importante lembrar que este jornal sofria forte influência do pensamento de Aimé Martin, conforme demonstrado por nós no capítulo 2.⁵

O Jornal sustentava-se basicamente de assinaturas e ambicionava uma penetração em todos os cantos do país, como fica demonstrado no número que marca a transferência para a Corte, onde Francisca deixa patente as suas esperanças: "A redactora tudo espera das senhoras, não só da Corte, como das provincias, para a coadjuvação e sustentação da folha e da idéa."⁶

Tanto da leitura de *O Sexo Feminino*, quanto da de *A Família*, pode-se verificar que realmente estes jornais tiveram uma penetração em todo o país, quer dizer, eles se fizeram conhecidos em várias provincias. Contudo, isto não significa que eles fossem um sucesso de vendas, como nos demonstra o desabafo de Francisca Diniz quando ela critica o fato de que as mulheres, maiores interessadas na luta a que o jornal se propõe, não se interessem em ajudá-lo a se manter. Este trecho resume o sentimento da autora:

"A abnegação da redactora, na defesa de tão sancta causa, não a levará ao extremo de privar sua familia de pão, para sustentar uma idéa em prol de quem não só não a quer admitir, como muito peor auxilia-a. A instrucção para a mulher é tão necessaria como a luz que nos ilumina nas trevas, porém ainda ellas mesmas não a comprehenderam; salvas raras excepções."⁷

Nosso segundo jornal, *A Família*, surgiu em São Paulo em 1888 com a finalidade de propagandar a luta pela educação da mulher e a sua

⁵ - Ver capítulo 2 página 40.

⁶ - *O Sexo Feminino*, 22/07/1875. Ano II nº 1.

⁷ - *O Sexo Feminino*, 21/11/1875. Ano II nº 16.

emancipação. Tinha como colaboradoras Analia Franco, Maria Zelina Rolin, Ignez Sabino de Pinho Maia, Carmem Freire (Baroneza de Mamanguape), Adelia Barros, Mariana da Silveira, Mlle. Rennotte, Maria Ramos, Paulina A. da Silva, Emiliana de Moraes, Alzira Rodrigues e Doutora Izabel Dillon. De periodicidade semanal, era propriedade de Josephina Alvares de Azevedo que era, também, a sua redatora principal. O jornal durou até o ano de 1894, sendo que a partir de 1889 passou a ser editado na Corte.

A Família tinha uma especificidade em relação a O Sexo Feminino. Este último era feito quase que exclusivamente pelos escritos de sua proprietária, enquanto que A Família era um jornal aberto a colaboradoras que mandavam seus artigos dos mais diversos pontos do país, como no caso de Analia Franco que escrevia de São Paulo, e de Maria Amélia de Queiroz que escrevia de Pernambuco. Isto torna A Família uma fonte mais rica, pois expressa uma pluralidade maior, o que gerou, no caso da nossa pesquisa, um maior número de artigos fichados neste jornal.

Conforme dito acima, essa penetração do jornal não acarretava um sucesso de vendas, daí a transferência do mesmo para a Corte na intenção de melhorar o número de assinantes que mantivessem o jornal. Josephina declara que, nos primeiros seis meses de publicação, o jornal só tinha conseguido 200 assinantes. Ao contrário do que parece ter acontecido com O Sexo Feminino, A Família teve mais êxito em seu intento, haja vista a durabilidade que o jornal alcançou, e o fato de, em 1891, o jornal contar com 2.000 assinantes, conforme informação de sua proprietária.⁸

Entretanto, o jornal voltou a passar por dificuldades financeiras, o que levou Josephina a transformar o jornal numa sociedade anônima de nome Companhia Imprensa Familiar. Josephina continua como redatora, mas perde a

⁸ - *A Família*, 18/05/1889 & 02/04/1891.

presidência do jornal.⁹ A partir daí, diminuem os artigos que tocam diretamente na questão da educação da mulher (apenas dois artigos foram fichados por nós com este tema neste período).

O fracasso financeiro desses jornais poderia levar-nos à conclusão de que estes não se constituíam em fontes importantes para o trabalho, pois teriam tido pouca penetração. Acreditamos que tal argumento não se justifica, a partir do momento que percebemos nestes discursos a possibilidade de demonstrar as idéias que as mulheres tinham a respeito dos temas discutidos na sociedade, que as atingiam diretamente. Estes textos expressam a construção de uma subjetividade feminina. Nossas autoras demonstraram isto através de seus textos. Outras mulheres, menos letradas, o fizeram através do seu viver diário.

Achamos que feitas essas considerações, podemos passar à análise dos temas que os jornais nos apresentam.

Educação

Nas fontes usadas por nós para buscar o discurso feminino, as falas sobre educação quase sempre vêm ligadas à questão da educação da mulher. No entanto, encontramos um artigo de Analia Franco onde esta faz considerações sobre o ensino que era ministrado nas escolas públicas.

A autora coloca que o problema da educação popular tem se tornado o ponto mais importante quando se fala em educação, e isto em todos os países. Admite que por parte do governo brasileiro existe uma iniciativa de educação popular, mas esta não lograria efeito. Dentre os motivos que levariam a este fracasso, cita as péssimas condições dos prédios onde são instaladas estas

⁹ - *A Família*, 25/04/1891.

escolas, geralmente em casas velhas que necessitam de consertos e de um melhor aparelhamento para o seu funcionamento, o que quase nunca é feito.

“Supomos que ninguém ignora o que são as nossas escolas publicas.

Com pequenas restricções, collocadas em péssimas casas, ellas resentem-se de falta de tudo; a organização e distribuição das classes não estão de acordo com os preceitos estabelecidos pela moderna pedagogia, devido em geral á insufficiencia das accomodações precisas.

Completamente desprovidas de móveis, não possuem nenhum dos elementos necessários quanto ao material, aos especimens e meio adoptados para a facilidade de se transmittir o ensino.”¹⁰

Analia Franco critica também o programa de ensino proposto (não faz referência a ele diretamente), pois o considera impossível de executar por maior que fosse a dedicação do professor.

Para ela o Brasil estaria longe de ser uma grande nação, pois o que tornaria uma nação grande era o nível de instrução de seu povo. Para que se pudesse encontrar uma solução para tal situação, era necessário que houvesse uma união entre as iniciativas do governo e o conjunto da população.

Esta visão sobre a educação que Analia Franco nos traz, serve para indicar-nos o caminho que o discurso feminino vai transcorrer na defesa da educação para a mulher. A crítica às condições presentes do ensino, que inviabilizam uma aprendizagem proveitosa e o próprio trabalho do professor, devido a uma total falta de estrutura, aparecem junto com a força que uma educação renovada traria para o progresso e civilização da sociedade de então.

¹⁰ - *A Família*, 02/11/1889.

Educação da mulher

Através de diversos artigos no *O Sexo Feminino* e em *A Família*, podemos perceber claramente as idéias que essas autoras tinham acerca da educação que deveria ser ministrada às mulheres. Devemos frisar aqui um aspecto desses textos. Quando aparece a expressão educação, ela pode significar tanto a educação no sentido de formação moral e intelectual, que se receberia no lar, quanto aquela formação intelectual, que se receberia na escola. Essa confusão entre educação e Instrução aparece em alguns textos, porém não em todos. Para efeito da nossa análise, quando falamos em educação temos em mente essas duas possibilidades, pois acreditamos que tanto na educação familiar, quanto na instrução escolar que eram propostas se pode verificar o mesmo objetivo: uma elevação dos padrões vigentes de modo a proporcionar uma maior capacitação e liberdade para a mulher. Quando da análise de textos específicos manteremos a forma utilizada pela autora.

Um ponto em comum entre essas autoras era a crítica da educação que tradicionalmente se ministrava às mulheres. A mulher seria preparada para uma vida doméstica onde ela seria nada além do que mais um objeto dentro da casa. Não havia uma noção de consequência entre como as mulheres eram preparadas e a função que elas iriam ocupar na sociedade de então. A propaganda por uma melhor educação para as mulheres, levada a cabo principalmente pelos jornais, tinha, como elemento central, a modificação desta situação para que as mulheres pudessem exercer a plenitude da sua existência.

Pode-se perceber através desses escritos que a educação representava um poder de recuperação da importância da mulher para a sociedade. Esta não mais seria um simples fator de aumento populacional, a responsável pelo aumento do rebanho. Na visão dessas autoras a mulher

educada, para além de uma simples reprodutora, seria a responsável pela regeneração moral e social da humanidade e de suas próprias vidas. A figura da mãe sofre uma revalorização pois é a partir dela, principalmente, que estas mudanças podem ocorrer. Esta idéia de civilização do gênero humano através da mulher-mãe, era cara aos autores analisados por nós anteriormente, contudo, aqui toma uma nova amplitude quando se defende que a mulher, enquanto mãe, deve educar os seus filhos para que eles defendam os seus direitos.¹¹

A educação também seria útil para capacitar a mulher a lutar pela defesa de seus direitos e para melhor capacitá-la para o trabalho quando este fosse necessário, ou quando se configurasse em uma opção. Os diversos artigos trabalhados por nós, que abordam diretamente a questão da educação feminina, demonstram estas idéias.

Francisca Diniz no seu primeiro editorial, após afirmar que o seu jornal não hesitará em lutar pelos direitos da mulher e pelo progresso, defende que a mulher deveria ser educada para a nova realidade social, onde esta poderia ter a necessidade de trabalhar para a sua sobrevivência. Para ela o século XIX, "século das luzes", não pode acabar sem que os homens percebam que os males que oprimem a sociedade são frutos da educação que as mulheres recebem e que não as prepara para a vida.

"Em vez de pais de família mandarem ensinar sua filhas a coser, engomar, lavar, cosinhar, varrer a casa etc; etc, mandem-lhes ensinar a ler, escrever contar, *grammatica* da lingua nacional *perfeitamente*, e depois *Economia e Medicina domestica*, a *Puericultura*, a *Literatura* (ao menos a nacional e a portuguesa), a *Philosophia*, a *Historia*, a *Geographia*, a

11 - *O Sexo Feminino*, 20/12/1873. Ano I, nº 15. No editorial "Amor Maternal", Francisca Diniz defende que as mulheres educadas podem educar os filhos para que estes defendam seus direitos.

"Quão civilizada, perfeita, e feliz não será a nação brasileira, quando todos os seus filhos forem defensores dos direitos de suas mãis?"

Physica, a Chimica, a Historia natural, para coroar esses estudos a *instrução moral e religiosa* que *estas meninas assim educadas* não dirão quando moças estas tristes palavras:

«Si meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim!!»

Não sirva de cuidado aos paes que suas filhas assim educadas e instruídas, não saibam coser, lavar, engomar, cortar uma camisa, etc., etc.

A riqueza intellectual produzirá o dinheiro, e com estes se satisfarão as necessidades.

O dinheiro, Deus o dá e o diabo póde tirar; mas a sabedoria que Deus dá - o diabo não a roubará.¹²

Deve-se notar que neste trecho fica patente a influência do pensamento de Aimé Martin, pois a educação intellectual deve vir junto com uma educação moral e religiosa. Acreditamos porém que a autora avança nas reivindicações da educação intellectual, principalmente no caso da necessidade do estudo da economia, medicina doméstica e da puericultura.

Anália Franco em "Educação Feminina", artigo publicado em A Família, contesta a idéia na qual a educação das meninas seria a aquisição de prendas para que esta pudesse brilhar e reinar na sociedade. Segundo a autora, a atitude de muitos pais que não educam suas filhas com receio de que elas se desviem deve ser combatida, pois expressam um preconceito segundo o qual a mulher educada se tornaria pedante.

"Entre os dois extremos, isto é, entre a mulher erudita que se torna pedante e ridicula, alvo da ironia a mais ferina, e entre a mulher ignorante, frivola, incapaz de conceber e realizar um pensamento grandioso em beneficio da humanidade não haverá um justo meio?

Ha sem duvida, que é a mulher educada na justa comprehensão de todos os seus deveres e de todos seus direitos,

¹² - *O Sexo Feminino*, 07/09/1873. Ano I n° 1.

para que possa formar dignamente o caracter dos filhos em affectuosos sentimentos e elevadas idéas.”¹³

A mulher educada tendo em vista esses limites, tem, segundo a autora, uma importância capital para o processo moralizador e formador das gerações futuras. Assim sendo, a defesa da educação se justificaria devido à sua importância para o desenvolvimento da humanidade e deveria ser dirigida para tal.

Dando prosseguimento a esta argumentação em “Notas sobre a educação feminina”¹⁴, lamenta que apesar do progresso dignificar o triunfo da razão humana, a mulher ainda é considerada como incapaz, submetida a uma educação retrógrada, de “ordem mystica”, e subordinada a uma “disciplina de convento” onde os livros são considerados perigosos.

A mulher estaria condenada ao obscurantismo, sem base lógica no século que aboliu a escravidão e popularizou a instrução, antes um privilégio das “altas Classes”. Essa situação deixaria a mulher com um nível intelectual muito baixo, que teria como consequência a degradação dos costumes dos homens, o que seria a explicação dos problemas que a sociedade vivia e, continuaria vivendo, se este estágio da educação feminina não fosse superado. A mulher educada serviria de freio para esta degradação, pois através da educação que passaria aos seus filhos poderia modificar esta realidade. Contudo, com uma educação voltada para futilidades e vaidades a mulher só poderia piorar esta realidade.

¹³ - *A Família*, 19/01/1889.

¹⁴ - *A Família*, 19/04/1890.

“Descusando, ou desprezando o homem a educação da mulher, ha de receber d’ella todas as más inspirações que deixou sem correctivo; porque a preponderancia instinctiva, espontanea com que ella influe naturalmente no caracter do sentimento, a que a sociedade irresistivelmente obedece, tem subsistido sempre desde a mais remota barbaria até nossos dias.”¹⁵

Marie Renotte, médica formada pela Women's Medical College of Pensylvania dos Estados Unidos da América, em Influencia da educação da mulher sobre a Medicina Social, tese apresentada à Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro em 1895 para a obtenção de autorização para exercer a profissão, defende que é, justamente, a falta de uma noção de consequência o principal problema da educação destinada às mulheres. Essa educação não levaria em conta a importância das mulheres para as gerações futuras.

A falha principal do ensino, para ela, se encontra no seu objetivo. Este, não busca fornecer às moças um maior conhecimento de si, pelo contrário, toda a educação é voltada para o casamento; as mulheres aprendem a tocar piano e falar algumas línguas estrangeiras, a ter boas maneiras à mesa, a desenvolverem o gosto pelo teatro e a forma correta de se vestirem conforme a moda e o gosto masculino. Contudo, não há neste tipo de educação uma noção de responsabilidade para com a saúde de seu próprio corpo, como no uso de espartilho, moda na vestimenta do período, que provocaria danos nos órgãos internos. É necessário, segundo a autora, que junto com a educação intelectual, haja a educação de uma cultura física, para que a mulher saiba como cuidar da sua saúde e como preservá-la. Para tal deveriam ser ensinadas noções de higiene

15. - *Idem*.

e fisiologia. A autora critica, assim, a educação nas escolas para o sexo feminino que, além de não promoverem, inibem o desenvolvimento físico, posto que na maioria das escolas a educação física localiza-se apenas no programas. ¹⁶

Além dos fatos citados, há, também, um excesso de severidade no lazer permitido à mulher. A vigilância constante e a proibição às manifestações de alegria (risos, correrias e gritarias), são vistas pela autora, como maléficas à formação da mulher.

A pouca importância que se dava à formação física da mulher traria graves conseqüências, mediante o seu papel na reprodução da espécie.

"(...) Não podemos esperar que esse ser fraco e debilitado, miserável fisicamente e geralmente depauperado esteja apto a reproduzir seres vigorosos e enérgicos; que sua acção no processo de reprodução, não seja nociva, perniciososa, deteriorante e enervante; que pigmea ela possa provavelmente gerar gigantes; que, segundo a natureza das cousas, uma nação de liliputianos, de degenerados ha de surgir de pais insignificantes e enfraquecidos; que o estado, que é a reflexão da família faltará de seus elementos de resistência se ella não for solida." ¹⁷

Sobre a educação intelectual, a autora critica o seu conteúdo, voltado para conhecimentos pouco práticos na vida diária e defende uma educação que forneça, além dos conteúdos já dados, noções de higiene e cuidados básicos com a saúde do corpo.

Josephina de Azevedo, em editorial, faz duras críticas às mulheres brasileiras, por estas aceitarem o tipo de educação que lhes é imposto.

¹⁶ - Marie Rennotte. *op. cit.*, pág. 7 a 14.

¹⁷ - *Idem.* pág. 16.

O maior objetivo de *A Família* seria justamente demonstrar a “falsidade” de uma educação baseada em “saber francez, piano e trabalhos de agulha”. A missão da mulher seria muito importante para que ela ficasse inerte perante tal situação. Apoiada em Aimé Martin, afirma que se não lhe fosse concedido o tipo de educação necessária para que ela educasse da melhor maneira os seus filhos, esta deveria por conta própria procurar se educar. Se a mulher brasileira não o faz é antes por preguiça do que por falta de capacidade.

“Não é tocando piano que havemos de educar nossos filhos.

Não é ostentando ricos vestidos que havemos de guial-os n’esta escabroza estrada da vida.

E de que servem as amas? Perguntarão as mulheres sem consciencia. Aquella que entrega a outra aquilo que deveria merecer-lhe toda a ternura, todo o seu desvanecimento, não é uma verdadeira mãe.”¹⁸

Outra autora que defende os benefícios que a educação pode trazer é Octavia Mullulo. Em “Instruir”, a autora tenta demonstrar que a instrução é a melhor maneira de se engrandecer o espírito e de se alcançar o progresso. A instrução transformaria o autômato em celebridade. O desejo de se instruir deveria nascer na mulher, pois assim ela provaria que a inteligência não era uma prerrogativa do sexo masculino, e, também, ela se tornaria uma melhor educadora da infância.¹⁹

A educação da mulher não era vista somente através da ótica da necessidade de se educar os filhos. Esta também traria benefícios para a mulher e

¹⁸ - *A Família*, 02/03/1889.

¹⁹ - *A Família*, 25/04/1891.

para a sua vida conjugal. Luiza Thienpont, em "Utilidade da instrução para a mulher", afirma que a mulher educada teria mais possibilidade de sucesso no casamento. Isto se daria por dois motivos. Primeiro, como nem sempre o trabalho do homem era suficiente para o sustento da casa dentro dos padrões que o progresso impõe, a mulher instruída poderia trabalhar auxiliando o marido na "batalha da vida". Segundo, a diferença de capacidade intelectual entre os esposos, levaria a mulher a uma situação de dependência que a tornaria uma pessoa sem personalidade e autonomia.

Além disto a falta de instrução atuaria como um limitador das possibilidades de trabalho para a mulher, dificultando mais ainda a sua sobrevivência fora do casamento.

"Se a mulher for obrigada a agenciar sua vida, deficientemente instruída, ella não poderá senão entregar-se a trabalhos rotineiros e vulgares, arduos, e que as vezes bem mal servem para satisfazer as mil necessidades da sua subsistencia; se associar seu destino a outro que tiver supremacia intellectual, ella verse-ha condemnada á uma eterna dependencia, não sendo senão um ser passivo que muitas vezes obedecerá as vontades alheias."²⁰

A autora reivindica a criação de escolas e liceus para o ensino feminino, e uma lei que torne o ensino obrigatório. Argumenta que como o Brasil tem por hábito seguir os exemplos externos, deveria incentivar mais a instrução feminina, como o fazem países como a França, Itália, Alemanha e Estados Unidos. Além disto, na opinião de Luiza Thienpont, o governo deveria promover uma união de esforços, através de uma política educacional, posto que

²⁰ - *A Família*, 16/03/1890.

os esforços isolados quase sempre não logram sucesso.

Outra autora que realça a influência da educação da mulher sobre o casamento é Analia Franco. Segundo a autora, esta influência se dá, principalmente, sobre a função que a família teria na vida do homem. A família seria como o berço e o ancoradouro dos homens, lugar de redenção, onde o homem perturbado pelas aflições do mundo exterior procuraria abrigo seguro. Contudo, esta apresentaria um grave problema: a desarmonia entre as capacidades intelectuais dos cônjuges, o que tornaria o casamento um "supplicio".

A sociedade moderna exige, para a autora, um relacionamento onde a mulher funcione como um complemento do marido, onde ela assuma as responsabilidades pelo lar. A mulher brasileira não estaria preparada para isto, devido ao fato de não ter sido educada para tal.

"Não há quem não reconheça que por um concurso de circunstancias sociais, religiosas e economicas, o homem vive separado da mulher. Elle marcha rapidamente n'um caminho de ideias, de innovações e de descobertas que abrem-lhe horizontes amplissimos e illimitados, ao passo que a mulher, quasi no geral fica estacionária, como se o progresso, letra viva para o homem, fosse letra morta para a mulher, perdendo assim o seu elemento mas symphatico."²¹

Por fim, sobre a questão específica da educação da mulher, Josephina Alvares de Azevedo coloca que as mulheres, maiores beneficiárias da propaganda pela educação, são as que menos se interessam pelo assunto. Para ela, é justamente a falta de educação intelectual, que pode justificar esta situação.

²¹ - *A Família*, 15/04/1894.

“Rara é a mulher brasileira que não julgue ser a escravidão dourada a melhor felicidade d’este mundo!

Ser livre! Para que?

A liberdade é um fardo: é a obrigação e o trabalho; é a responsabilidade e a lucta!

Como se não fosse por isso mesmo que a liberdade se torna mais bella, mais seductora e digna de espiritos fortes!

Triste estado a que voluntariamente nos resignamos!

Em parte, somos nós culpadas de sermos consideradas assim: seres inferiores, creaturas sem missão dirigente!

É preciso que as mulheres, como eu, convençam-se de que a nossa missão na sociedade, não é a de ornato de sala, e sim a de educadora dos futuros cidadãos, aquelles que terão de dirigir esta grande nação, que maior seria, se houvessem mães que soubessem educar os filhos!”²²

A maternidade e a Mãe educadora

Duas idéias são muito importantes para as nossas autoras, quando se tem em mente a formação que deveria ter a mulher para exercer a maternidade. A mulher deveria ser moralmente forte e ter plena consciência da sua responsabilidade para com aquele ser que gerou. No primeiro caso são realçadas as características que se julgavam próprias das mulheres, como a piedade, o amor, a honradez e a dedicação. No segundo, a boa formação do indivíduo gerado, através da educação ministrada principalmente na primeira infância. Essas idéias não são excludentes, aparecendo às vezes no mesmo artigo.

²² - *A Família*, 14/08/1890.

Francisca Diniz em editorial intitulado "Educação moral",²³ defende que a mãe deve ser a responsável pela educação dos filhos e que esta educação deve ser baseada na construção de um senso de moral. Entretanto, para a autora, as mulheres de sua época não estão preparadas para exercer tal papel. Caberia então à sociedade a responsabilidade de preparar as mulheres para este fim.

Enquanto as mulheres não pudessem desempenhar a sua maternidade da maneira mais correta, ou seja, educando moralmente seus filhos, esse encargo deveria ficar com os professores e professoras, apesar de não serem estes os mais indicados, visto que a eles só deveria ser legada a instrução intelectual. Na escola as crianças deveriam aprender junto com a instrução a educação moral para que depois a passassem para seus filhos.

"Educação moral quer dizer conhecimento dos bons costumes de todos os povos civilizados; mas para conhecer este ponto precisa a mulher de uma instrução, que deve cada dia ir aperfeiçoando, até que seu espirito cada vez mais se vá ilustrando.

Assim preparada a mãe de família, é de esperar que suas filhas bebam em limpa fonte os sãos princípios de uma verdadeira educação, conhecendo dest'arte a religião do dever, ou a verdadeira moral.

Desde então a mulher compreenderá seus deveres para com Deus, para consigo, e para com o próximo."²⁴

²³ - *O Sexo Feminino*, 11/10/1873. Ano I n° 6.

²⁴ - *Idem*.

Seguindo com esta idéia, em “Influencia da educação maternal sobre os filhos”²⁵, a autora critica aqueles que insistem em não reconhecer a boa influência que a mãe tem sobre os filhos. A mãe inculcaria no coração do filho apenas os sentimentos da mais pura virtude e piedade. Estaria sempre de prontidão para proteger os filhos e guiá-los desde o berço. Ao contrario do professor, as mães valorizariam muito mais as crianças, pois estas não seriam apenas uma forma de sustento.

Sobre o tipo de preparo necessário que as mulheres deveriam ter para tal encargo, a autora tranqüiliza suas leitoras afirmando que não haveria necessidade de estudos muito complexos, mas sim de uma verdadeira dedicação aos seus filhos.

“Mães! Não se assuste a vossa fraqueza com o grandioso título de educadoras! Não, nós não queremos imporvos estudos pedantescos, nem deveres austeros; é a felicidade que pretendemos conduzir-vos: *são os nossos direitos postergados, que desejamos reaver*; são as vossas forças e *a vossa soberania* que invocamos; é enfim, convidando-vos a perceber a estrada afortunada da virtude e do amor que nos propuzemos a pedir que vos instruaes, para que possais educar vossos filhos nos são principios da moral.

Com esse móvel conseguiremos a paz do mundo, a ordem das familias, a gloria de nossos filhos e a ventura da humanidade.”²⁶

²⁵ - *O Sexo Feminino*, 07/01/1874. Ano I, nº 17.

²⁶ - *Idem*. Grifos nossos.

A defesa da maternidade neste trecho, traz, também, um aspecto de valorização da figura feminina enquanto ser atuante no contexto social. O processo, que as mulheres devem seguir para se tornarem boas mães, é o mesmo que as levará a reaver os seus direitos e a sua soberania. O discurso feminino, neste sentido, difere em relação às falas masculinas sobre a mãe educadora. Aqui não se trata, somente, de garantir uma geração disciplinada, mas de formar uma base para a conscientização, da mulher de sua importância crucial para a sociedade e da legitimidade de suas reivindicações.

A importância das mulheres como educadoras da primeira infância é destacada por Anália Franco. Em "As mães",²⁷ a autora afirma ser a primeira educação a mais importante que o homem recebe, pois o que ele aprende nesta fase fica para o resto de sua vida e, muitas vezes, essa pode ser a única que ele terá. Como a mulher é normalmente quem ensina a criança neste momento, ela deveria receber uma educação muito melhor do que a que vinha recebendo.

"(...) Se as mães tem pois a parte mais importante e séria na educação da primeira idade, que é quando se formam o gosto e as observações que a toda a vida nos encaminham; justo é que o seu desenvolvimento physico, moral e intellectual não seja mais comprimido nos atrophiadores moldes, que nos legou a idade média. E, effectivamente, essa educação longe de dispolas para a nobre e elevada missão que as espera na sociedade, procura attingir fins inteiramente oppostos, aquelles que se deveria desejar

Anália Franco retorna a este ponto em mais dois artigos sob o

²⁷ - *A Família*, 18/11/1888.

mesmo título, "Notas sobre a educação feminina", publicados em 1890.²⁸ No primeiro critica a atitude de muitos pais que não dão a atenção merecida à educação de suas filhas. Esses, ou deixam suas filhas sem educação nenhuma, ou lhes passam conhecimentos "de immediato interesse" que não levam em conta que elas serão as "mães da humanidade".

Neste estado de ignorância em relação à sua missão e às suas capacidades, a mulher ao invés de ajudar no progresso social, através da sua influência como mãe educadora, atuaria como elemento de retrocesso.

"Quando consideramos porem as perturbações que em muitas familias, começa a produzir a nossa educação atrophiadora e futil, essa educação que quasi no geral nos esterilisa o intellecto, que nos anulla as capacidades, que nos deprava o character e destroi a dignidade, e cuja influencia perniciosa vae se reflectindo lentamente n'uma geração nova e já tão decrepita, não podemos deixar de fazer um apello a vós mães!"²⁹

A autora conclama as mulheres a abraçarem as suas "obrigações" de mães e a dedicarem todo o seu esforço para formar o "coração", e enriquecer o "espírito" para que pudessem modificar esta situação.

No segundo artigo, pondera que as nações, que estão na ponta do progresso econômico e social, são as que mais valorizam a educação. Segundo a autora a educação seria a arena onde se daria a luta pela civilização. Contudo, por mais adiantadas que fossem as instituições pedagógicas de uma nação, elas serão sem efeito se não tiverem em mente a influência da mãe como

²⁸ - *A Família*, 24/05/1890. & *A Família*, 16/10/1890.

²⁹ - *A Família*, 24/05/1890.

primeira educadora.

“E muito embora o contestem, por mais que se lhe desenvolvam a intelligencia, o homem ha de sempre pensar, obrar e querer, segundo os sentimentos affectivos que recebeu na infancia, desde o amor filial, origem das afeições domesticas e civicas, até o amor pelo ideal e pelo divino, fonte inexaurivel das artes, das sciencias e da religião.”³⁰

A educação infantil, tão importante para o desenvolvimento do homem e da sociedade por extensão, só poderia ficar a cargo da mãe, pois o pai, pelo seu papel tradicional de provedor e pelos seus deveres na sociedade, não possuía tempo para dedicar a sua inteligência na educação dos filhos. À mãe deveria caber o papel de co-gestora na formação do indivíduo junto com a escola.

Nos discursos dos homens analisados por nós, existia uma grande exaltação da mulher-mãe enquanto garantia de um processo civilizador. As mulheres seriam as guardiãs de uma nova geração que se formaria sob os signos da disciplina e do progresso. A mãe educadora de seus filhos seria o elemento que tornaria tal ambição em realidade. Numa abordagem superficial, poderíamos achar que os discursos femininos nada nos mostram de diferente em relação aos dos homens. Contudo, existe na fala das mulheres um elemento de originalidade que nós percebemos em nossas fontes. Conforme vimos até aqui, a figura da mãe tinha uma grande importância dentro da idealização que essas mulheres estavam fazendo de si e do seu papel dentro da sociedade.

Quando nos discursos femininos se privilegia a atuação da

³⁰ - *A Família*, 16/10/1890.

mulher dentro da maternidade, está se operando na realidade uma busca de valorização da atuação feminina no campo social. Se era através das mulheres que o progresso chegaria à sociedade, era justo que estas tivessem os seus direitos sociais garantidos. Não podemos, nem pretendemos afirmar que este era o discurso oculto por trás do proferido por aquelas mulheres. Entretanto, acreditamos que se pode perceber este movimento dentro da argumentação aqui tratada e que ficará ainda mais clara quando da análise dos artigos que dizem respeito à emancipação das mulheres e do papel da educação para esta emancipação.

O artigo de Paulina A. da Silva, "Mãe", serve para exemplificar a nossa argumentação. Após reforçar o caráter de bondade extrema da figura maternal e a sua importância na formação e nos méritos alcançados pelos filhos, a autora coloca como fundamental, para que a mulher possa exercer bem o seu papel de mãe, a sua emancipação.

"Mas para isto não basta o que somos. É necessario que a mulher quebre as cadeias dos velhos preconceitos sociaes e se emancipe da tutela de nossos avós que lhe destinaram um lugar secundário na sociedade para mostrar ás gerações vindouras que a mulher tem incontestavelmente pela sua capacidade intellectual o mesmo direito que o homem.

E não deixar por mais tempo em todo o esplendor o nome do pae, quando igual quinhão, senão mais, compete na educação de seus filhos, á mulher. - Isto é, a Mãe."³¹

Devido às mulheres, segundo a autora, terem mais participação na educação dos filhos do que os homens e para que pudessem plenamente

³¹ - *A Família*, 19/01/1889.

exercer o papel de mãe, era necessário que houvesse a sua emancipação.

Progresso social através da mulher

O progresso social através da mulher era um elemento presente tanto no discurso masculino, quanto no feminino. Excetuando-se o caso de Tito Livio³², na fala dos homens o papel das mulheres neste processo, era apenas o de educadora dos filhos. As mulheres preparariam os fazedores do progresso e da civilização da sociedade. Conforme já havíamos demonstrado para o caso da maternidade, nos discursos das mulheres, podemos perceber que estas avançam na argumentação, tornando-a mais útil para as suas reivindicações.

Nas falas femininas sobre o progresso social através do seu papel na sociedade, duas idéias estão bastante presentes. A primeira é que, para que a mulher pudesse desempenhar esta função, seria necessário que a mulher tivesse a sua educação muito mais desenvolvida do que o estágio em que se encontrava e, até mesmo, em relação ao que era proposto pelos homens. A segunda idéia era que este progresso deveria trazer, embutido nele, uma redenção da situação de total dependência em que as mulheres se encontravam.

Em "A nossa instrução"³³, Narciza Amália faz a defesa de uma melhor educação para as mulheres. Para ela os Estados Unidos eram o único país que tinha avançado nesta questão. Critica o fato de que no Brasil ainda se colocava a mulher como incapaz para o desenvolvimento da razão. Não era porque as mulheres tinham uma sensibilidade mais acentuada, que se tornaria impossível um pensamento razoável, o que lhes impossibilitaria um maior desenvolvimento intelectual.

³² - Ver capítulo 2, principalmente quando este autor rebate as objeções que se colocavam à uma melhoria no conteúdo da educação feminina.

³³ - *O Sexo Feminino*, 11/10/1873. Ano I, nº 6.

No nível de educação em que estava, segundo a autora, a mulher não teria nada além de uma existência vegetativa, onde sequer saberia perceber a sua real utilidade para a sociedade. A mulher educada e mãe, pelo contrário, seria a chave para o progresso que a sociedade aspira e para a libertação dos povos.

“Assim vive, assim morre, sempre ignorando que é no seu cérebro ocioso, que é no seu espirito caprichoso e frívolo que repousão os germens desse bem-estar social que o povo em vão implora ás leis e aos governos que nos regem.

Eduque a sociedade convenientemente essa criaturinha sensível e meiga; individualise-a, dando-lhe a responsabilidade moral de seus actos, e a sua propaganda redemptora será eficaz.

Influa o seu espirito sequioso com os principios fundamentais da sciencia, e de cada lábio voará um poema de verdades. Torne-a a mãe que possa ensinar philosophicamente o bem a seus filhos, e será resolvido o problema da libertação dos povos, libertação baseada na instrução, na moralidade, e no trabalho.”³⁴

Saúda, no final, a editora do jornal por ter dado o primeiro passo na redenção do “nosso oprimido sexo”.

Francisca Diniz, em dois editoriais, trabalha com esses temas. Em “A causa da mulher cada vez mais acoraçada, e caminhando para o triumpho”³⁵, rebate as críticas a sua postura no jornal, afirmando que tem cumprido o seu dever de propagandear a luta pela emancipação e instrução do sexo feminino. A mulher seria a única capaz de “salvar” a humanidade do caos e de todas as “más paixões” que seriam provocadas pelos homens longe da sua influência.

³⁴ - *Idem*.

³⁵ - *O Sexo Feminino*, 02/05/1874. Ano I, n° 31.

“A imaginação viva da mulher, sua constituição nervosa e delicada dá-lhe um espécie de ardor prophetico, que a torna apta para o papel de iniciadora e missionario. É ella que inocula com o leite de seu seio os primeiros elementos de vida no corpo e alma de seus filhos, e todos conhecem a influencia que a educação materna exerce nos destinos do ente sociavel.”³⁶

Para a autora o nível de desenvolvimento em que uma nação se encontra está diretamente ligado ao estágio em que se acha nele a mulher. Nesse sentido, os Estados Unidos estariam dando uma lição para o mundo, pois a mulher neste país estaria livre dos preconceitos típicos de velhas sociedades, tendo se tornado um “elemento vivo de progresso”. O motivo desta situação, neste país, seria a preocupação que têm a sociedade e as mães de preparar a menina desde cedo para os papéis que deveria desempenhar.

Francisca defende ainda, neste editorial, que a mulher deveria ser preparada, também, para ser professora, ocupando assim os dois lugares privilegiados para a boa educação do individuo: a educação moral no lar e a educação intelectual na escola.

No segundo editorial, “Educação das meninas”³⁷, afirma que a educação das meninas era a necessidade mais urgente da sociedade. Educar as meninas para que essas desempenhassem os papéis de esposa e mães de família, era garantir para elas e para a sociedade um futuro feliz. Este dependeria da boa direção desta educação. Segundo a autora, as meninas deveriam receber uma educação que lhes incentivassem a autonomia e a não aceitação de uma

36 - *Idem*.

37 - *O Sexo Feminino*, 10/10/1875. Ano II, nº 11.

dependência total em relação ao homem.

“No espirito feminino as ideias se enraízam facilmente; os hábitos tomam vulto, e os costumes se formam e se firmam. Preparar caracteres com princípios práticos e saudáveis é a obra da mãe de família.

As meninas acostumadas desde a infância a uma tutela de todos os dias, de todas as horas, quando mães de famílias, vendo-se com o cargo da família e dos negócios da casa, nada resolvem por si com facilidade e presteza. Sem o mot, de ordem do marido atrapalham-se, vacilam, e muitas vezes decidem fazendo asneira.

Mães de famílias que uma tal educação recebem, isto é, sem actividade, sem iniciativa própria, sem liberdade nada poderão fazer em bem do seu Estado, de sua casa e sobretudo da educação de suas filhas. As que tiverem bens de fortuna passarão uma vida de vaidade e nobreza, e as que forem pobres uma vida de miséria, e até de crimes algumas vezes. Por ultimo remate: a menor e a mais imprescindível de todas as nossas necessidades é a desde já fundar-se casas de educação para as meninas e moças que precisem de uma instrução mais apropriada ás necessidades da vida.”³⁸

Neste texto aparece o que tínhamos afirmado acima. A educação das mulheres traria o progresso para a sociedade, mais traria embutido nele, no entender dessas autoras, a aquisição de direitos e uma melhoria na condição de vida das mulheres, através de uma maior valorização da sua atuação na sociedade.

Luiza Cavalcanti Filha, em “Tratemos de nós”, defende que a emancipação deveria despertar nos homens um grande interesse, pois era um elemento importante para o progresso, num século que tinha por sua principal

³⁸ - Idem.

característica ser evolucionista. As diferenças entre os sexos não deveriam ser obstáculos ao desenvolvimento intelectual, porque a natureza deu à mulher dons e direitos iguais aos dos homens.

Contudo, para que as mulheres possam exercê-los era necessário uma educação mais sólida. A autora protesta contra os homens que julgavam ser a mulher inferior biologicamente e incapaz de alcançar os conhecimentos lógicos científicos. Não era seu desejo que todas as mulheres se transformassem em “genios”, mas que todas, mesmo as que não fossem bem nascidas, tivessem acesso aos conhecimentos intelectuais e dos seus direitos.

“Aspiramos, porém, que toda a mulher, sem privilégio de classes, consagre às letras, advogue seus direitos incontestáveis - emancipe-se - fuja as trevas das noites da ignorância, que a condennam ao perpétuo ostracismo do templo luminoso de Minerva, para surgir radiante na esplendida alvorada do porvir!...”³⁹

Só assim, segundo a autora, a “patria” chegaria ao progresso social, condizente com a característica evolucionista que dominava o século.

No editorial “Racional emancipação da Mulher”, com que abre a segunda fase de *O Sexo Feminino*, Francisca Diniz explicita a idéia de que a educação das mulheres levaria ao progresso da sociedade e que, imbutido neste, viria a redenção da figura feminina na sociedade.⁴⁰

A autora começa saudando o século XIX como o palco do progresso das idéias rumo à civilização, sendo a racional emancipação da mulher

³⁹ - *A Família*, 08/12/1888.

⁴⁰ - *O Sexo Feminino*, 02/06/1889. Ano III, nº 1.

a mais importante dessas idéias. Para que esta pudesse ser concretizada era necessário que a mulher tivesse a sua capacidade intelectual respeitada e cultivada. Francisca Diniz afirma que, para alcançar este objetivo, O Sexo Feminino dedicaria o seu esforço de propaganda.

As “sciencias anatomicas” já haviam demonstrado a igualdade das inteligências entre o homem e a mulher. A sociedade deveria então educar a mulher para que esta se tornasse útil à humanidade.

“Já se ensina á mulher a sciencia da vida, e a vida não é uma cousa simples; há na vida a vida physica, moral e intellectual, ou antes a vida da familia, do individuo e da sociedade. O aperfeiçoamento physico, moral e intellectual da mulher não é uma utopia: é idéa realizada.

Cada povo tem suas idéas dominantes e que se dissipam diante de uma nova idéa do seu século.

Hoje, no século XIX, está mais que demonstrada a maravilhosa importancia que a mulher tem na regeneração da humanidade: e no lar da familia que é a sociedade em miniatura, é que pode e deve ser aproveitada a luz divinal que a mulher recebeu de Deus, e nem é mais permittido negar-se a sua superioridade na educação e na instrução da mocidade.

Vejamos, pois, boas mães, o terreno é nosso, não o deixemos sem cultura, e nossa colheita será na proporção do que semearmos; a principal idéa é a de abrir todas as carreiras ao nosso deprimido sexo por meio da instrução ministrada pela mãe de familia.

A marcha e o movimento do progresso de idéas novos é sempre lenta, porém não está longe o dia em que a obra da perfectibilidade do genero humano será preenchida pela educação do homem, dada pela mulher. É a epocha da luz!... Foram se as trevas... Todos os povos se congregam em torno da sacrossanta idéa da igualdade e da fraternidade. Avante, pois, amaveis conterraneas!...”⁴¹

⁴¹ - Idem. Grifos nossos.

Através da educação ministrada pela mãe de família viria o progresso da sociedade e a emancipação das mulheres, colocada aqui como um elemento constitutivo do primeiro. São as mulheres os próprios agentes da sua libertação.

A defesa da emancipação feminina e da importância da educação para a mesma surgem como um importante componente para a compreensão da fala dessas mulheres e marcam para nós a originalidade desse discurso em relação ao discurso masculino. Fica evidente aqui o que apontávamos no início do capítulo, quando afirmávamos acreditar que essas falas expressavam a contribuição feminina para a construção do ser mulher e, não apenas uma, repetição ou assimilação do discurso masculino.

A emancipação da mulher

Quando, no capítulo 2, tratávamos do discurso dos homens, afirmamos que a visão que estes tinham da emancipação feminina baseava-se numa total recusa, quando esta significasse a saída da mulher para o espaço público, com pleno gozo de direitos sociais. A mulher deveria ser emancipada da posição de escrava dentro lar, mas a sua esfera de atuação estaria circunscrita a este espaço como esposa e como mãe. Ao homem o exterior, à mulher o interior.

Nos discursos aqui analisados por nós, já tivemos a possibilidade de ver que os papéis de esposa e mãe eram muito valorizados por essas mulheres. Entretanto, no que diz respeito à emancipação, que elas tinham em mente, essa divisão entre espaço exterior e interior do lar não poderia ser aceita. As mulheres teriam as suas obrigações no lar, mas as portas do mundo exterior não lhes deveriam ser vedadas. As mães de família deveriam, na visão dessas autoras, lutar para que adquirissem os mesmos direitos sociais que os

homens e, principalmente, para que não precisassem mais da tutela de um homem para resolverem as suas questões.

Dentro da propaganda que é feita nos jornais pela emancipação, um tema merece destaque, antes de tratarmos os artigos que abordam este assunto mais diretamente. Em vários artigos e editoriais, a educação intelectual da mulher é colocada como uma etapa crucial para que a luta pela emancipação fosse vitoriosa. Isto é importante pois reforça nossa argumentação sobre o caráter de subjetivação dos discursos femininos, e porque é mais um elemento que demonstra uma originalidade nestas falas.

No editorial, "A minhas patricias"⁴², Francisca Diniz lamenta a posição que a mulher ocupa na escala social: a última. A falta de instrução, que muitos homens julgavam incompatível com ela, era vista pela autora como principal motivo da subjugação das mulheres.

Em todas as aparições sociais das mulheres, citadas pela autora (filha, esposa, mãe e viúva), ela estaria sempre oprimida e dominada por um homem. As mulheres, que teriam a mesma capacidade intelectual do homem, se educadas, poderiam desempenhar melhor os seus papéis tradicionais na sociedade e, também, começariam a trilhar o caminho para a sua emancipação.

"Instrução para o sexo feminino minhas caras patricias!
Não cessemos de pugnar e clamar até que completamente
consigamos este desideratun.

Com a instrução conseguiremos tudo, e quebraremos
ainda as cadêas que desde séculos de remoto obscurantismo nos
roxêão os pulsos e aviltão a propria dignidade.

Quando os olhos do espirito culto de todas as mulheres
virem as injustiças, o cruel dominio e a postergação de direitos
de que somos victimas, então o nosso triumpho será completo,

⁴² - *O Sexo feminino*, 14/09/1873. Ano I, nº 2.

porque formaremos uma cruzada que tudo vencerá.”⁴³

Em seu editorial no número de estréia de *A Família*, Josephina Alvares de Azevedo, além de rejeitar a noção de que a mulher era inferior ao homem, defende que esta era a ele superior. A sociedade, segundo a autora, se baseava em dois princípios: o da Ordem e o da Força. O homem encarnaria a Força, enquanto a mulher a Ordem. “Assim pensando, até me parece que compete-nos de preferência a direcção das sociedades. Porque o homem é e sempre foi a negação da Ordem, sem a qual não ha sociedade possivel.”⁴⁴ O homem não seria capaz de governar sequer uma casa, como poderia governar um Estado.

Para a autora a escravidão feminina era a pior que poderia existir, pois seria negado à mulher um “termo de reabilitação”, mesmo quando este viesse do talento. A emancipação das mulheres não representaria a destruição da família como temiam muitos homens.

O caminho mais curto para a emancipação seria o da educação, mas não o da educação que tradicionalmente se recebia, baseado na aprendizagem das “prezadas” necessárias para o casamento. Era certo, na visão da autora, educar-se as mulheres para que elas fossem boas mães de família, contudo a educação da mulher não deveria ter em vista somente isto. “Nós não somos mães todos os dias e ás vezes não o somos nunca.”⁴⁵ A educação junto com o surgimento de uma noção de direito faria com que a mulher chegasse à emancipação.

⁴³ - *Idem*.

⁴⁴ - *A Família*, 18/11/1888.

⁴⁵ - *Idem*.

“É preciso estudar muito, banhar o espirito na luz da sciencia; mergulhar o pensamento na história; fazel-o surgir no direito. Além disso é preciso ter fé e esperança no futuro, que ha de amparar a causa santa da nossa emancipação, que é a nossa elevação moral. mas é preciso desde já romper com o preconceito e com a estultice dos homens, que nos tem avassalado aos seus caprichos, começando por estabelecer bem os nossos direitos.”⁴⁶

Em outro editorial, Josephina volta a defender que a educação é o caminho mais curto para a emancipação e lamenta que o preconceito e o egoísmo levem os homens, contra a razão e a lógica, a não dar a devida atenção a esta. Para a autora, o limite da atividade do indivíduo é a sua própria capacidade e competência, que deve sempre reverter para o bem estar do conjunto da sociedade. Assim sendo, a sociedade deveria incentivar o melhor preparo dos indivíduos para que suas ações sempre revertissem para a mesma. Nesta linha de raciocínio a educação da mulher e a sua conseqüente emancipação não deveriam ser combatidas.

“Pensando assim, não pode ninguem deixar de concordar connosco que a educação da mulher deve render á sua emancipação, e nós devemos pretender e obter nas sociedades um lugar que não é o que temos - de legitimas colaboradoras da elaboração do progresso dos povos, de sua prosperidade material e moral, pelo igual desempenho de deveres, pela igual conquista de direitos, segundo as aptidões de cada uma.”⁴⁷

46 - *Idem*.

47 - *A Família*, 08/12/1888.

Luiza Thienpont, em "Instrução da mulher"⁴⁸, afirmava que a emancipação da mulher era uma consequência natural e lógica da proclamação da República. Após a Abolição e a República, que teriam garantido os ideais de liberdade e igualdade, a emancipação da mulher seria o próximo passo.

O caminho para a emancipação, segundo a autora, deveria ser gradual e constante, como na Abolição e na República. A força motora deste movimento deveria ser a educação. A educação serviria para nortear os caminhos da emancipação social da mulher, garantindo os limites de um comportamento honesto.

"A mulher emancipada é a que tem na família e na sociedade o mesmo direito que o homem.

Na família aceitam a emancipação da mulher. Na sociedade, porém, não podemos emancipar-nos senão pelo poderoso auxílio d'uma educação bem dirigida, pois que essa educação deve limitar o nosso proceder na sociedade na sociedade, onde não devemos gozar sinão de uma liberdade bem entendida.

De certo que si assim não fosse, a sociedade degenerar-se-hia e caminharía velozmente para a depravação, o santuário sagrado da família perderia os seus ideaes encantos, e entre a virgem e a mulher sem decoro não se estenderia este abismo immenso que igualmente existe entre o innocente e o assassino."⁴⁹

Era urgente, segundo a autora, que a mulher estudasse, para que suas opiniões fossem mais embasadas e para que sobre elas não pesasse a

⁴⁸ - *A Família*, 03/04/1890.

⁴⁹ - *Idem*.

acusação de falta de profundidade. A subordinação e ignorância da mulher seriam incompatíveis com um regime de liberdade como a República.

Nesses artigos analisados por nós para demonstrar a importância que tinha a educação, no pensamento dessas mulheres, para a luta pela emancipação, já aparecem alguns pontos importantes para essa luta. O artigo de Luiza Thienpont deixa claro que por emancipação não se entendia uma liberalização nos hábitos morais das mulheres. Quando essas escritoras falavam em emancipação, o que tinham como alvo era a defesa de direitos sociais que lhes eram negados.

No editorial intitulado “O que Queremos”⁵⁰, Francisca Diniz, ao responder o questionamento que lhe havia sido feito através de um jornal, nos dá uma boa visão do que entendia como emancipação feminina. Condena os homens que mantinham as mulheres na ignorância, ornando-lhe o físico em detrimento do espírito.

Essa ignorância da mulher se refletia até nos direitos que esta já possuía, como no caso citado pela autora da necessidade da autorização da mulher para a alienação de bens imóveis. A autora mostra como muitas mulheres eram enganadas por homens que só teriam interesses por seus bens. Assim, respondendo ao questionamento que lhe havia sido feito, afirma que, além da conscientização das mulheres, desejava que ela tivesse o seu papel na sociedade valorizado e que fosse libertada da tutela do homem.

“Queremos a nossa emancipação - a regeneração dos costumes;

Queremos reaver nossos direitos perdidos;

Queremos a educação verdadeira que não se nos tem dado a fim de que possamos educar também nossos filhos;

⁵⁰ - *O Sexo Feminino*, 25/10/1873. Ano I, nº 8.

Queremos a instrução pura para conhecer nossos direitos, e delles usarmos em ocasião oportuna;

Queremos conhecer os negócios de nosso casal, para bem administrarmos-la quando a isso formos obrigadas;

Queremos em fim saber o que fazemos, o porque e o pelo que das cousas;

Queremos ser companheiras de nossos maridos e não escravas;

Queremos saber como se fazem os negócios fora da casa; Só o que não queremos é continuar a viver enganadas.⁵¹

A noção de emancipação feminina estava diretamente ligada ao conceito de liberdade individual, que deveria ser garantida através da aquisição de direitos civis e eleitorais. Nos artigos dos jornais pesquisados percebe-se claramente isto. No editorial de Francisca Diniz citado acima, vemos que a autora reivindica o direito de se fazer representar, no que diz respeito a assuntos ligados a finanças, sem que fosse necessário a intermediação do marido.

Em vários artigos de *A Família* pode-se perceber que a luta pelos direitos individuais era um aspecto muito importante na luta por uma maior liberdade de ação para as mulheres. A emancipação passava pela luta pelo direito de voto, pelo direito de ingressar na academia e pelo direito de ser reconhecida pelo direito civil como um indivíduo autônomo. A frequência desses temas aumentou muito depois da proclamação da República, pois as mulheres responsáveis pelo jornal depositaram uma certa carga de esperança na mudança de regime. Elas esperavam que a República trouxesse consigo avanços na situação em que se encontrava a mulher.

Essa esperança logo cai por terra, e as escritoras do jornal percebem que ainda terão de lutar bastante pelos seus direitos. Em "Constituição

⁵¹ - *Idem*.

e Constituinte”⁵², Josephina de Azevedo critica o projeto de Constituição apresentado pelo governo da República, pois os temas da liberdade e autonomia feminina não foram considerados. A autora argumenta que sendo a liberdade um direito social, as mulheres em nada teriam lucrado com o estabelecimento da República.

“A liberdade individual só é uma verdade, quando entre todas as pessoas os direitos sociaes são perfeitamente iguaes. Ora esta igualdade não coexiste com a tutella permanente do homem sobre a mulher; perante as leis vigentes, de nada valem as aptidões e os talentos das mulheres, por que estas não podem concorrer com os homens em todos os ramos da actividade civica e social; portanto, nós não temos ainda nem nos promette a lei projetada essa esperada autonomia, que era de prever em uma quadra de renascimento para um povo moderno.”⁵³

A desilusão com o governo republicano está expressa também em outro editorial de Josephina Alvares de Azevedo, onde ela critica duramente a política que este tentava impor sobre a entrada das mulheres na academia. “Decreto iniquo e absurdo”, editorial publicado em duas partes, atacava duramente o governo e a filosofia positivista.⁵⁴ O texto se referia à iniciativa do ministro dos Correios e Instrução, Benjamin Constant, de proibir o ingresso das mulheres na faculdade.

Josephina lamenta que o governo ao invés de avançar na direção dos direitos das mulheres, retroceda naqueles que elas já haviam conquistado.

⁵² - *A Família*, 05/07/1890.

⁵³ - *Idem*.

⁵⁴ - *A Família*, 16/10/1890, & 30/10/1890.

“O tal positivismo do senhor Benjamin Constant é o que faz da mulher um ente descerebrado, um animal sem desenvolvimento, um pobre camello do deserto, destinado a seguir o homem eternamente; bestialmente, sem um estímulo de revolta, sem um signal de enfado, resignado, sombrio e indiferente.

Na sua qualidade de mestre de uma escola, propagador de uma doutrina, servidor de uma moral, qualquer que ella seja, com exorcismos de consciencia, ou rasgos de uma paixão feroz, O Sr. Benjamin pode ter e espalhar a mais immoral das philosophias; como governo é que não.

Nesse posto difficil de assegurar á sociedade as garantias de seu bem estar, um ministro não pode affastar-se do dever de manter, pelo menos, todas as conquistas da civilização adquiridas, todos os foros de direitos consignados. A bagagem de todo o positivismo Conteano, que lhe ande a saracotear no cerebro, não pode sair da aula, da cathedra, do livro, para os bancos do ministério, sob pena de usar mal a confiança de um povo, que pode pedir-lhe que tudo derroque menos as conquistas modernas dos direitos da mulher na sociedade emancipada.”⁵⁵

Na continuação deste editorial, Josephina volta a afirmar que esta medida coloca o governo da República num estágio inferior ao que a monarquia já havia alcançado. Retoma as duras críticas ao Positivismo, que classifica como uma “velha doutrina”, que no governo se mostraria repleta de “dogmas insupportaveis”. Ataca o próprio Comte, que não considera como muito indicado para basear ações que digam respeito às mulheres, pois este “não soube siquer constituir o seu lar.”

Sobre a primeira parte do seu editorial, que foi classificado como muito forte por outros órgãos de imprensa, defende-se dizendo que a

⁵⁵ - *A Família*, 16/10/1890.

linguagem seguiu a intensidade do ato que contestou.

“Alguns jornais desta capital, admiraram-se da violência da minha linguagem no primeiro artigo sobre este assumpto. - Nada mais violento que o acto do ministro que o provocou.

Outros julgaram, nas insinuações das suas noticias, um desrespeito, uma especie de coragem douda o facto de atacar sem respeito a philosophia comteana. Estes, não seriam capazes de reagir nem contra a mais absurda das doutrinas, desde que ella trouxesse a assignatura autoral de um medalhão ou de um matematico que sahira fora de sua esphera para dar leis ao mundo.”⁵⁶

Mais duas autoras trabalham a questão dos direitos que as mulheres deveriam ter na sociedade. Maria Amélia de Queiroz em “Educação Feminil”⁵⁷, e Amélia Feijó em a “Emancipação da Mulher”⁵⁸. Defendem que existe uma incoerência no sistema legal brasileiro, pois a mulher era considerada incapaz pelo Direito Civil, sendo colocada sob a tutela do homem, mas no Direito Criminal era julgada responsável por seus atos, podendo ser condenada à mesma pena que um homem, se fosse acusada pelo mesmo crime.

“Outra razão se nos apresenta clara e transparente, e nos faz crer no egoísmo e na vaidade illimitada da maior parte dos homens brasileiros: a mulher pode responder perante o direito criminal, e perante o direito politico, não; qual a razão porém porque ella respondendo por um crime que pratica, não pode tambem manifestar a sua opinião franca e desinterssada, pelo

⁵⁶ - *A Família*, 30/10/1890.

⁵⁷ - *A Família*, 19/09/1891.

⁵⁸ - *A Família*, 07/10/1891.

A luta pelos direitos políticos está presente em quatro editoriais de Josephina de Azevedo. No primeiro deles, em 30/11/1889, afirma que espera que o novo regime, que surge como garantia da liberdade e igualdade, não exclua as mulheres da participação política, conferindo-lhes direitos iguais aos dos homens. Segundo ela, se isto não acontecesse, a igualdade do regime seria “uma utopia, senão um sarcasmo atirado a todas nós.”⁶⁰

No segundo editorial, sob o título de “O direito do voto” (o mesmo dos seguintes) a autora contesta a decisão dos juizes que negaram o registro eleitoral solicitado por duas mulheres, sob a alegação de uma “incapacidade natural”. Essa incapacidade não poderia ser provada, segundo Josephina, pois a mulher quando instruída não poderia ser considerada incapaz para discernir sobre qualquer questão. A instrução como condição primordial para a emancipação, torna legítimo o exercício de todos os direitos.

“A mulher educada, instruída, em perfeito uso das suas faculdades mentaes, exercendo com criterio as suas funcções na sociedade, é uma personalidade equilibrada, apta para discernir e competente para escolher entre duas idéas aquella que melhor convém. Não pode por conseguinte estar em pé de igualdade com os dementes, com os menores, com os imbecis.

Assim sendo, é absurdo o principio de sua incapacidade electiva.”⁶¹

⁵⁹ - *Idem*.

⁶⁰ - *A Família*, 30/11/1889.

⁶¹ - *A Família*, 21/12/1889.

Nos dois últimos editoriais⁶², Josephina trata da tramitação das reivindicações sobre o voto feminino nas esferas governamentais. Sobre a resolução do governo de que as mulheres não deveriam ser aceitas como eleitoras, considera-a sem base legal pois toda a mulher, que soubesse ler e escrever, poderia requerer o registro eleitoral. Esta resolução seria ainda incoerente com a função da República, se esta representasse uma nova fase na política e na vida social do país. Como um regime de liberdade, este jamais poderia seguir os passos do que lhe era anterior.

A autora usa o ideal do progresso que estava embutido na propaganda pela República, como elemento da sua argumentação em defesa do voto feminino.

Os primeiros resultados da votação, no Congresso, dessa questão não encorajaram na autora sentimentos otimistas, levando-a a criticar violentamente os homens como egoístas e mesquinhos.

“Para que não tivéssemos o direito de julgar perdida a nossa causa neste primeiro Congresso Nacional, era necessario não conhecer o espirito dos homens - seres perturbados sempre por todos os egoismos que os torna inaptos para as grandes generosidades.

Por si só os homens nunca fariam grandes cousas. Em qualquer dos maiores rasgos humanos, encontrar-se-ha o espirito da mulher illuminando as almas. E a lei da nossa emancipação politica e social só será um facto, no dia em que todas nós repudiar-mos esta condição aviltante em que somos mantidas, graças ao orgulho, ao egoismo e a falta de discernimento dos nosso oppressores.

Prolongam indefinidamente esta agonia secular que soffremos, negando-nos tudo - a liberdade, que é o doso da existencia, a independencia, que é a consciencia do valor

⁶² - *A Família*, 03/04/1890. & *A Família*, 11/12/1890.

próprio, a inteligência e a razão que são atributos d'alma iluminada pelos clarões sublimes das virtudes humanas. E no entanto, somos as depositárias dos mais sagrados thesouros em que os homens fazem residir a sua felicidade - A honra no amor, a crença no bem, e a fé na esperança!"⁶³

A emancipação da mulher, com o pleno exercício dos seus direitos, era o que formava o horizonte dessas autoras analisadas por nós. O discurso feminino sobre esse tema se caracterizaria por sua independência em relação à fala dos homens, visto que esses, tendo por base os autores analisados por nós, só percebiam como direito das mulheres o de se transformar na mãe de família. As mulheres aceitavam esse papel e reconheciam a sua importância para a sociedade e para as suas vidas, entretanto, acreditavam que para serem realmente úteis elas deveriam exercer a plenitude de suas capacidades.

A importância do trabalho da mulher é abordada em alguns artigos, que foram trabalhados por nós, e serve para demonstrar, ainda mais, que para nossas escritoras, a mulher não era apenas a "Rainha em trono no lar"⁶⁴, conforme a imagem criada pelo discurso masculino.

A mulher e o trabalho

Francisca Diniz em alguns editoriais no *O Sexo feminino* aborda a questão do trabalho da mulher. Em "A mulher no magistério"⁶⁵, saúda o fato de serem poucos os que ainda tinham uma total recusa à necessidade de se

⁶³ - *A Família*, 11/12/1890.

⁶⁴ - Imagem usada por Alfredo Campos, autor trabalhado por nós no item "Visões e propostas" do capítulo 2.

⁶⁵ - *O Sexo Feminino*, 27/09/1873. Ano I, nº 4.

educar a mulher. A consequência disto era a abertura para as mulheres de um mercado de trabalho, onde elas seriam as mais indicadas: o magistério. As mulheres eram as mais indicadas para a instrução e educação da mocidade, devendo mesmo ensinar aos meninos e não somente às meninas, como ocorria na maioria dos estabelecimentos de ensino oficial.

As professoras deveriam, segundo a autora, buscar uma maior capacitação, através do cultivo da inteligência, para melhor desenvolverem o seu importante trabalho. Nota-se que Francisca usava esse argumento para reforçar a necessidade de uma melhoria na educação que era fornecida às mulheres.

“Só poderá transmittir o ensino conveniente e vantajosamente a professora que tiver uma intelligencia cultivada, um espirito illustrado, uma experiencia amadurecida, e uma idéa clara de pedagogia. Não basta saber uma materia para que bem possa ensinal-a; é preciso ver se possui o dom de transmittir.

Ensinar a ler mecanicamente muita gente o faz; lêr e escrever material muitos sabem; porem raro é aquelle que o faz racionalmente.

(...)

É preciso preparar professora-modelos, que não somente nas cidades e villas, mas tambem nos campos, ou mesmo nesses longincuos sertões possam ensinando bem ser consultadas em vez de consultarem muitas vezes a quem não é capaz de guiá-las.

O resultado grandiosos que se deve esperar da instrução e educação transmittida pela mulher no magistério depende de prepara-la previamente para esse honroso, mas difficil e arduo encargo de ensinar.”⁶⁶

Reforçando a idéia de que as mulheres eram mais capacitadas

66 - *Idem*.

para o exercício do magistério, em “O professorado feminino na instrução primária”⁶⁷, demonstra, a partir de um relatório sobre a instrução pública nos Estados Unidos, que as crianças entre 4 e 8 anos ensinadas por mulheres se achavam mais adiantadas do que as ensinadas pelos homens. Nas crianças entre 8 e 12 anos, apesar de haver um maior equilíbrio, as ensinadas por mulheres demonstravam uma maior capacidade para aplicar os conhecimentos recebidos. Para Francisca Diniz estes dados demonstrariam que o ensino das crianças deveria ser de responsabilidade feminina, se realmente se almejasse algum sucesso.

“Pode-se dizer sem medo de errar, em face das lições da experiencia neste thema; que toda a instrução que até a idade de 12 annos, não for distribuida por mulheres, é defeituosa; e não produz senão verdadeiros aleijões moraes.

A educação em tenra idade incutida por professores do sexo masculino, é sempre viciosa; e o que nos tem feito cerrar os olhos a este vicio radical, é que só recentemente se nos manifestou a prevalencia da instrução feminina.

Vicioso em si, o ensino conferido por homens a alumnos até a idade proxima da adolescencia, corrigia-se com o correr do tempo é verdade; ficava porem constantemente, seja-nos licito assim dizer, a cicatriz dessa solução de continuidade; permanecia o callo dessa fractura.

É realmente este o ponto fraco de todos os systema de educação nacional, até o presente; e a prova está na aberração de character que cada dia, as novas gerações vão manifestando mais vivamente.”⁶⁸

O ensino ministrado pelos homens careceria de regras seguras e

⁶⁷ - *O Sexo Feminino*, 31/10/1875. Ano II, nº 14.

⁶⁸ - *Idem*.

determinadas, gerando nos alunos uma falta de sincronia nas suas faculdades, desenvolvendo umas mais do que as outras. Essa desarmonia seria a causa dos problemas pelos quais as sociedades estavam passando. A solução para isto seria a passagem de toda a instrução primária para as mãos das mulheres. A autora rebate o medo de que tal situação gerasse uma certa promiscuidade, pois na idade em que se ministraria esta educação, não poderia haver nenhuma inconveniência.

A autora retoma esta linha de raciocínio em “A educação da mulher e pela mulher”, onde afirma que faltam aos homens as características necessárias para ser um bom professor primário, “paciencia sobretudo”.⁶⁹ O professor não teria a preocupação de perceber se os seus alunos estariam entendendo o que lhes era ensinado. “A sciencia é tudo, o alumno nada.” Segundo Francisca essa atitude levaria o professor a só valorizar e se dedicar àqueles alunos que demostrassem ser os mais capazes. As mulheres, ao contrario, teriam uma preocupação com a totalidade dos seus alunos, pois a sua atenção estaria toda voltada para a criança.

“Já por natureza, Já por caracter, a mulher que põe o seu orgulho em tópicos diametralmente oppostos; occupa de cada um de seus alumnos em particular; e cria em roda si um viveiro de plantas todas aptas ao desenvolvimento; e não um grupo de arbustos contrafeitos e myrrados em que sobresahe apenas um ou outro specimen predestinado. Por ter essa verdade colado profundamente no espirito dos povos mais cultos é que vemos ir-se cada vez alargando mais entre elles a esphera educacional da mulher, a qual quanto maior educação recebeu, maior somma d’ella por seu turno também distribue e liberalisa.”⁷⁰

⁶⁹ - *O Sexo Feminino*, 26/12/1875. Ano II, nº 18.

⁷⁰ - *Idem*.

Podemos verificar, através dos textos acima citados, que o magistério representava, para essas mulheres, uma conquista, uma forma de afirmação da importância feminina no espaço exterior ao lar. A presença da mulher no espaço público era colocada como fundamental para que se pudesse combater a degeneração social que se podia verificar na “aberração de carácter”, que se manifestava cada vez mais na sociedade.

A explicação para a forte presença feminina no magistério, no final do século, ao invés de representar uma concessão às mulheres, devido a esta profissão ser encarada como uma extensão das atribuições da mulher-mãe, deveria ser encarada como consequência da defesa da importância da presença das mulheres no espaço público, presente nos escritos das autoras trabalhadas por nós.

Paulina A. da Silva, em “A mulher Médica”, coloca como fruto do progresso das sociedades a possibilidade de que as mulheres exerçam profissões que antes eram exclusivas dos homens.⁷¹ A mulher médica seria a mais indicada para cuidar das mulheres e das crianças. No caso das mulheres haveria uma maior intimidade entre médica e paciente, o que facilitaria na hora dos diagnósticos, pois o excesso de pudor de algumas mulheres, que a levavam a sonegar informações ao médico, perderia a razão de ser. Com as crianças, elas seriam mais carinhosas e dedicadas, pois poderiam avaliar o quanto era penoso a perda de um filho.

Segundo a autora, a mulher deveria tratar exclusivamente de mulheres e crianças. Não porque lhe faltasse capacidade para cuidar dos homens, mas devido à falta de carácter de muitos homens que delas tentariam se aproveitar.

⁷¹ - *A Família*, 09/02/1889.

“Eu bem sei que a carreira médica exercida pela mulher vae lhe trazer alguns desgostos e dissabores porque infelizmente a nossa sociedade não tem ainda a educação precisa para respeitar e fazer respeitar como lhe cumpre as mulheres, nisto me refiro aquelas que são dignas de respeito, que mesmo um ou outro pouco escrupuloso não porá dúvida em mandar chamar uma Doutora a pretexto de qualquer doença só para ter a cabeceira do leito uma mulher a quem digam umas tantas sandices, mais por isso mesmo as médicas devem limitar-se unicamente ao tratamento de moléstias que affectam o seu sexo ou ao tratamento de creanças.”⁷²

Sem autor declarado, “A mulher na Medicina” é outro artigo que aborda este tema.⁷³ O preconceito, que afastaria as mulheres da prática da medicina, é colocado como principal causa da ignorância dos conselhos e das práticas higiênicas por muitas mulheres e crianças. Segundo o autor(a), esta seria a causa da morte de várias mulheres, educadas com princípios severos, que por motivo de vergonha não se submeteriam a um exame médico.

As mulheres seriam mais aptas para o cuidado das mulheres e crianças, devido ao maior zelo e compreensão com que efetuariam o tratamento. Também seriam úteis como Oculistas, pois o seu trabalho exigiria paciência e delicadeza. Como Obstetras, as médicas seriam melhores, pois não trariam constrangimentos para as suas pacientes, que teriam o seu pudor preservado.

Na continuação deste artigo, publicado no número seguinte, o autor(a) defende que o exercício da medicina pela mulheres traria também benefícios para a família. A mulher médica poderia dividir as responsabilidades

⁷² - *Idem*.

⁷³ - *A Família*, 02/03/1889.

do sustento da casa com o marido. No caso de ambos exercerem a medicina, eles poderiam dividir os pacientes. O homem trataria os homens e a mulher as mulheres e crianças.⁷⁴

Em “O ensino complementar e profissional da mulher”, Analia Franco defende a necessidade de uma educação que prepare a mulher para o trabalho.⁷⁵ O século XIX era, segundo a autora, o local de grandiosos progressos, tanto na área técnica quanto na social. Esse progresso teria gerado novas necessidades de consumo, que traziam consigo a necessidade do trabalho da mulher e de uma nova educação que a preparasse para tal.

Opção nas camadas mais altas, o trabalho se imporia como obrigação para as mulheres pobres que não se poderiam limitar à “beatitude do lar”. Contudo, elas não estariam preparadas para entrar no mercado de trabalho, pois a falta de educação intelectual só permitiria a elas exercer funções que lhes dariam uma remuneração insuficiente para o seu sustento. Assim sendo, as mulheres se achariam condenadas a uma eterna dependência e a uma existência deplorável.

A valorização do trabalho da mulher aparece em Julia Lopes de Almeida no Livro das Donas e das Donzellas,⁷⁶ onde esta tenta desmistificar a idéia que se tem da mulher brasileira no exterior. Segundo ela, é errada a visão na qual a mulher no Brasil vive para a idolatria dos homens. Coloca a figura da mulher como determinada e com caráter independente. Cita como exemplos as conquistas na área do ensino superior, o fato das mulheres lecionarem em colégios superiores, e as que trabalham para ganhar a vida.

O trabalho seria uma forma de garantia da virtude na mulher. Isto transformaria as mulheres pobres em figuras virtuosas, pois estas eram

⁷⁴ - *A Família*, 09/03/1889.

⁷⁵ - *A Família*, 13/04/1889.

⁷⁶ - Julia Lopes de Almeida. *op. cit.*, Capítulo “A mulher Brasileira”

obrigadas ao trabalho pelas necessidade de se sustentarem,

"Felizes as donzellas pobres, obrigadas pela circunstâncias apertadas da vida a empregar a sua intelligencia e a sua actividade no trabalho e no estudo... Decididamente, o trabalho é o melhor saneador de almas! E nós precisamos da nossa muito sã, porque só a virtude da mulher pode salvar os homens, seus filhos e seus irmãos, no descabro das sociedades arruinadas ou em deliquescencia(...)"⁷⁷

Neste ponto, Julia Lopes faz uma inversão em relação ao pensamento dominante no período que tendia a ver a mulher pobre como a que possuía as menores condições de se tornar a esposa virtuosa e a mãe de família. Nos discursos dos homens, a mulher que necessitava sair para trabalhar estava mais vulnerável às tentações do mundo e a influências negativas.⁷⁸ A autora identifica a fonte da virtude no trabalho e as moças pobres como próximas dela. Não vê, como esses homens, as mulheres que saíam à rua para trabalhar como mais propensas ao desvio.

Na Introdução e no início deste capítulo, afirmamos que identificávamos nas falas das mulheres sobre a sua condição um processo de subjetivação, tal como a define Michel Foucault. Contudo, isto não quer dizer que identifiquemos os quatro elementos da subjetivação, apontados por

⁷⁷ - *Idem*, pág. 38.

⁷⁸ - Ver Marta de Abreu Esteves _ Meninas perdidas... *op. cit.* & Rachel Soihet _ Condição feminina e formas de violência... *op. cit.*

Foucault, dentro do discurso feminino. A subjetivação não é um esquema rígido que deve ser imposto à documentação, sob pena de ter a sua utilização impossibilitada. O principal neste pressuposto é que ele nos mostra a necessidade de percebermos o trabalho que o sujeito histórico faz em cima de si mesmo na construção de sua identidade.

A análise dos discursos femininos mostrou-nos claramente que as mulheres não aceitaram passivamente os discursos normativos que sobre elas incidiram. Não estamos afirmando aqui que houve uma recusa total das propostas feitas pelo discurso masculino, na forma de tecnologias de poder. O que defendemos é que as mulheres tomaram esses discursos, elaboraram questões em cima deles, operaram modificações neles, e que o discurso resultante trazia embutido as contribuições e propostas dessas mulheres.

A figura da mãe educadora de seus filhos pode ser interiorizada pelas mulheres, como o foi, porque estas se reconheciam neste modelo, e não devido a uma sujeição imposta unilateralmente. Acreditamos ter demonstrado nesta Dissertação que a compreensão de uma experiência humana, como a constituição da figura materna, só pode ser analisada levando-se em conta a elaboração de si que é feita pelos sujeitos históricos.

Antes de darmos por terminado este capítulo, devemos também fazer uma consideração sobre a questão da utilização de uma perspectiva de gênero. Tomando por base os textos citados por nós sobre a questão de gênero, somos obrigados a reconhecer que o nosso trabalho não se enquadra totalmente dentro do esquema analítico proposto. Não abordamos a questão da educação feminina levando em conta as categorias de raça e classe social. Em relação à última até chegamos a abordá-la de maneira breve. Contudo, acreditamos que, ao colocarmos como guia de nossa análise a relação entre as propostas dos homens e das mulheres sobre o que constituía o ser mulher, aproximamos o nosso trabalho das características de gênero. Esta bi-polaridade, presente em nossa

abordagem, demonstra que somente através da perspectiva masculina da história não seria possível chegar a uma compreensão do seu processo.

Resta-nos agora apontar a direção que o trabalho deve tomar, para continuar a sua tentativa de compreensão.

Conclusão

Quando, nos momentos finais do trabalho na Dissertação de Mestrado, paramos para pensar em um título que pudesse exprimir o que queríamos dizer, foi um sufoco. Praticamente todo o trabalho realizado passou pela nossa cabeça naquele momento, na busca de algumas palavras que fossem as mais significativas. Acreditamos tê-las encontrado. Educação, Maternidade e Progresso expressam um caminho, um rumo que norteava os pensamentos de homens e mulheres no final do século XIX e início do XX.

Os homens acreditavam que somente através da educação o Brasil poderia constituir-se em uma grande nação, dentro dos moldes de civilização europeus. Nesse sentido era necessário que se educasse as mulheres para que elas educassem os seus filhos, futuros cidadãos de uma sociedade civilizada e disciplinada, ordeira. As mulheres, por seu turno, transformaram a educação em uma bandeira na luta pelos seus direitos sociais e políticos. Somente a mulher devidamente educada poderia ter consciência da sua situação degradante e capacidade para lutar contra as injustiças e por sua emancipação. Unicamente ela poderia educar da melhor maneira os seus filhos, transformando a sociedade em um lugar mais justo e igualitário, onde o progresso de todos seria possível.

Educação, Maternidade e Progresso servem, portanto, para

expressar as principais idéias que povoavam as mentes de nossos(as) atores(as). Configuram-se em três elementos indispensáveis para qualquer análise da sociedade daquele momento. Assim sendo, um trabalho que pretenda, como o nosso, analisar a construção do ser mulher feita naquele período, pode encontrar nestes três termos um título bastante adequado.

Acreditamos que as principais conclusões a que poderíamos chegar, sobre a questão pesquisada, já foram feitas ao longo do trabalho. Assim, uma boa razão para a existência deste espaço é utilizá-lo para mostrar os caminhos que a nossa pesquisa sobre a educação feminina pode seguir.

O melhor caminho para o prolongamento deste trabalho é o de sua transformação em um estudo complexo sobre as questões de gênero. Procurando estudar a educação como formadora de individualidades, tendo em vista não só as propostas para o ensino feminino, mas também o ensino destinado aos homens, através de um análise diferenciada pelas categorias de classe social e raça. Ou seja, analisar a educação que era proposta para homens e mulheres, para a elite e para as camadas populares, e dentro dessas para as diferentes raças, principalmente, no caso do Brasil, a educação que se propunha para brancos e para negros.

Este trabalho poderia ser realizado através das seguintes fontes:

- Nos officios da Inspectoria Geral da Instrução, aumentando-se o período pesquisado e utilizando-se os dados referentes à educação dos homens.
- Livros e artigos que tratem da educação de meninos e meninas.
- Jornais e revistas que tenham como tema principal a educação.
- Documentos que possam caracterizar a educação por classe e raça, como por exemplo os ligados aos colégios destinados às classes altas (como o Pedro II) e os ligados à escola pública primária.
- Polyantea Commemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino, Imperial Liceu de Artes e Officios, Rio de Janeiro, 1881.

— Jornais da imprensa diária.

Isto só para citar algumas possibilidades.

Poderia-se investigar também algumas questões que não foram tratadas nesta Dissertação de uma forma mais direta, como a questão da divisão entre o espaço público e privado. Em linhas gerais, são estas, em nosso entender, as possibilidades de ampliação e prolongamento do trabalho, que chega agora a seu fim.

Resta-nos, para encerrar reafirmar a tese que percorreu todo o trabalho e que acreditamos comprovada. Os discursos sobre a educação feminina, no período por nós trabalhado, foram fundamentais na constituição do indivíduo na nossa sociedade. Ou seja, para a compreensão do ser homem e ser mulher nos dias de hoje é necessário olhar para trás, e ver a construção que se fez da figura feminina e de seu papel na sociedade.

Anexo 1

Em 1881 o Liceu de Artes e Ofícios da cidade do Rio de Janeiro organizou um curso de educação profissionalizante para mulheres. Acreditamos que este curso destinava-se à mulheres de classe média baixa, e pobres, que necessitavam trabalhar para o seu sustento e de sua família. Acreditamos poder fazer esta afirmação, pois este curso destinava-se a formar professoras de música e desenho, conhecimentos valorizados para as mulheres de elite.

O importante para nós neste fato, não é tanto o curso em si, mas uma iniciativa tomada pelos diretores do Liceu. Eles organizaram uma comissão que tinha como tarefa a elaboração de uma polianteia (um livro de depoimentos) comemorativa sobre o evento. Essa comissão dirigiu-se ao que eles mesmo chamaram de intelectualidade da época, solicitando que essas pessoas mandassem depoimentos sobre a iniciativa do Liceu. Acontece que a maioria dessas pessoas em seus depoimentos, ao invés de comentar a iniciativa do Liceu, passam a discursar sobre a questão do ensino feminino, a sua importância e a sua utilidade. Pessoas como Machado de Assis, Teixeira Mendes, Quintino Bocayuva e o Barão de São Felix que foi Inspetor Geral da Instrução durante a década de 1880.

É importante realçar que este documento possui uma riqueza que vem da sua própria estrutura. Como se constitui num conjunto de

depoimentos que foi organizado por uma instituição e não por um grupo determinado ele se mostra de forma plural. A Polianteia nos oferece a oportunidade de confrontar grupos de pensamento do período, como é o caso dos positivistas e dos evolucionistas. A análise da Polianteia possibilita uma visão geral dos argumentos contra e a favor da educação feminina, e também sobre a emancipação da mulher, tema discutido por alguns depoimentos.

A Polianteia é composta por cento e vinte sete depoimentos. Neste apêndice relacionaremos alguns deles, agrupados pelos seus conteúdos. Assim, se percebera a importância que este documento tem para o estudo dos discursos sobre a educação feminina. Os textos serão apresentados com sua grafia original.

Introdução escrita pela comissão organizadora:

Foi-nos commetida a organização d'esta collectanea. Aceito por obediencia o engargo, aliás honrosissimo, dirigimo-nos immediatamente aos mais distinctos homens de letras da nossa sociedade. Nas cartas que lhes endereçamos fizemos ressaltar a conveniencia de não exceder de vinte linhas impressas cada um dos escriptos destinados à esta Polyanthea; apparecem, entretanto, alguns de maior extensão; mas quem os ler, comnosco seguramente dirá: Felix culpa!

Do generoso acolhimento que encontramos dão eloquente testemunho as notaveis producções que esmaltam estas páginas.

Às excellentissimas Senhoras e aos illustres Cavalheiros que formarão com as irradiações do talento e do saber a zona luminosa, que n'este dia circundará o Lyceo de Artes e Officios, devemos uma explicação: dal-a-hemos em breves palavras: pela data do recebimento e pela exigencias da composição

typographica, na qual se observou o plano (pág. 2) de entremear prosa e verso, foi determinada a ordem na inserção dos trabalhos que esta Polyanthea enthesoura. Nem nos abalançariamos a fazer selecções no que era selecto, nem ousariamos manifestar preferencias, pelo menos descabidas, com relação a escriptores cuja confraternidade litteraria é para nós motivo de ufania.

Guilherme Bellegarde.

Felix Ferreira.

Dr. J. M. Velho da Silva Junior.

Depoimentos que expressam visões sobre a mulher:

A Educação da Mulher

Salve do século espirito divino,
Que hoje dás á mulher na luz do ensino
Mananciaes de luz!
Que á foragida trazes a liberdade,
Fazendo-a renascer na humanidade.
Que ella mesma produz!...

Salve progresso! - Ardor do entendimento,
Que despertas em nós o sentimento,
Melhor que pode haver!
Tu és da gratidão penhor sagrado,
Por esse santo amor - tão desvelado
Do Berço até morrer!...

(pág. 18) Esposa, filha e mãe - sincera e amante,
Só ella é quem por nós de amor constante
padece sem cessar
Ou na viva alegria, ou na amargura,
É sómente a mulher toda a doçura
No bem de nosso lar!...

Em paga, pois, da dívida sagrada,
Que por nós contrahio - predestinada
Em toda a geração,

Veja ella na luz que hoje lhe damos,
A prova desse amor que lhe votamos,
Na sua Educação!...

L. M. Pecegueiro

Filha, esposa e mãe, eis o cyclo, que a mulher percorre.
Qual é a phase mais bella? Qual a missão mais santa?

Quando é mais bello o sol? Quando dissipa ao nascer as
brumas da madrugada, sécca as perolas do orvalho, lagrimas
que a noite derrama e que as flores recolhem; faz ridente a
natureza?

Ou quando mais tarde ao penetrar na floresta, em tenue
raio de luz, aos gigantes da selva envia a força e a vida?

Ou quando o seu zenith abrasa o seio da terra fazendo
d'ella brotar terras plantinhas, que anima, transformando o seu
calor, a sua benefica luz na força, que as vivifica?

Foco immenso de ternura, de altruismo e de amor, o
coração da mulher dirige-lhe todos os actos; mas quantos
perigos corre tanta innocencia e candura como filha, esposa e
mãe, se a possante voz da razão não lhe vier em auxilio?

Educae, pois, a mulher, ensina-lhe o que é nobre, o que é
util, o que é bello; fortifica-lhe a razão, dae-lhe a confiança em
si mesma; no livro da natureza ensina-lhe a estudar, mostra-lhe
desta os segredos, as bellezas, os recursos. Mas que da arvore
da sciencia não se aproximem demais para espinhos não
dilacerem a alma.

Fazei forte a mulher fraca conservando os seus encantos; e
nossos filhos; felizes, abençoarão vossos nomes.

F. X. Oliveira de Menezes

Lyceo

Educar a mulher é preparar a esposa,
A mãe. E a mãe é isto apenas: o exemplo.
Deixai vir, pois, da luz, a onda luminosa
Varrer a treva e a sombra ás naves deste templo.

Adelino Fontoura

Educae a mulher, formae-lhe o coração, desenvolvei-lhe a intelligencia. Se a tirasseis do mundo, a ambição desapareceria, na phrase de um grande pensador, das almas generosas. É uma luz em torno da qual gira a familia e portanto a sociedade. Ella não póde ter senão muito puras as cores do bello iris com que a sociedade a sublima no carater de filha de irmã, de esposa e mãe. A esmeralda e o brilhante se tem a mais pequena falha perdem o valor, assim é a mulher: o mais pequeno senão a faz desmerecer do alto conceito em que deve ser tida. O único meio de conserval-a sempre no elevado pedestal de sua grandeza é a educação. Honra áquelles que tomam a si o nobre encargo de educar a mulher.

Manuel Jesuino Ferreira

No desempenho dos deveres sagrados para com a progenitura, dir-se-ia que o creador presenteava a mulher com a sua aureola protectora, e que ella transportta a propria existência a outros seres, perdendo tudo o que tem de pessoal, cessando de viver para si, ou antes recomeçando em seus filhinhos.

Barão de S. Felix

A mulher entregue por Deus ao homem para consorciar-se á sua vida, nunca tem desmentido seu destino na terra.

A indole sempre a mesma desde a criação, pode transviar-se da vereda que lhe foi traçada; si a sociedade afugenta-lhe os meios de esclarecer o espirito e não apresentar-lhe o caminho do bem; si a sociedade não convencel-a pelo cuidado, de sua educação, da missão que representa de filha, esposa, e mãe, trina propriedade que lhe é peculiar e que a torne verdadeiro symbolo de caridade.

Para o rustico e o sabio ha mysteryo que lhes são próprios.

Para a mulher sem a alma preparada a conhecer-se e só dar exemplos de virtudes ha apenas o precipicio e a morte moral.

Educcada é um (ilegível) do céu, donde desceu para felicidade do homem, formada pela mão do omnipotente.

José Feliciano de Noronha Feital

Educar a mulher para a sua emancipação:

O que a liberdade quer é a emancipação de todos. As s phases históricas da condição social da mulher tem correspondido ao estado mental do homem; depois de ser animal domestico, escrava e serva, hoje a consideram menor.

Libertada do atrophiamiento intelectual a que a condemnam e que produziu durante séculos a sua inferioridade cerebral, é predispor os elementos para a evolução que a sciencia assignala.

Gloria aos que comprehenderam tão alto pensamento e trabalham para tornal-o uma realidade auspiciosa.

Luiz Leitão

Da perseverança em afeiçoar homens ao trabalho com o propósito de contituil-os independentes deriva iniciar o Lyceo de Artes e Officios iguaes franquesas a favor do sexo feminino.

A mulher, emancipada pela civilização sem detrimento do amor filial, da fé conjugal e das exigências árduas da maternidade, a mulher, de aptidões para intuitos acima do que lhe tem prescripto o predomínio senão egoísmo do homem, pode agora mais esperañada aspirar a mãe de Grachos, a Venturia, a mulher catholica e do evangelho, conforme o elevado padrão do eloquente Ventura de Raulica.

Parabéns a Sociedade propagadora de bellas artes.

Parabéns ao Lyceo.

É assim que se accentua e affirma o direito á gratidão de contemporaneos e os applausos da posteridade agradecida.

A. J. Victorino de Barros

(pág. 56) A mulher emancipada, o homem será um ser livre.

E a educação emancipará a mulher; como a revolução sagrará a liberdade desse homem.

∴
Quem diz emancipação, diz independência, liberdade, igualdade e responsabilidade.

Uma consciencia com a vida moral.

∴
Enquanto a mulher se curvar a um julgo, o homem será esmagado por todos os julgos.

Hugo Leal

Instruir a mulher é dar-lhe uma alma nova
É no trabalho honesto torna-la independente
Quem um Lycêo de luz na Côrte assim inova
É digno de louvor e honra a patria urgente!

Salve o asylo generoso e bello,
Alcançar da instrucção
A mulher também sente estuda e pensa
Nella a sêde de luz já é immensa
Divina criação!

Octaviano Hudson

Educar a mulher para trazer o progresso à sociedade:

Do mundo as dissensões, a intriga, o vitupério,
Fero strugle for live - em toda a plenitude,
E o vicio vencedor da cellica virtude
Que vemos cá e lá, n'um e n'outro hemispherio

E a verdade enleuada em mythos sem critério
como se um crime fôra havel-a n'amplitude
E o calculo e a ambição ide corosa e rude

Presidindo hymeneos sem pudor, sem mystério:

Tudo isso terá fim, no dia em que a mulher
Em vez de bello sexo - enfeite de salão
Quizer ser só mulher - quizer ser e o souber!

E o dia se aproxima!... Eu diviso o clarão
Das nuvens, através d'argento e rosicler
Do sol desse almo dia - O sol da educação

Rangel de S. Paio

A Mulher

Si causa alguma existe, que arrebate
Nossas almas accesas, anhelantes,
Si cousa alguma existe, em que transbordem
humanos corações, puros amantes,

São esses olhos de virgem, que nos fallam
da luz, do céu, de Deus, da immensidade!
E, si é grandeza a mulher colhendo as graças
Da belleza, do amor, da mocidade;

Inda mais santa e nobre é, quando altiva
Os ricos dons do espirito desata
De brilhos idéaes n'essa torrente.
Em que o bello a verdade nos retrata!

Queremos vê-la assim! dae-nos que a vida
Se aromatise dêsse encanto novo;
que nobre estes destroços que pisamos,
As portas do porvir abram-se ao povo
Aos ventos do progresso, um dia a pátria
Abrindo as azas, partirá ligeira...
Para o paiz da luz, da liberdade
seja a mulher a nossa mensageira!

Sylvio Romero

A influencia da mulher humilha ou exalta, destroe ou funda.

É pois, a um tempo dever e necessidade dirigir essa influencia de jeito a manifestar-se sempre sã, benefica sempre.

Para isso importa, desatando racionalmente a actividade de seu espirito, preparar a mulher para comprehender a magna importância de seus direitos, elevar-se a toda alteza de sua missão providencial; quer dizer nem só aprimorar-lhe os sentimentos que vivificam e ennobrecem o coração, mas ainda aclarar-lhe a intelligência com a luz da instrucção - essa que ilumina mas não ofusca.

É uma cruzada eminentemente patriótica, que ora enceta o Lycêo de Artes e Officios, e auxiliada, efficaçmente, deixará perennes e fulgidos signaes de sua passagem triumphal por entre as gerações agradecidas.

Por ella, não é só o indivíduo que aperfeiçoa-se, a familia que se melhora; vai-se além, regenera-se a sociedade, sublima-se a patria crêa-se a posteridade generosa em seus instinctos e grande em seus instinctos!

J. J. Dreys

O christianismo deu à mulher a dignidade moral, escolhendo Maria para mãe do salvador.

Foi a aurora do aperfeiçoamento da humanidade.

Mas se christianismo emancipou a mulher da condição infima a que estava condemnada pelos costumes e preconceitos do paganismo, cabe às gerações hodiernas, inundadas pela luz prophetica do positivismo, concluir essa heroica epopeia, cuja estrophe final é a educação moral e intellectual da mulher.

Cada passo nessa trilha esplendida de luz e rescendente de perfumes é o romper de novos horizontes á civilisação moderna.

O Brazil, que dia a dia vae conquistando o logar que lhe compete entre as nações cultas, deve acompanhar a evolução regeneradora da humanidade.

Educar a mulher é engrandecer a pátria.

Bem haja áquelle que se colocou a frente dessa santa cruzada! Bem haja!

José Ferreira Sampaio

A mulher selvagem em algumas tribus, como muitas vezes observei, á sombra de suas florestas é o typo da fidelidade e do amor maternal; mas em contacto com a civilisação, fóra dos meios em que só respira pureza, torna-se pela educação que atualmente se lhe dá um ente desmoralizado e inutil, enquanto que educada nos princípios da religião e de uma moral sã, constitue e exemplifica a verdadeira mãe de familia. Toman-se heroínas como aquela decantada por Tenreiro Aranha, no seu celebre soneto que assim termina:

«Lembrando-se que teve uma consorte
Que, por honra da fé que lhe jurara
Á mancha conjugal prefere a morte,»

ou como D. Catharina Josepha Candida, a mameluca da revolta Amazonense, em cujo seio ardia o santo amor patrio.

Eduque-se a mulher que teremos a regeneração da sociedade e os grandes homens apparecerão.

J. Barbosa Rodrigues

A educação da mulher

Este século de construir e não de destruir.

Uma nova tendencia revolucionaria, nobre em crenças, santa em idéias, valente e arrojada em animo, parece querer desprender-se dos pesados liames que a manietava.

É a cruzada da intelligencia!... É a luz de um glorioso futuro para a intrucção!...

Firmemo-nos em nossas crenças, não descensem um instante em fulminar os erros e espancar as trevas, vençamos a onda do indifferentismo, e não paremos em reclamar a reforma do ensino, principalmente das nossas mulheres, cuja educação ainda se ressenete do carrancismo criminoso, e que ainda esta muito longe da mulher da Europa.

Felizmente a creação das aulas para mulheres, annexas ao Lycéo de Artes e Officios, á frente de cuja ideia está o grande cidadão Bethencourt da Silva, a quem tantos e tão proveitosos serviços já deve a instrucção no Brazil; vai sem duvida nenhuma preencher um grande vacuo aberto em nossa civilisação.

Não descensem em animar e acoroçoar tão util quão proveitoso empreendimento, porque é preciso se uma vez para

sempre comprehendermos: que é na instrucção da mulher que reside a felicidade do povo.

Verissimo do Bonsucesso

Viajei bastante, e encontrei por toda a parte a mulher mais ou menos escrava.

Esse estado da companheira e da mãe do homem demonstra neste não só cobardia, mas estupidez.

Também vi por toda parte muito pouca instrucção na mulher; e notei que as que desciam mais baixo na escravidão eram justamente as mais ignorantes.

Uma nova era começa no Brazil para a mulher: eu bendigo de todo o meu coração uma cruzada a cuja frente está o homem que na minha opinião mais tem feito por este paiz.

Ó corações generosos no Brazil (e póde-se dizer que todos os brasileiros o têm), se souberdes elevar em vossa patria a dignidade da mulher, sereis com segurança a mais nobre e feliz nação do universo.

São o homem e a mulher destinados a viver juntos: porque não serão educados também juntos?

Acostumen-se os rapazes a verem as meninas aprenderem tanto com elles, e comecem em tenros annos ligações innocentes, que mais tarde trarão a formação daquelle élo consolador e sagrado que se chama FAMILIA.

Quando este estado não é geral n'uma sociedade; quando o desenfreamento desprende o sexo forte, que olha para a mulher apenas como instrumento de satisfazer caprichos, e não como a sua socia com direitos perfeitamente iguaes neste mundo, uma tal sociedade esta morta.

Educae a mulher, se quereis adiantar a civilização.

Pensae que essa organizações delicadas são a inspiração do poeta e do artista, pois que Deus deu ás velleidades da mulher o amor do bello; e a influencia della nos destinos da humanidade será tanto maior, e tanto mais productora de ventura, quanto maior fôres a dignidade que derdes, elevando-a, por uma educação igual á vossa e igual garantia de direitos, a vir a ser uma dia uma boa esposa e uma boa mãe.

Julio Roberto Dunlop

Instruir o povo e habilitar-o para o trabalho, mas instruir e habilitar com especial cuidado a mulher, é comprehender completamente as exigencias da civilisação moderna e cooperar sabiamente para o seu desenvolvimento e para a grandeza da patria.

quanto mais elevada for a mulher pela instrucção e independente pelo trabalho, tanto mais ter-se-ha elevado e enobrecido a familia, tanto mais livre e prospera será a patria.

Bem entenderam assim os beneméritos Director e professores do Lycêo de Artes e Officios ahi instituindo aulas para o sexo feminino: razão por que enthusiasmado e agradecido aperto as mãos de tão illustres e dedicados obreiros do progresso nacional.

J. Simões

A base fundamental do engrandecimento de uma nação deve ser a instrucção do homem.

A nação que cuidar de instruir a mulher terá caminhado muito para a instrucção d'aquelle, e portanto para seu engrandecimento.

Assim pois, na dupla qualidade de mulher Brasileira e de educadora congratulo-me sempre com todos aquelles que no meu paiz concorrem para a creação ou prosperidade de estabelecimentos destinados a tão útil missão.

A julgar pelo grande número de artistas que gratuitamente tem apresentado até hoje a mais productora dessas instituições na America do Sul, «o Lyceu de Artes e officios,» devo crer nos benéficos que ahi receber as senhora que frequentarem as aulas que hoje se inauguram.

A seu digno instituidor e incansavel Director um expressivo aperto de mão da respeitadora discipula.

A Professora

Guilhermina de Azambuja Neves

Com a formação da mulher pois o Archetipo divino o remate as obras da sua creação? Nada existiria no mundo bello, bom e perfeito, se a mulher não existisse.

Na infância a meiguissa e a innocencia circundam-ná de uma aureola de luz que afugenta a tristeza e a faz resplandecer em graça, candura e belleza.

Na puberdade novos encantos realçam-lhe a belleza, apresentando-a como a primeira mãe ao sair das mãos prodigiosas que a arrancaram do lado do primeiro homem, cheia de casto pudor e de enlevos que a fazem crer irmã dos anjos.

Na madureza, o recato, a prudência e a amenidade do trato a tornam o adorno da sociedade, o symbolo da felicidade domestica.

Na velhice a experiência da vida e o habito das acções virtuosas lhe atrahem o respeito de todos os que dão apreço ao verdadeiro merecimento.

Como filha, como irmã, como amiga, como esposa, como mãe, como avó; em qualquer posição que a idade e as circunstancias da vida colloquem a mulher, é sempre ella quem merece na familia e na sociedade o primeiro logar, a que lhe dão direito a dedicação, a bondade, o desinteresse, a caridade, e o amor de Deus e do próximo, espontaneamente revelados em cada uma das acções da sua vida.

Apesar de ser a mulher a obra mais perfeita da divindade, apesar de possuir completa aptidão para as sciencias e artes, não pode prescindir de aperfeiçoar-se pela educação, á semelhança do ouro de brilhante que, para augmentarem de valor, precisam de passar pelo crysol e lapidação.

E no intuito de colaborar para sua conservação e engrandecimento e farão um serviço real e importante á sociedade brasileira, onde a mulher não é devidamente apreciada por não ser cuidadosamente educada, se compenetrar da sublime missão de esposa e mãe de familia.

Possamos nós ver realizado o ideal do aperfeiçoamento da mulher, pois elle trará consigo o aperfeiçoamento da sociedade e o engrandecimento moral e intellectual da humanidade.

M. A. Galvão

Educar a mulher para que ela supere a situação em que se encontra:

A educação intellectual da mulher, presentemente considerada como indeclinavel obrigação social, é o complemento da santa doutrina do divino mestre, cujos os

labios não se abriram nunca senão para ensinar ao homem o amor ao próximo, para exaltar os humildes e defender os fracos.

Foi, em verdade, do evangelho que se reflectiu para a mulher a scintilante aureola que lhe cinge a fronte na sociedade moderna.

Foi Jesus que levantou-a do aviltamento a que a tinham o egoismo e a ignorancia das antigas gerações; e desde então deixou a mulher de ser escrava para ser a companheira do homem.

Cumpria, porem, que ella fosse a sua intelligente preceptora na infancia, o seu auxiliar no decurso da vida, a providencia do lar domestico.

Felizmente reconhecem hoje os mais notaveis pensadores que a mulher póde e deve exercer grande e benefica influencia nos destinos da humanidade; e, n'essa convicção, clamam que é mister educal-a, desenvolver-lhes as faculdades, aproveitar-lhe as aptidões.

Attendei! É a propaganda de Jesus que segue o seu curso lenta e suavemente. É o fructo da doutrina do evangelho, esse fóco de luz esplendida e purissima que continua a patentear á humanidade a larga senda de uma civilisação mais doce, fazendo recuar os negrumes dos preconceitos, dos privilegios, do despotismo enfim!

Dignos são, pois, de geraes applausos, da maior animação e do auxilio do governo as tentativas que se fizerem no Brazil para a realizção da Santa propaganda.

O Lyceu para as mulheres, que hoje se inaugura, está no caso de merecer a cooperação de todos, porque preenche o almejado intuito.

Ao seu fundador, já benemérito pela criação do instituto dos artesãos, saúdo cordialmente, fazendo sinceros votos para que o seu nobre commettimento seja fecundo em bons resultados como tanto interessa ao paiz.

C. A. de Sá

Os desvios da mulher perante as leis sociaes devem ser attribuidas, á sua falta de cultura intellectual. Aos arroubos de um coração extremo sensivel e de uma ardente imaginação convém, pois, que se anteponha o culto da razão.

Harpa cólea cujos sons acordam ao mais leve sopro das

brizas, não deixemos que suas harmoniosas cordas se destendam ás intempéries do relento.

Venha afinar-lh'as a instrucção e proteger-lh'as o recato do saber.

É mister que a luz do ensino seja para o ardente coração da mulher o que a prata e o cobre são no crysol do joalheiro para o ouro puro, cuja extrema ductibilidade, sem essa liga, não se prestaria nunca ás exigências da industria e das bellas artes.

Laurentina Netto

A inauguração das aulas para o sexo feminino no Lycêo de Artes e Officios, é a aurora promissora de um bello dia, é um novo e esplendido horizonte descortinado ao futuro da mulher, n'este vasto Império.

Filha, esposa e mãe, eis as perolas mais preciosas da sua corôa n'este mundo. Mas, para que a filha seja obediente, a esposa fiel, e a mãe exemplar, - cumpre desenvolver a sua intelligencia pela instrucção, e formar o seu espirito pela educação - A instrucção sem educação, é como um céu sem estrelas, e um jardim sem flores. A instrucção é a base sobre a qual, deve a mulher erguer o edificio da sua felicidade; a educação é o complemento e o remate desse edificio. Se é triste ver uma mulher sem instrucção, mas triste é vê-la sem educação.

A instrucção é muito mas a educação é tudo. É preferível a mulher ignorante, á mulher mal educada. A cabeça pensa mas, o coração sente; uma palavra eloquente, não vale uma lagrima silenciosa. e a mulher há de ter mais coração do que cerebro, há de sentir mais do que raciocinar, para ser em tudo mulher, e não perder o sceptro de Rainha da Criação.

Antonio Manoel dos Reis

A alma da mulher é formada de transbordamentos luminosos do espirito de Deos. Como centro reflector onde se projetam as serenas claridades das virtudes moraes, que lhe são attributo essencial, nos ensinamentos á mocidade é mais poderosa, é mais forte que os esplendores da luz celeste.

Si ella é grande pelo coração nas suas conquistas de paz; si ella é santa pelas lagrimas nos seus triumphos de amor - será

gloriosamente sublime quando entre o coração e a lagrima passar um raio de luz da instrução - que transforme aquele num livro aberto a todas as reflexões da sciencia e no qual as lagrimas se estampem transformadas em letras luminosas ensinando os preceitos eternos do evangelho social.

Educar e instruir a mulher para torná-la em aurora esplendorosa capaz de iluminar as profundezas sombrias do coração do homem - é a glorificação do sonho de Deos na criação dos mundos pelo cumprimento de um grande dever moral.

T. Tapajoz

A mulher tem, em todos os tempos, fornecido bellissimas páginas à historia da humanidade. desde as santas mulheres da Bíblia, até as que illustraram os annaes de todos os povos antigos e modernos, como Semiramis, Cornelia, Lucrecia, Isabel da Hungria, Branca de Castella, Isabel de Portugal, Catharina da Russia, Joana d'Arc, Mmes Roland, de Stael, de Sevigné e mil outras, vereis que alem das virtudes próprias, ellas sabem inspirar e elevar as de seus filhos, esposos e todos aqueles sobre quem podem estender sua influencia benéfica.

Felizmente o Brazil em sua curta história, já pode apresentar modelos muito illustres. Quem ignora o bello feito de D. Maria de Souza ensinando seus filhos a combaterem até darem a vida pela defesa da Pátria? De uma D. Clara Camarão e das heroínas suas companheiras que pelejam ao lado dos pernambucanos espantando os velhos guerreiros holandezes? De uma Catharina Paraguassú e Damiana da Cunha, que tanto concorrem para chamar á luz da civilização os indigenas de suas nações? de uma Maria Barbara que prefere cruel morte a faltar á fé conjugal? De uma D. Anna Nery que vela dias e noites a cabeceira de nossos soldados á vida os feridos e consolando os moribundos?

Tratai da educação intelectual de nossas patricias e vereis de quanto são capazes esses typos da virtude e do amor em suas mais elevadas manifestações

Augusto Fausto de Souza

Educar a mulher do povo, despertar-lhe o instinto do bello, inspirar-lhe o amor da arte é lançar em terra fertilissima sementes da mais auspiciosa germinação. A colheita será abundante de fructos abençoados; e os zelosos cultivadores amontoarão em seu celleiro a messe das supremas alegrias que a de resultar do cumprimento da sua augusta missão.

Joaquim de Mello

Benedicta seja a cruzada que prepara a nobilitar a mais formosa creatura de Deus pela mais sublime feitura da humanidade!

Que d'esplendores não irradiarão daquelle cerebro quando elle se fizer luz para alumiamiento dos mais ignorados e humildes representantes do genero humano!

Coração de mulher, só quem não vos adora nos extremos de esposa; só quem não vos advinha nos carinhos de mãe, ou vos não reconhece no puro amor de filha e de irmã - só esse, - maior desgraçado de quantos mais o são no mundo, duvidará que redobrareis de ternura e de sublime resignação ou que multiplicareis, mil vezes mais, vossos thesouros de profundo e doce amor, quando o sol da verdade houver de guiar-vos na senda escabrosa da vida, cujos espinhos Deus vos mandou afastar, com vossas brancas mãos de fadas, d'ante os passos do homem na sua peregrinação sobre a terra!...

Benedicta seja a cruzada que se prepara a nobilitar a mais formosa das creaturas de Deus pela mais sublime feitura da humanidade!

Ladislau Netto

Meu bom amigo,

Não é para mim deixar sem resposta uma cartinha sua. Quer que eu em vinte linhas diga alguma coisa sobre a educação da mulher; a limitação do espaço limita felizmente o numero de trivialidades, pois que enfim que diria eu que não esteja dito e redito? Parece-me ate que basta dizer, e é tempo agora de refazer. Ainda em bem que é o que tomou a peito o Lyceu de Artes e Officios; ajudemol-o pois, a fazer e deixemos de dizer.

Que devemos educar a mulher niguem o desconhece.

Mas para que a educaremos? Para quanto educamos o homem, dizem uns, para isto e para aquilo, restringem outros. Não creio que assista inteira razão aquelles. Não é só nas formas physicas que a mulher difere do homem; differe pelas aptidões e faculdades moraes e intellectuaes; differe ainda pela necessidade da própria natureza.

Si homem e mulher têm de reciprocamente completar-se, physica, moral e intellectualmente, formando um só todo, a cada metade a de caber missão distincta bem que congenere. devemos, pois, educar a mulher para ser mulher. Mas qual o papel que esta ha de representar na vida comum, qual o quinhão que lhe caberá na prossecução dos destinos da humanidade para a perfeição possivel? É questão que me parece ainda longe de solvida pelo consenso unanime, mas que tão pouco vem aqui a pello. A educação que o Lyceu vai dar á mulher ha de aproveitar-lhe sempre; nada, pois de duvidas nem de hesitações, ajudemos; que é de todos a causa.

Excedi as suas vinte linhas? Tanto melhor para mim e para a sua Collectanea; sahira espurgada d'estas frivolidades do seu velho amigo

Luiz de Castro

Applaudo a fundação do Lyceo das mulheres, não como obra de philantropia, mas como acto de reparação social.

Cultivar o espirito do bello sexo e fortifical-o para o bem, facilitando-se-lhe o cumprimento da sua missão moral.

Na escuridão facilmente nos extraviamos; pela fraqueza é que todos succumbimos.

A ignorancia é, ao mesmo tempo, escuridão e fraqueza.

Possa a mulher Brasileira, por effeito dessa bella iniciativa, fecunda em resultados moraes para a sociedade, reconhecer o beneficio que se lhe faz e dizer como a sublime Donna do Dante:

Quando saró dinanzi al signor mio
Di ti mi loderó sovente a lui

Q. Bocayuva

Educar a mulher para formar a mãe educadora:

Educai a mulher tanto quanto seja preciso para fazer della uma boa mãe de familia, a mais solida base do progresso da humanidade.

No dia em que a mulher deixar cahir ás portas do lar as angelicas azas, sob cujo calor deverão abrigar os innocentes filhinhos, para correr em busca das victorias da sciencia, apagará a aureola fulgente que a tornava Santa e Venerada.

E, quando, cansada das fadigas, vencida na luta, voltar ao lar domestico, este será deserto, mudo, e a sua solidão e a sua mudez a farão reconhecer que, aprendendo muitas coisas que deveria ignorar, desaprendeu justamente aquella que nunca deveria esquecer: a sciencia das mães.

Dr. Moreira Sampaio

Como incitamento para os nobres e delicadissimos encargos sociaes, cumpre á mulher illustrar e exercitar suas facultadaes intellectuaes.

Si, porem, affastar-se ella de seu objectivo, isto é, de educadora do sanctuário do lar doméstico, jamais ter-se-ha a mulher - mãe -. Incutir-se um princípio desorganizador no espirito feminino, tal como o ensino profissional, próprio do homem, é não mostrar-se sabedor das leis positivas que regem a sociedade e a cada um de seus membros. As bellas artes, as sciencias naturaes, e a moral, sobretudo, devem servir de base para a educação única da mulher. - Ella é a ordem social, por excellencia, della virão os filhos dignos para o engrandecimento da - humanidade.

As nossas mais sinceras saudações ficam aqui assignaladas ao benemérito e utilissimo Lycêo de Artes e Officios.

Rubem Tavares

Grande temeridade é pretender devassar o futuro, rompendo as sombras expeças que o envolvem.

Mas ao patriotismo, por ser nobilissimo sentimento,

permite Deos propheticos enlevos.

Nos arroubos d'alma pressinto que o Brazil occupará sem tardança lugar conspicuo entre as nações cultas.

Para isso muito têm de concorrer os dotes eminentes das mães Brasileiras.

Cultivar-lhes o espirito penetrante, e lapidar-lhes o coração diamantino, é tarefa das mais proficuas a que podem entregar-se os operários da civilização patria.

Brilhante exemplo fornece a história do que vale para a educação dos filhos o maternal carinho. A Cornélia, a mãe dos Gracchos, levantou Roma uma estatua.

Formar as nossas Cornélias será invejavel gloria do Lyceo de Artes e Officios.

Manoel Francisco Correia

Cherchez la Femme, dizia um celebre magistrado francez, todas as vezes que se tratava da investigação de um crime ou da descoberta de seu autor.

Procuraria a mulher, dever-se-hia também dizer sempre que se quizesse estudar a origem dos grandes feitos e os segredos da existência venturosa do homem, si os juizos creados pela sociedade para julgar dos delictos e dos desvairios dos seus membros, houvessem também de conhecer de seus actos heróicos e de suas santas alegrias.

Si, pois, é a mulher o móvel principal de nossas acções, boas ou más, e a causa primeira de nossos risos e de nossas lagrimas, segundo o seu coração é rico ou pobre de puros e elevados sentimentos, e sua intelligencia luminosa, ou inculta; - eduquemol-a, para que d'ella só nos possa porvir a gloria, a ventura e o bem.

F. A. do Espirito Santo

O Lyceo e as aulas para a propagação da educação das mulheres, vem realizar hoje no Brazil, a consoladora e utilissima idéa, a que Aimé Martin, consagrou há quarenta annos, o seu bello livro: A educação das mãis de familia.

Já era tempo.

Procurar instruir os homens, e deixar na ignorancia as mulheres, é um erro, e um crime. Erro porque é desconhecer a

influencia que as causas anteriores exercem no determinismo individual e social, crime, porque condemna á frivolidade, ás más paixões, e muitas vezes ao vicio, aquelles que devem ser os primeiros e mais seguros guias das novas gerações. Concorrer, pois, para obra meritoria é ser um apóstolo da verdade e da civilização, e tu, e teus companheiros, o têm sido, oh Bethencourt da Silva!

A. E. Zahuar

O Lycêo de Artes e Offícios, esse Briarêo da geração moderna, democratizando a instrucção no Brazil, faz com que a mulher entre na esphera da mais conveniente erudição, constituindo-se naturalmente esposa e mãe desvelada, sabendo ser a melhor preceptora de seus filhos.

Unamo-nos, pois, e de esforço em esforço, auxiliando o fundador d'aquelle estabelecimento utilissimo, que é também o do Lycêo para mulheres, Elevemos essa nobre instituição ao ponto de que é digna, e que será tão útil ao sexo feminino quão proficua á nossa sociedade.

Acordemos o futuro da familia Brasileira no berço onde nasce a aurora da liberdade das futuras gerações.

Candido Elias Mendonça de Carvalho.

Solfejos

Como um immenso relampago que n'uma só palpação luminosa abrange toda a cinta do horizonte, assim a ideia do Lyceu para mulheres envolveu n'um só clarão todo o espirito da Familia Brasileira; mas não para voltar, como o relampago, ao seio das sombras, mas para eternisar seu brilho na lampada de nossas mais bellas esperanças:

A mãe de familia.

Só ella tem o poder, senão a magia, de soprar vida pura na estatua que vem de molde ideal no som crystalino de um beijo, na encarnação deste pensamento, unguido pelo óleo da Fé: a transformação do amor em felicidade.

Só ella conhece, porque são suas as vibrações, as cordas mais afinadas do sentimento.

É pois necessário que a mulher, que caminha sempre adiante de toda a vida do homem, tenha, com a claridade de luar que lhe é eterna nas noites do coração, a luz de estudo quando baste para guial-o com firmeza e doçura no caminho das paixões, ahí onde de um passo a outro a vida moral se prolonga no exercício de mais uma virtude social, ou a morte o sepulta vivo, com a consciencia apagada, na treva de um abysmo.

As artes liberaes, que servem ao homem de azas vigorosas para levar as regiões da gloria o nome das grandes nações, são para a mulher a irradiação do bello moral, a fisga de sol dos sentimentos ternos a colorir a felicidade da familia, que é a medida elastica da grandeza da patria.

Paula Barros

O progresso é o desenvolvimento da Ordem.

Aug. Conte

Entre as aberrações que tem dado lugar uma concepção anti-scientifica do progresso, nenhuma deve mais alarmar os corações patrioticos do que a pretensão de crear na mulher um concurrente ao homem, abrindo-lhe o livre accesso das mesmas profissões industriaes e scientificas. O perigo é tanto maior quando se appella, consciente ou inconscientemente para os estímulos inferiores da natureza humana, - a cobiça, o orgulho, a vaidade, - comprimindo o que há de mais nobre em nosso coração, - o apego, a veneração, o amor universal, - a pretexto de melhorar a condição feminina nas sociedades modernas. Ergue-se por esta forma um mundo de rivalidades entre os dous sexos, cuja consequencia será a degradação feminina pelo cultivo directo desses instinctos egoistas e a compressão continua desses móveis altruistas. A essa degradação fatal seguir-se-ha o maior embrutecimento do homem pelos attritos de uma lua inevitavel e por insufficiencia da acção moralisadora da mulher. E desses homens depravados e dessas mulheres dechidas só poderá porvir uma geração abastardada pela fixação na espécie dos vícios adquiridos por taes antepassados. Eis a grandeza que nos havia de preparar a mulher médica, jurisconsulta, industrial, etc, si a inflexibilidade das leis morais não fosse um obstaculo ás tentativas anarchicas de nosso século.

Lamentaes a ignorancia da mulher? Pois instrui-a: dae o conhecimento das artes liberaes e abri-lhe os thesouros de vossa

sciencia: mas que vossa sciencia corresponda ás opulencias de seu coração extremoso; que ella lhe proporcione os elementos de melhor realisar a sua funcção educadora, como já fornece ao proletário os meios de mais ampla satisfação de seus deveres industriaes. Condoem-nos a sua penuria e desamparo? Proclamae cada vez mais alto o dever do homem sustentar a mulher. Tormae esse dever uma realidade; formae homens capazes de comprehendel-o e executal-o: o problema não é viver; é viver com dignidade, isto é, com a elevação moral que se dá o predomio dos sentimentos nobres.

R. Teixeira Mendes

Instruir o espirito sem educar o coração é augmentar a aptidão do homem para o mal; pelo contrario cultivar a intelligencia depois de innocular na alma o sentimento do bem, é augmentar-lhe a aptidão para o bem.

Só as mães podem educar o coração do homem. Dahi a justificação da idéa altamente humanitaria e philosophica de ennobrecer o espirito da mulher para que ella, com a consciencia do seu providencial destino na sociedade, saiba pelo conselho e pelo exemplo ser mãe.

Lino de Almeida

Dar á mulher uma educação que a eleve ao nivel das necessidades da sua existência e da sua missão no século em que vivemos, é mais do que dignificar a companheira do homem, a esposa e mãe: é preparar pela hereditariedade a forma do homem do futuro.

Esta é a grande, a maior, a excellente tarefa dos que crêm na solidariedade tradicional da sua espécie.

Joaquim da Costa Ramalho Ortigão

Um paiz não bitola o seu progresso unicamente pela diversidade do emprego que dá ao vapor e à electricidade; mas também pela instrucção de todos os seus filhos. A educação é um dos melhores beneficios que se pode conceder á

humanidade, e principalmente a facção que lhe é mais delicada e interessante. A mulher.

A mulher é uma rosa, e a educação o perfume, que a torna encantadora, o espinho que a defende. Muitas vezes os governos auxiliam pressurosos o mineiro que se aprofunda nas entranhas da terra em busca de um diamante que o enriqueça, e que, no entanto pode empobrecer o Estado, e deixam descurada sobre a terra valiosíssimas gemmas, que, se forem lapidadas, serviriam de adorno a sociedade e reduziriam a estilhaes o vidro que geralmente encerra e occulta a bondade d'alma.

A reforma social não depende pois, como ha pouco se pensou em França, em attribuir à mulher todos ou grande parte dos direitos civis de que goza o homem é o regaço de sua mãe, e esta, sublime professor, precisa saber ensinar.

J. J. do Rosário

O Lyceu de Artes e Officios completou sua missão grandiosa e civilizadora inaugurando as aulas para o sexo feminino, tornou-se um estabelecimento modelo e digno do século em que appareceu; assim louvores ao cidadão Bethencourt da Silva que levantou o grito - instrução à mulher.

Se a mulher é o primeiro livro em que o menino estuda deve ella aprender para poder ensinar e preparar-se para ser mestra desde o berço da criança que a chamará de mãe, pois é sublime para o homem confessar que bebeu com o leite a instrução que possui, poder repetir com Lamartine

"O que sei devo-o a minha mãe"

Dr. Moreira de Azevedo

Soneto

Os problemas são dous: - a educação do povo,
E já de prompto o termo á vil escravidão
Agita-se o primeiro em todo o mundo. Novo
Turba este, de onde um, é cultivado e são

Quem educa a mulher o cidadão prepara;
Diz á patria - caminha! - e seu porvir aclara;

Do povo á gratidão tem, pois, sagrado jus.

A outra solução, por Deus, que surge agora!
Como vem do oriente, após a noite, a aurora,
Do Lycêo vai surgir da liberdade a luz!

Luiz José Pereira da Silva

A Educação da Mulher

Assim como, para que todo o edificio não desabe, para que resista ás injurias do tempo e se conserve inalterável, é mister levantá-lo sobre solidas bases, assim também muito importa instruir e educar o homem nos sãos princípios da sciência e da moral desde seus mais tenros annos.

O beneficio da instrucção e da educação deve outrosim estender-se aos adultos e especialmente á classe, que ha bem pouco, pelo desmesurado orgulho do patriciado e pelo estulto egoísmo do privilégio, estaria condemnada á ignorancia de seus direitos e deveres e se assentava abandonada nas trevas e na sombra da morte, á classe dos operários, que é a parte mais activa, a parte mais util e a mais vital da sociedade; aquella que forma o verdadeiro povo.

Para que mais facilmente possa progredir a instrucção e a educação dos meninos e dos operários, convem antes de tudo educar a mulher.

Na mulher está o grande segredo, a força motriz da moralidade e da civilização dos povos.

Exercendo uma mysteriosa influencia sobre o coração do homem, ella o domina, e a seu talante, com um poder quasi irresistível, leva-o pelo caminho que lhe apraz.

A instrucção, a educação, o livre exercicio de suas faculdades intellectuaes e moraes, a consciencia das próprias forças, o trabalho, o justo conceito de sua dignidade, eis o que se requer na mulher para que possa bem preencher sua missão educadora.

Afim de reerguel-a á altura donde uma falsa Philosophia e a cruel ambição do homem a tinham precipitado, vejo com indizível satisfação formar-se uma patriotica cruzada, a cuja frente se acha o conspicuo fundador do Lyceo de Artes e Officios.

Salve, Bethencourt da silva! Eu que também me prezo de ser obreiro do progresso, faço ardentes votos ao céu pelo feliz resultado de teu nobre empenho.

José Manoel Garcia

Educar a mulher é desenvolver-lhe os bons instinctos, é dar-lhe a idéa luminosa de sua ingente superioridade, é povoar-lhe o cerebro das noções do justo, do util e do honesto, é levantar seu coração á suprema altura de todos os sentimentos nobres dando realce a suas ingenitas virtudes. Perspicaz e advinhadora, a mulher acha sempre uma verdade de mais, no âmago das sciencias e vae com celeridade ao alcance e ao fim das disciplinas que aprende.

Corina, a sabia grega, denominada, a musa lyrica, foi rival de Pindaro - cinco vezes lhe arrebatou as palmas do triumpho nos jogos Olympicos e foi acclamada vencedora; Gabriela - Emilia, Marqueza do Chatelet, depois de assombrar no conhecimento das linguas antigas e modernas, profunda-se nos entre seios das sciencias physicas e mathematicas, escreve as Instituições da Physica, a Anályse Philosophica de Leibnitz e a Tradução dos Princípios de Newton!

Eis quão não pode a mulher dirigida pelos caminhos das letras e das sciencias, eis como ella se ha de tornar o sustentaculo e guia do saber e da moralidade das gerações novas, eis finalmente como ella ha de ser a estrella do lar guiando a náu da vida a porto de salvamento. Bem hajam aquelles que comprehendem o glorioso porvir desta santa cruzada e que vão como Godofredo salvar as sagradas reliquias das mãos dos infiéis.

J. M. Velho da Silva

Bibliografia e Fontes

1 - Fontes.

A) No Arquivo Nacional:

- Instrução primária e secundária da Corte. Ofícios do Inspetor Geral - 1880 a 14 de novembro de 1889.
- Inspeção geral da instrução primária e secundária da Capital. Ofícios do Inspetor Geral - 15/11/1889 a 05/05/1890.
- Inspeção geral da instrução primária e secundária da Capital. Ofícios do Inspetor Geral - 06/05/1890 a abril de 1893.

B) Na Biblioteca Nacional:

- No setor de Obras Raras.
- A Família
- O Quinze de Novembro do Sexo feminino
- O Sexo Feminino
- Polyantea Commemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino, Imperial Liceu de Artes e Ofícios, Rio de Janeiro, 1881.
- No setor de Obras Gerais.
- Abranches, João Dunshee de _ Ensino superior e faculdades livres, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1905.
- Almeida, Julia Lopes de _ O Livro das Donas e das Donzellas, Rio de Janeiro, Alves, 1906.
- Azevedo, Josephina Alvares de _ A Mulher Moderna - Trabalhos de propaganda, Rio de Janeiro, Typ. Montenegro, 1891.
- Bellegarde, Guilherme _ O Liceu de Artes e Ofícios e as aulas para o sexo feminino, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1881.

- Brandão, João C. Teixeira _ A educação nacional no regime republicano, Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1907.
- Campos, Alfredo _ A missão da mulher, Lisboa, 1890.
- Castro, Tito Livio de _ A mulher e a sociogenia, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1893.
- Discurso do Dr. Carlos Lessa proferido no dia 7 de janeiro de 1882, por ocasião da festa de inauguração do novo prédio do collegio Conceição destinado ao sexo feminino, Rio de Janeiro, 1882.
- Ferreira, Felix _ A educação da mulher, notas colligidas de vários autores, Rio de Janeiro, Typ. Haldebrant, 1881.
- _____ _ O Liceu de Artes e Officios e as aulas de dezenho para o sexo feminino, Rio de Janeiro, 1881.
- Lima, José de Souza _ Educação... A mulher e o amor, Rio de Janeiro, Typ. Montenegro, 1888.
- Martin, Louis Aimé, _ Família; ou a civilização do genero humano pelas mulheres, Porto, Typ. da Livraria Nacional, 1870.
- Monteiro, João Pereira _ Pareceres.. sobre os projetos dos Drs. A. A. de Azevedo Sodré e Leôncio de Carvalho, São Paulo, Typ. Espindola, Siqueira, 1903.
- Moreira, Nicolau Joaquim _ Duas palavras sobre a educação da mulher, discurso pronunciado perante Sua Magestade o Imperador na sessão solene da Academia Imperial de Medicina em 30 de Junho de 1868, Rio de Janeiro, Typ. Progresso _ 1868.
- Nogueira, Manuel T. Alves _ Organização do ensino secundário para o sexo feminino, Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1884.
- Oliveira, Alvaro Remigio de _ A educação da mulher e a maçonaria. Bahia, 1907. “trabalho lido pelo pharmaceutico Alvaro Remigio de oliveira, na sessão de posse da Loj.: Udo Schleusner, aos 28 de junho de 1907.”

- Reis, Aarão Leal de Carvalho _ A instrução superior no Imperio, Rio de Janeiro, Typ. de D. Luiz dos Santos, 1875.
- Rennotte, Marie _ Influencia da educação da mulher sobre a medicina social. These apresentada à Faculdade de Medicina e Pharmácia do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1895.
- Rio de Janeiro _ Conferências efetuadas na exposição pedagógica, Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1884.
- Rio de Janeiro, (Distrito federal) Programas das escolas profissionais femininas, Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Comercio, 1916.
- Werneck, Américo _ Arte de educar os filhos (à jovens mãis). Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Comercio, 1895.

C) No Instituto Histórico e Geográfico do Brasil.

- Aniversário do Lycêo de Artes e Officios - 23 de novembro de 1915.
- Barroso, José Liberato _ "A educação da mulher" .in Conferências populares. Maio - nº 5 - 1876. Rio de Janeiro, J. Villeneuve & C., 1876.
- Bellegarde, Guilherme _ Discursos Pronunciados.
- Bethencourt da Silva, F. J. _ Lycêu de Artes e Officios. Exposição histórica apresentada ao Exmº Sr. Conselheiro Barão de Cotegipe. 1888.
- Correia, Manoel Francisco _ "A educação na família e na escola". in Conferências populares. Junho - nº 6 - 1876. Rio de Janeiro, J. Villeneuve & C., 1876.
- Regulamento do ensino primário, normal e profissional do Distrito Federal. 1898.

2 - Bibliografia.

- Ariès, Philippe & Duby, Georges (orgs.) _ História da Vida Privada, 4: da

- Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo, Cia das Letras, 1992. 1ª reimpressão.
- Araújo, Rosa Maria B. de _ A vocação do prazer. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
- Badinter, Elisabeth _ Um Amor Conquistado. O Mito do Amor Materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- Benchimol, Jaime Larry _ Pereira Passos um Haussmann tropical. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1992. 2ª edição.
- Bernardes, Maria Thereza C. Crescenti _ Mulheres de ontem? Rio de Janeiro - século XIX. São Paulo, T. A. Queiroz, 1988.
- Bicalho Maria Fernanda B. _ "O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX". in Costa, Albertina de Oliveira & Bruschini, Cristina (orgs.) _ Rebeldia e Submissão. São Paulo, Vértice: Fundação Carlos Chagas, 1989.
- _____ _ O Bello Sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social apresentada ao Museu Nacional - UFRJ em 1988.
- Buitoni, Dulcília S. _ Mulher de papel, representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo, Loyola, 1981.
- Carvalho, José Murilo de _ Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo, Cia das Letras, 1987.
- _____ _ Teatro das Sombras: A Política Imperial. São Paulo, vértice, 1988.
- Costa, Albertina & Bruschini, Cristina (orgs.) _ Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1993.
- Costa, Jurandir Freire _ Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro, Graal, s/d.
- Deleuze, Gilles _ Foucault. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- Engel, Magali _ Meretrizes e Doutores. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo, Brasiliense, 1989.

- Esteves, Martha de Abreu _ Meninas perdidas. Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- Foucault, Michel _ A Arqueologia do Saber, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- _____ _ História da Sexualidade volume I. A vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1988, 7ª edição
- _____ _ história da sexualidade 2. O uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Graal, 1988. 5ª edição.
- _____ _ Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1988. 7ª edição.
- _____ _ Vigiar e Punir. Petrópolis, Vozes, 1988. 6ª edição.
- Hahner, June E. _ A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- Hubert L. Dreyfus e Rabinow, Paul _ "Sobre a genealogia da ética: uma visão do trabalho em andamento." in: Escobar, Carlos Henrique _ Dossier. Rio de Janeiro, Taurus Ed., 1984.
- Hunt, Lynn (org.) _ A nova História Cultural. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- Lopes, Eliane Marta Teixeira _ "Pensar categorias em história da educação e Gênero" in Projeto História, São Paulo, (11), novembro, 1994.
- Louro, Guacira Lopes _ "Uma Leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero"; in Projeto História, São Paulo, (11), novembro, 1994.
- Machado, Roberto _ Ciência e Saber. A trajetória de Michel Foucault. Rio de Janeiro, Graal, 1981.
- Mattos, Ilmar R. de _ O tempo Saquarema. São Paulo/Brasília, Hucitec/INL, 1987.
- Nagle, Jorge _ Educação e sociedade na primeira República. São Paulo, EDUSP, 1974.
- Needell, Jeffrey D. _ Belle Époque Tropical. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo, Cia das Letras, 1993.

- Perrot, Michelle _ Os excluídos da história. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- Rago, Margareth _ “A categoria do Gênero no Pós-Estruturalismo”. Mimeo, 1995.
- _____ _ Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. 2ª edição.
- _____ _ Os prazeres da noite. Prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- Reis, Maria Cândida Delgado _ “Imagens flutuantes: mulher e educação (São Paulo, 1910- 1930)” in Projeto História, São Paulo, (11), novembro, 1994.
- Rosemberg, Fulvia et alii _ A educação da mulher no Brasil. São Paulo, Global, 1982.
- Saffioti, Heleieth _ A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. São Paulo, Quatro Artes, 1969.
- Scott, Joan _ “Gênero: uma categoria útil de análise histórica.” in Educação e Realidade, Porto Alegre, 16(2), jul./dez, 1990.
- Sennett, Richard _ O declínio do homem público. As tiranias da intimidade. São Paulo, Cia das Letras, 1993. 3ª reimpressão.
- Sevcenko, Nicolau _ Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 1989. 3ª edição.
- Simmel, Georg _ Filosofia do Amor. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- Soihet, Rachel _ “Enfoques feministas e a história: desafios e perspectivas.” Mimeo, 1995.
- _____ _ Condição feminina e formas de violência. mulheres pobres e ordem urbana 1890-1920. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.
- Stein, Ingrid _ Figuras femininas em Machado de Assis. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- Tobias, José Antônio _ História da educação brasileira. São Paulo, Ibrasa, 1986.